

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**Os efeitos da Globalização e das Novas Tecnologias no
Jornal de Letras, Artes e Ideias – uma análise geral**

Daniela Filipa Guerreiro Marques

Relatório de estágio orientado pelo Prof. Doutor Rodrigo Miguel
Correia Furtado, especialmente elaborado para a obtenção do grau
de Mestre em Cultura e Comunicação

2016

Agradecimentos

A realização deste relatório de estágio não teria sido possível sem a presença e dedicação de importantes pessoas que surgiram na minha vida.

Assim, quero agradecer em primeiro lugar aos meus pais, por me possibilitarem esta oportunidade e pela enorme paciência que tiveram comigo. Ao meu namorado João Martins, pelo seu apoio incondicional. Às minhas melhores amigas, tão queridas, que estiveram sempre ao meu lado nos melhores e nos piores momentos, Filipa Pereira Coutinho, Sara Costa e Tatiana Guerreiro. Aos meus colegas de mestrado, Marina Arruda, Andrezza Nascimento e Pedro Colaço, pelos seus preciosos conselhos.

Um obrigado muito especial ao meu professor e orientador Rodrigo Furtado. Agradeço-lhe toda a disponibilidade, empenho, segurança, conhecimento e amizade que me transmitiu. Sem o professor nada disto seria possível!

Ao diretor José Carlos de Vasconcelos, que me concedeu a oportunidade de estagiar no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Aos colegas jornalistas do *JL*, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte, Maria Leonor Nunes e Rita Santos, agradeço-lhes todo o acompanhamento, os ensinamentos, os conselhos e as palavras de amizade. Foram os melhores colegas de trabalho que eu poderia desejar ter.

Resumo

Este trabalho pretende analisar o impacto que a globalização, e consequentemente as novas tecnologias têm na imprensa escrita. Com o aparecimento da *Internet*, a comunicação tornou-se muito mais rápida e eficaz ganhando novas formas de se estabelecer. O *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, local onde realizei o meu estágio de Mestrado, serve de base a este estudo. Toda a forma como a instituição está organizada, os seus membros e os seus objetivos servem para que possamos analisar e refletir sobre as potencialidades do jornal face ao mundo digital. Assim o grande objetivo deste trabalho passa por verificar as mudanças que se têm verificado no *JL* com a globalização, e por tentar encontrar formas de o jornal se afirmar nesta sociedade em rede. Sugere-se concretamente que, sem perder o foco na sua edição impressa, o *JL* possa potencializar a utilização que já faz de ferramentas como a *Internet*, e nomeadamente o seu *site* ou a sua página no *Facebook* de modo a poder interagir de forma mais consistente com o seu público e ao mesmo tempo criar e conquistar novos públicos.

Palavras-Chave: Globalização, Novas Tecnologias, Comunicação, Imprensa Escrita, *Jornal de Letras*

Abstract

This essay's purpose is to analyse the impact that globalization, and consequently, the new technologies, have on the written press. With the appearance of the Internet, communication has become much faster and effective gaining new forms of establishing itself. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, place where I conducted my master's degree internship, serve has a root to my study. Anyway, the way the institution is organized, their members and goals enable the analysis and considerations about the potential of the journal against the digital world. This way, the main purpose of this piece is to verify the changes that occurred on *JL* with the globalization and to try to find ways and solutions for the journal to keep up with the connected society. The suggestions, without forgetting the paper component of the journal, seek to potentiate the use of tools like the Internet and subsequently its website and Facebook page in a way that allows a more consistent interaction with its already users and readers, while keeping a permanent search for a new audience.

Keywords: Globalization, New Technologies, Communication, Written Press, *Jornal de Letras*

Lista de abreviaturas

JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract	v
Lista de abreviaturas	vii
Introdução	1
Parte I	3
1. Globalização.....	5
1.1. Globalização e Novas Tecnologias	14
1.2. Desafios da Imprensa Escrita após a Globalização	24
Parte II.....	33
1. <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> - Uma breve apresentação	35
1.1. O <i>JL</i> a acompanhar o Mundo Digital – <i>Internet, Site e Facebook</i>	41
Parte III.....	45
1. Análise SWOT do <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i>	47
Parte IV	59
1. Descrição do estágio no <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i>	61
1.1. Escolha do local e principais objetivos	61
1.2. Descrição das tarefas realizadas	64
1.3. Reflexões finais sobre o estágio no <i>JL</i>	76
Conclusão	79
Referências Bibliográficas	83
Anexos.....	87
Anexo 1: Breves	89
Anexo 2: Entrevista ao João Pedro Marques.....	90
Anexo 3: Notícia “2.º Festival Ibérico de Teatro”	91
Anexo 4: Notícia “Arquiteturas Film Festival”	92
Anexo 5: Breves	93
Anexo 6: Notícia “Lisboa Acolhe – Um Concerto Solidário”	94
Anexo 7: Artigo “O exorbitante peso das mochilas”	95
Anexo 8: Entrevista à Joana Ruas	96

Anexo 9: Notícia “Festival Verão Azul”	97
Anexo 10: Breves	98
Anexo 11: Participação na entrevista ao João Salaviza	99
Anexo 12: Notícias: “Ciclo de Cinema Caminhos da Infância” e “A Bíblia Medieval – do Românico ao Gótico”	102
Anexo 13: Breves	103
Anexo 14: Estante Educação	105
Anexo 15: Notícia “Mostra de Teatro de Almada”	106
Anexo 16: Breves	107
Anexo 17: Entrevista ao António Filipe Pimentel.....	108
Anexo 18: Entrevista ao Dimas Simas Lopes	109
Anexo 19: Notícia “Democracia na Era Digital”	110
Anexo 20: Notícia “Cinema Israelita volta a Lisboa”	111
Anexo 21: Breves	112
Anexo 22: Colocação de vídeo no <i>site</i>	113
Anexo 23: Fotogaleria da coleção Masaveu.....	114
Anexo 24: Estante educação	115
Anexo 25: Breves	116

Introdução

O tempo passou, os hábitos alteraram-se e o ser humano teve de aprender a viver com essa mudança. Hoje vivemos num mundo que chamamos globalizado; um mundo onde somos acompanhados pela presença constante das novas tecnologias. Na verdade, comunicar nunca foi tão fácil como o é hoje. Com a *Internet*, surgiram novas formas de comunicação, que alteraram o panorama dos jornais tradicionais, pois cada vez mais optamos por ler as notícias no ecrã e tendemos a esquecer o formato em papel. É precisamente sobre este ponto que o meu trabalho pretende debruçar-se. Deste modo, o assunto principal estudado neste relatório refere-se às alterações que aconteceram na imprensa escrita após a entrada de meios tecnológicos.

Tendo como base um estágio curricular realizado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* entre o dia 9 de setembro e o dia 8 de dezembro de 2015, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Cultura e Comunicação, pretendo refletir sobre qual será a posição do *JL* em relação às crescentes transformações tecnológicas. Deste modo, analisarei e avaliarei os meios digitais que o *JL* já utiliza atualmente de modo a discutir os desafios que o mesmo terá de enfrentar perante esta nova realidade, que se assume digital. Mais do que um relatório, este trabalho apresenta-se como uma reflexão sobre a posição dos novos meios de comunicação e informação na imprensa escrita, em que o *JL* se apresenta como um estudo de caso.

Contudo, nada disto seria possível sem passar antes por uma investigação e análise teórica sobre determinados conceitos e também sem um conhecimento aprofundado do *JL*. Por isso, este relatório encontra-se dividido em quatro partes.

A primeira parte apresenta o resultado de uma investigação que serve de base para a presente reflexão. Assim este é um capítulo fundamental, em que o tema central é o conceito da globalização, incidindo principalmente no seu processo histórico, desde os seus primórdios até aos nossos dias, de maneira a entender o que designamos e entendemos pelo fenómeno. Este capítulo subdivide-se em mais dois capítulos. Um primeiro, que diz respeito às novas tecnologias que se foram afirmando na nossa sociedade, criando novos hábitos, e um segundo, que pretende referenciar os desafios que a imprensa escrita enfrentou após a consolidação do processo da globalização.

A segunda parte diz respeito ao *JL*. Tem como principal objetivo apresentar o local de estágio. Desta maneira nesta parte mostro a entidade, referindo os seus objetivos e a sua constituição, bem como as várias secções que o mesmo integra. Faço referência ainda às novas tecnologias que a redação do *JL* dispõe e utiliza diariamente, de modo a perceber qual a ligação existente entre o jornal e o mundo digital.

A terceira parte deste relatório assume-se como uma reflexão que pretende dar respostas à maneira como o *JL* se assumirá no futuro, de modo a corresponder às alterações resultantes das novas tecnologias. Também nesta parte analisarei outros aspetos, não tecnológicos, mas que são igualmente importantes para que o *JL* continue a marcar presença. Portanto, construirei um exercício que se trata de uma análise SWOT, onde observarei as fraquezas e ameaças do *JL*, de maneira a encontrar soluções de as contornar, e onde verificarei as suas forças e oportunidades para delas aproveitar o máximo de aspetos positivos.

Por fim, na quarta e última parte esclareço os motivos da escolha do local de estágio e descrevo todas as tarefas que realizei, mencionando todo o seu procedimento. Refiro todos os momentos que foram importantes para o meu crescimento profissional, assim como todas as dificuldades encontradas e as oportunidades permitidas.

Com todos estes capítulos pretendo contribuir para um maior esclarecimento sobre esta nova era, em que a *Internet* é a protagonista, e interpretar a maneira como o *JL* se adaptou. Espero ainda que o presente trabalho contribua para um conhecimento aprofundado de novos conceitos que fazem hoje parte da sociedade e que, acima de tudo, tente encontrar respostas no sentido de entender qual o caminho que o *JL* deve delinear para acompanhar esta era.

Parte I

1. Globalização

‘O mundo é mesmo pequeno’. Este ditado popular que usamos com frequência nunca esteve tão presente na nossa sociedade como hoje. A comunicação nunca foi tão fácil e rápida entre as pessoas; a utilização das novas tecnologias é cada vez mais intensa e a proximidade a outras culturas e idiomas maior. Tudo isto nos aponta para o processo de globalização que caracteriza a sociedade do século XXI, um pouco por todo o planeta.

Como sabemos é a história que nos ajuda a compreender o presente. Por isso, para haver um maior entendimento sobre o conceito, importa primeiro conhecer, ainda que de uma maneira breve, o seu percurso. Depois de realizadas várias leituras, é possível observar que o fenómeno da globalização não surgiu agora, e é isso que será justificado. De facto, começou há alguns séculos, ainda que o seu modelo fosse diferente, naturalmente, daquele que conhecemos hoje.

Começaria por salientar um dos grandes momentos-chave no processo histórico que caracteriza a globalização até ao século XXI. Refiro-me aos descobrimentos ou expansão marítima europeia. Portugal desempenhou, como é sabido, um papel central neste processo. Para Jorge Nascimento Rodrigues e Tessaleno Devezas:

Luís de Camões imortalizou o pioneirismo português ao cantar em verso a saga da Nação europeia que deu «novos mundos ao mundo». Na sua magistral epopeia poética, inspirada pela então em voga visão heróica e predestinada do pequeno país do extremo ocidental da Europa, o poeta foi visionário – desenhou a originalidade do que hoje chamamos o nascimento da globalização, um termo na época desconhecido, nem sequer sonhado (Rodrigues e Devezas, 2009: 29).

Efetivamente, os navegadores portugueses devem ser considerados como pioneiros na diminuição das distâncias entre culturas, através das suas viagens. O processo de expansão marítimo, alargado depois por Espanha, França, Holanda ou Inglaterra/Reino Unido, permitiu um aumento de contactos entre civilizações, que embora se possa considerar completamente novo, vai permitir, de forma ímpar até então, um intercâmbio cultural em grandes proporções entre sociedades muito distantes. Em função dessas trocas, é possível dizer, simbolicamente, que o mundo realmente se movimentou e foi a partir disso

que o fenómeno de globalização à escala planetária se começou a construir, nascendo assim um processo global (Rodrigues e Devezas, 2009: 32).

Partilhando inteiramente a visão destes autores, reconhece-se a marca notável dos descobrimentos portugueses para estabelecer aquilo que hoje categorizamos como globalização. Assim, os navegadores portugueses, ao abrirem caminho ao contacto entre os povos, a novas culturas e à troca de visões de mundo, erigindo vínculos comerciais entre continentes, estabeleceram uma parte do que é hoje a comunicação a longa distância.

Os autores Jorge Nascimento Rodrigues e Tessaleno Devezas falam-nos ainda de alguns aspetos curiosos que estiveram na base da tese defendida do pioneirismo português. Nomeadamente, o facto de o alemão Martin Behaim ter produzido, em 1492, o primeiro globo terrestre através de saberes que obteve quando esteve no país. Além disso, referem ainda o surgimento da cartografia terrestre moderna e a produção do Atlas Mundial - em 1563, por Lázaro Luís – em Portugal (Rodrigues e Devezas, 2009: 35). Soma-se também a situação em que:

a dimensão da Expansão produziu uma primeira imagem da globalização bem patente nos famosos biombos japoneses *Namban* do século XVII (...), onde se retrata a diversidade de raças, biótipos, animais e objectos oriundos de vários continentes, que eram ‘movidos’ através dos oceanos pelas navegações portuguesas (Rodrigues e Devezas, 2009: 36-37).

Em suma, verificamos que Portugal deu um contributo determinante para o processo da globalização. No entanto, importa analisar outras características igualmente decisivas para a progressão do fenómeno.

O século XIX serviu de palco ao desenvolvimento dos meios de transporte. Segundo Malcolm Waters, “os próprios progressos nos transportes melhoraram a comunicação por correio” (Waters, 2002: 139). O contributo de Samuel Morse foi igualmente decisivo, pois o pintor, em meados do século XIX, através do telégrafo, enviou a primeira mensagem, refere Anthony Giddens (Giddens, 2002: 22). É de sublinhar que até àquela data “nunca tinha sido enviada uma mensagem sem que uma pessoa a transportasse ao seu destino” (Giddens, 2002: 22).

Partindo da importância do telégrafo, acima enunciado, Malcolm Waters sublinha um exemplo de grande relevância no processo de globalização. Segundo o autor:

talvez o acontecimento mais importante na globalização do século XIX tenha ocorrido durante a Guerra da Crimeia, por volta de 1850, quando o correspondente de guerra do *Times*, um tal Sr. Russel, pôde telegrafar de imediato a sua reportagem para Londres, para que a descrição dos acontecimentos estivesse disponível apenas um ou dois dias após a sua ocorrência (Waters, 2002: 139).

O exemplo parece um passo determinante no que diz respeito à divulgação da informação. A imagem aqui presente talvez fosse já um prenúncio do que viria a ser o acesso à comunicação. Os acontecimentos longínquos começavam a chegar de uma forma cada vez mais rápida. Estávamos perante o início de uma grande era no que toca à facilidade de informação e conhecimento. Seguidamente surgem as invenções do fonógrafo, por Thomas Edison, e do telefone, por Alexandre Bell. Todos estes factos foram etapas preciosas no intuito de se estabelecer comunicação entre povos e culturas distintas.

Sem dúvida que o tempo não pára e por isso mesmo também novas situações vão surgindo. Se no século XIX ocorreram acontecimentos que consideramos relevantes para a história da globalização, no século XX os mesmos tornaram-se decisivos. Claro que, mais uma vez, essas ocorrências relacionaram-se com os meios de comunicação. Malcolm Waters revela-nos que “a implantação da rádio, o primeiro verdadeiro meio de comunicação electrónico, verificou-se efectivamente nos anos 20 e 30. A televisão só começou a massificar-se a partir da Segunda Guerra Mundial (...)” (Waters, 2002: 140). Seguidamente vêm os computadores.

A globalização, como observa Anthony Giddens, “acima de tudo, tem sido influenciada pelo progresso nos sistemas de comunicação, registado a partir do final da década de 1960” (Giddens, 2002: 22). O autor indica ainda que:

O primeiro satélite comercial foi lançado em 1969. Agora há mais de duzentos destes satélites em órbita, cada um carregado com uma enorme diversidade de informações. Pela primeira vez na História, podemos estabelecer comunicação instantânea com o outro lado do mundo (Giddens, 2002: 22).

Também Thomas L. Friedman admite que “graças às parabólicas, aos satélites, à Internet e à televisão podemos agora ver, ouvir e olhar através de quase qualquer espécie

deparede concebível” (Friedman, 2000: 93). O telefone, a televisão e a rádio foram sem dúvida elementos prestigiosos no acesso à comunicação, como vimos anteriormente. Mas foi devido ao aparecimento da *Internet*, em 1969, que aconteceu uma revolução esplêndida, e consequentemente, o termo globalização se fortaleceu. Aliada ao facto de permitir o estabelecimento de comunicação com o outro lado do mundo em segundos, a *Internet* ocupa um destaque central nas redes de tecnologias. Assim, hoje, mais do que nunca, a comunicação é de uma facilidade imensa e a rapidez com que a informação circula é notável. Friedman refere o seguinte:

quando digo que as inovações na computação, miniaturização, telecomunicação e digitalização democratizaram a tecnologia, o que quero dizer é que tornaram possível a milhões de pessoas em todo o mundo contactarem umas com as outras e intercambiarem informação, notícias, conhecimento, dinheiro, fotos de família, transacções comerciais, espectáculos de música ou programas de televisão de maneiras, e num grau, nunca antes vistos (Friedman, 2000: 81).

Este assunto será abordado de um modo mais pormenorizado no segundo ponto do meu trabalho, intitulado “A Globalização e as Novas Tecnologias”. Para já, centrarei a minha atenção nas várias definições do fenómeno da globalização.

Atualmente, o termo é usual em todo o mundo. Contudo, é difícil falar deste conceito com clareza, perante a complexidade de definição e significados. Para Anthony Giddens:

A palavra «globalização» pode até nem ser muito elegante ou atractiva. Mas ninguém, absolutamente ninguém, que pretenda progredir neste final de século a pode ignorar. (...) Na França, a palavra é *mondialisation*. Na Espanha e na América Latina, *globalización*. Na Alemanha dizem *globalisierung* (Giddens, 2002: 19).

Podemos então dizer que a globalização está por todo o lado, seja inserida em discursos políticos ou na gestão de empresas. Sem a utilização do seu conceito seria impossível progredir na sociedade atual. Cabe ressaltar ainda que, segundo o autor, “até finais dos anos 80, o termo quase não era usado, nem na literatura académica nem na

linguagem corrente. Apareceu não se sabe de onde, para chegar a quase todos os sítios” (Giddens, 2002: 20).

Ao contrário do que disse o último estudioso referido, Malcolm Waters considera que a partir dos anos 1960 este termo já estava em utilização (Waters, 2002: 1). Para ele o termo “global” já tem cerca de 400 anos e acrescenta que as definições de globalismo e globalização foram dadas em 1961 pelo Dicionário Webster (Waters, 2002: 1). Refere ainda que “como o pós-modernismo era o conceito dos anos 80, agora a globalização pode ser o conceito dos anos 90” (Waters, 2002: 1).

Conceptualmente, Waters refere globalização “*como um processo social através do qual diminuem os constrangimentos geográficos sobre os processos sociais e culturais, e em que os indivíduos se consciencializam cada vez mais dessa redução*” (Waters, 2002: 3). Isto é, os limites físicos são reduzidos tornando as pessoas muito mais próximas, mesmo em locais geográficos diferentes, justificando, assim, a ideia inicial de que o mundo é realmente pequeno.

Constrangimentos geográficos postos de parte, com as tecnologias a desenvolverem-se, temos a capacidade de estar em qualquer ponto do globo através da telepresença por exemplo. Comprar um livro está agora à distância de um simples clique, sem necessidade de sair de casa. Qualquer jornal mundial está no nosso computador, ou temos acesso, hoje, às suas notícias. Thomas L. Friedman reforça que “graças à democratização da tecnologia, hoje todos podemos ter um banco em nossa casa, uma livraria em nossa casa, uma corretora em nossa casa, uma fábrica em nossa casa, uma empresa de investimento em nossa casa, uma escola em nossa casa” (Friedman, 2000: 76-77). Isto coloca algumas questões delicadas, pois nem todas as pessoas têm o mesmo acesso a tecnologias nem a esta informação, mas a verdade é que esse estreitamento geográfico está cada vez mais patente na nossa vida quotidiana.

Retomando as opiniões dos estudiosos, sublinho agora Anthony Giddens. Este autor, já citado nesta minha análise, alerta para o facto de se considerar a globalização, muitas vezes, como um fenómeno económico e justifica-o com a definição de Martin Wolf “«integração de atividades económicas, cruzando fronteiras e mercados»” (Giddens, 2007:24). Também Boaventura Santos parte da mesma linha de ideias: “nos debates acerca da globalização há uma forte tendência para reduzi-las às suas dimensões económicas. Sem

duvidar da importância de tal dimensão, penso que é necessário dar igual atenção às dimensões social, política e cultural” (Santos, 2005: 32).

Tendo em conta que a globalização económica é vista com uma maior relevância em vários debates, vamos começar por tentar perceber a sua definição. Manfred Steger sobre globalização económica refere o seguinte:

A globalização económica refere-se à intensificação e ao alargamento das inter-relações económicas pelo mundo fora. Fluxos gigantescos de capital e de tecnologia estimularam o comércio de produtos e serviços. Os mercados estenderam o seu alcance ao mundo inteiro criando, nesse processo, novas ligações entre as economias nacionais (Steger, 2006: 44).

A globalização permitiu a ocorrência de um rápido progresso dos mercados financeiros mundiais. Hoje, os países podem facilmente estabelecer contactos e comercializar produtos e serviços entre eles. Estas ligações são possíveis devido à rede tecnológica mundial. Assim, temos a globalização económica, com transações constantes a nível mundial.

Sobre esta vertente da globalização, é importante referir ainda que são os Estados Unidos da América os detentores do principal poder. Thomas L. Friedman refere que “no sistema da globalização, os Estados Unidos são a única e dominante superpotência, e todas as outras nações estão-lhe subordinadas em maior ou menor grau” (Friedman, 2000: 38). De sublinhar que isto não se reflete só na economia mas também no âmbito militar e cultural.

Regressando de novo à questão das vertentes da globalização, observa-se, portanto, que o fenómeno não é só económico. Os efeitos da globalização fazem-se sentir noutros campos, nomeadamente no político e no cultural. Nas palavras de Manfred Steger:

A globalização política refere-se à intensificação e à expansão das inter-relações políticas no mundo. Estes processos levantam um conjunto importante de matérias políticas que dizem respeito ao princípio da soberania do Estado, ao impacto crescente das organizações intergovernamentais e às perspectivas futuras de governação regional e global (Steger, 2006: 62).

A globalização política é assim um conjunto de relações. Como o autor refere, as organizações intergovernamentais têm um grande impacto. É um bom exemplo a importância da União Europeia, organização que procura promover a cooperação entre os países europeus. São vários os países que estão juntos pelos mesmos motivos e tentam resolver assim os seus problemas. Deste modo, realizam-se conferências globais, onde se debatem temas como a fome, a poluição ou o terrorismo. Também a ONU (Organização das Nações Unidas) é responsável por um bom relacionamento entre os países para se poder atingir a paz mundial. As suas principais ações visam minimizar as desigualdades sociais entre esses países.

Por último, é importante centrar a atenção na globalização cultural. O autor Manfred Steger diz que “a globalização cultural refere-se à intensificação e à expansão dos fluxos culturais pelo globo” (Steger, 2006: 74). Acrescenta ainda que “se falamos da vertente «cultural» preocupamo-nos com a construção simbólica, a articulação e a disseminação do significado” (Steger, 2006: 74).

Quando se menciona este tipo de globalização é inevitável não se falar de uma ‘americanização’, ou seja, tudo aquilo que se relaciona com a cultura norte-americana. Para John Naisbitt:

A cultura popular norte-americana domina esmagadoramente na área do estilo de vida global.

A música, a televisão, os livros, as revistas e, especialmente, o cinema norte-americano parecem se espalhar por todos os cantos do mundo, tornando-se universais (Naisbitt, 1994: 27).

Renato Ortiz partilha da mesma opinião, afirmando que “os Estados Unidos dominam a produção e a distribuição mundial de dramaturgia televisiva, filmes e publicidade” (Ortiz, 2007: 90).

Marcas americanas, como por exemplo Coca-cola, CNN, McDonald’s e Levis, estão na ordem do dia. Agora tudo se tornou mais próximo, modificando a nossa vida, as nossas práticas e os nossos costumes. Observa-se que está aqui presente o processo de aculturação, definido pelo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa como: “fenômeno pelo qual um grupo de indivíduos de uma cultura definida entra em contacto com uma cultura diferente e

se adapta a ela ou dela retira elementos culturais”. Neste caso, absorvemos alguns elementos da cultura americana, que passam a estar presentes em todo o lado e começam a fazer parte dos nossos dias.

Neste contexto de globalização cultural é importante ainda falarmos da globalização da língua inglesa. Segundo John Naisbitt:

Existem, no mundo atual, mais de um bilhão de falantes de inglês – pessoas que falam o inglês como vernáculo, como segundo idioma ou como um idioma estrangeiro.

Sessenta por cento das transmissões de rádio mundiais são em inglês; 70% da correspondência mundial está escrita em inglês; 85% de todas as conversas telefônicas internacionais se dão em inglês; 80% de todos os dados armazenados nos 100 milhões de computadores do mundo estão em inglês (Naisbitt, 1994: 21).

Assim, não restam dúvidas para afirmarmos que o inglês é a língua universal (Naisbitt, 1994: 21).

Depois de entender o fenómeno da globalização nas suas várias vertentes, repara-se que existiram de facto grandes mudanças ao longo dos anos, em consequência deste processo, que não são específicas de um determinado lugar, mas que se fazem sentir em todos os cantos do mundo. “as mudanças que nos afectam não estão confinadas a nenhuma zona do globo, fazem-se sentir um pouco por toda a parte”, diz-nos Anthony Giddens (Giddens, 2002: 15).

Sabemos que, por um lado, a globalização trouxe consigo mudanças extraordinárias, nomeadamente o desenvolvimento dos meios de transportes e das novas tecnologias. A globalização permitiu também um acesso mais facilitado à comunicação, possibilitado pela sociedade de informação, que resultou numa ampla difusão de conhecimento. A rapidez com que as notícias se difundem graças aos desenvolvimentos tecnológicos é notória. As descobertas científicas, facilitadas por estes planos tecnológicos também devem ser sublinhadas como um aspeto bastante positivo da globalização.

Agora, tudo se passa em tempo ‘real’, a televisão permite que entre para dentro das nossas casas aquilo que se passa lá fora. Também a *Internet* se destaca como uma das grandes e mais fortes qualidades da globalização.

Hoje, é fácil identificar qualquer parte do mundo sem nunca lá ter estado. Tudo se move de uma maneira muito mais rápida e as distâncias são muito mais pequenas. Contactar com um amigo, que está do outro lado do mundo faz-se com uma facilidade formidável. Conhecemos e debatemo-nos melhor com outras realidades. Vivenciamos experiências, por exemplo, sem estarmos lá fisicamente.

Manfred Steger fala das qualidades da globalização, referindo que a:

qualidade da globalização está reflectida na *expansão* e no *alargamento* das relações sociais, atividades e interdependências. Os mercados financeiros de hoje estendem-se por todo o mundo e o comércio electrónico processa-se vinte e quatro horas por dia. Centros comerciais gigantescos surgiram em todos os continentes, oferecendo aos consumidores que os podem adquirir bens de consumo de todos os cantos do mundo - incluindo produtos cujos diversos componentes foram fabricados em diferentes países (Steger, 2006: 20).

De facto, a globalização permitiu diversas novas aberturas, desde uma maior oferta de produtos a milhares de consumidores e a possibilidades de negócios internacionais, através de, por exemplo, um simples e rápido contacto através da *Internet*. Assim, esta rede levou à possibilidade de um intercâmbio incrível em diversas áreas e à existência de um mercado internacional. Disto são bons exemplos a criação de empresas multinacionais e a possibilidade de pensar projetos em enorme escala.

George Soros diz-nos que “a característica mais notória da globalização é a de permitir que o capital financeiro circule livremente (...)” (Soros, 2003: 18).

Por outro lado, é preciso afirmar que a globalização também trouxe consigo muitos problemas que fazem questionar todo este fenómeno. Por todo o lado, começaram a aparecer manifestantes, preocupados com o caminho que a globalização estava a tomar. O Fórum Mundial Social, em Bombaim, é um dos exemplos. Este Fórum reuniu, no ano de 2004, ativistas de todo o mundo, que tinham em mente a preocupação pelos efeitos da globalização (Stiglitz, 2007: 27-28).

Os activistas presentes tinham ouvido as promessas da globalização – que faria com que toda a gente vivesse melhor; mas tinham visto a realidade: enquanto uns estavam, de facto,

a viver bem, outros estavam bem pior. Aos seus olhos, a globalização era uma grande parte do problema (Stiglitz, 2007: 28).

Depois do acompanhamento do Fórum Mundial Social, Stiglitz seguiu para o Fórum Económico Mundial, em Davos, na Suíça. Também ali havia um questionamento acerca das vantagens da globalização (Stiglitz, 2007: 29-30).

Estas conclusões demonstram como a situação da globalização se tinha alterado, pois, ainda nas palavras do autor, “no princípio dos anos 90, a globalização tinha sido saudada com euforia” (Stiglitz, 2007: 31). Agora, a euforia desaparecera e tinha-se tornado numa inquietação que não é difícil de explicar. Stiglitz menciona que “já vimos o lado negro da globalização: as recessões e depressões que a instabilidade global trouxe com ela; a degradação do ambiente à medida que o crescimento global avança sem regras globais (...)” (Stiglitz, 2007: 50). O autor prossegue a sua análise referindo ainda que “mesmo os países industrialmente avançados começam a questionar a globalização, porque com ela vem a insegurança e a desigualdade económica (...)” (Stiglitz, 2007: 50).

Na verdade, segundo o autor “até na maioria dos países desenvolvidos, os ricos estavam a ficar mais ricos, enquanto que, muitas vezes, os pobres nem estavam a conseguir sustentar-se” (Stiglitz, 2007: 33). Assim, enquanto os ricos se tornam mais ricos, os pobres por outro lado ficam mais pobres, provocando uma desigualdade imensa. Aliados a esta situação, surgem os problemas de desemprego.

Há, ainda, problemas relacionados com práticas terroristas, realizadas principalmente através de meios tecnológicos, ou o grande problema que é o aquecimento global. Sem dúvida, este último é uma das consequências mais evidentes do processo de globalização. Existe, uma grande preocupação em todo o mundo com a proteção do meio ambiente. Os efeitos provocados pelo aquecimento global tendem a ser desastrosos. Torna-se assim evidente que a globalização estava a perder o seu encanto inicial e a tornar-se um grande problema.

1.1. Globalização e Novas Tecnologias

Estamos perante uma sociedade que se pode considerar como uma sociedade informativa e tecnológica. O fenómeno da globalização é, em grande parte, o principal

responsável por esta denominação, que se estabeleceu de maneira mais concreta com a presença das novas tecnologias.

A década de 60 assiste ao aparecimento do conceito de “Aldeia Global” por McLuhan, que defendia que com o desenvolvimento dos meios de comunicação, o mundo inteiro ficaria ligado como uma aldeia. Segundo Paulo Nunes:

O conceito de Aldeia Global (...) está directamente relacionado com o conceito de globalização e corresponde a uma nova visão do mundo possível através do desenvolvimento das modernas tecnologias de informação e de comunicação e pela facilidade e rapidez dos meios de transporte (Nunes, 2015).

Dominique Walton também utiliza o conceito de “Aldeia Global” criado por McLuahn:

Durante muito tempo, as informações eram tão raras, as técnicas tão limitadas, que qualquer progresso que permitisse um maior número de informações gerava muito logicamente uma melhor compreensão do mundo, *a fortiori*, uma melhor comunicação. No período de um século, o progresso das técnicas foi tão grande – do telefone à rádio, da televisão ao computador, e hoje a Internet – que acabámos por assimilar progresso técnico e progresso da comunicação, ao ponto de se chamar «aldeia global» a este novo espaço mundial da informação (Walton, 2004:17).

Repara-se, portanto, que o aparecimento das novas tecnologias permitiu uma fácil ligação entre todo o mundo. Isto fez com que as pessoas se aproximassem mesmo que estivessem a milhas de distância, rompendo com os impedimentos geográficos e mudando assim, radicalmente, o panorama da sociedade. Com a presença do telefone, da televisão, da rádio, do computador e da *Internet*, os nossos hábitos de facto modificaram-se. A facilidade de receber informações e de comunicar permitiu que todos estivéssemos unidos, daí a comparação com uma aldeia, onde a informação facilmente circula de uma maneira muito rápida. Porém, esta aldeia de McLuhan intitula-se grande e nela estamos todos conectados. Derrick de Kerckhove sobre aldeia global justifica o seguinte:

A noção da aldeia global nasceu na era da televisão, quando as imagens analógicas dominavam a consciência pública. (...) McLuhan pôde criar a expressão «aldeia global» porque a televisão nos deu o conhecimento de que existiam várias nações na Terra. Éramos todos aldeões do mesmo planeta” (Kerckhove, 1997: 243).

Kerckhove continua a sua observação, referindo que:

A televisão domina a ideia que fazemos das relações espaciais. Cada cadeia de televisão partilha, mais ou menos com as outras a mesma representação da realidade, particularmente quando estão a cobrir as mesmas notícias, desportos ou qualquer acontecimento em directo. É isto que faz do mundo uma aldeia onde toda a gente conhece toda a gente ou, pelo menos, onde toda a gente concorda, com maior ou menor relutância, que toda a gente partilha o mesmo espaço (Kerckhove, 1997: 243).

Sabemos que este aparelho – a televisão - coloca dentro das nossas casas o que se passa ‘fora delas’, isto é, traz-nos o exterior até nós em tempo real. Constantemente temos acesso a imagens reais de outras culturas, cidades e pessoas. Agora vivemos num mundo onde respiramos informação e conhecimento. Certamente a televisão estabeleceu um papel crucial para a comunicação mas há que mencionar outras tecnologias anteriores a esta, igualmente importantes.

Vimos no primeiro capítulo deste trabalho que as primeiras formas de comunicação começaram com o telégrafo, o fonógrafo e o telefone. Estes três meios de comunicação tiveram um papel bastante especial no arranque dos meios de informação, no sentido em que deram um forte impulso à comunicação. Contudo, o meio mais produtivo e mais revolucionário das novas tecnologias é sem dúvida alguma a *Internet*, que se apresenta como mais um desenvolvimento na forma como as notícias chegam até nós.

Quando falamos de globalização é inevitável não falarmos de *Internet*. Por isso importa perceber que novidade é esta, que aos poucos deixou de ser assim tão nova. O autor Gustavo Cardoso explica-nos que:

A Internet nasceu em 1969, não é, portanto, uma tecnologia da última década. Aquilo a que assistimos ao longo dos últimos trinta anos foi a uma evolução da sua tecnologia e a uma

difusão do mundo científico e académico para o mundo empresarial e daí para a população em geral (Cardoso, 2003: 12-13).

Efetivamente, aos poucos a *Internet* começou a entrar no nosso quotidiano, passando a fazer parte da nossa vida, seja por motivos profissionais, seja por motivos pessoais, ou apenas por um puro interesse neste novo meio que nos traz tantas novidades. Malcolm Waters refere sobre esta rede que: “com origem nos EUA, a Internet surgiu de uma fusão de redes locais (Local Area Network), que foi primeiro da responsabilidade militar.” (Waters, 2002: 143). Também Dan Schiller esclarece-nos sobre o surgimento da rede, referindo o seguinte:

O aparecimento da Internet não teve nada a ver com as forças de mercado e deve-se unicamente ao complexo militar-industrial da Guerra Fria. (...) A antepassada directa da Internet fora a Arpanet que, em 1969, tinha inaugurado um sistema totalmente novo de transportar mensagens digitalizadas entre computadores interligados (Schiller, 2002: 28).

No entanto, importa compreender que “a difusão da Internet só foi realmente possível quando o computador pessoal se generalizou e se tornou um novo equipamento de apoio ao trabalho e ao entretenimento, substituindo as velhas máquinas de escrever eléctricas nos escritórios e em casa.” (Cardoso, 2003:21). Na verdade, o computador foi outra das tecnologias valiosas para a comunicação. Evidentemente, não poderíamos prosseguir esta análise sobre novas tecnologias sem referir o papel dos computadores, os quais hoje fazem parte do mobiliário das escolas, das empresas e das nossas casas. O computador é um elemento essencial, devido às suas imensas funcionalidades. É um aparelho que tanto serve para trabalhar como para momentos de lazer. Utilizamo-lo quando pretendemos escrever, partilhar documentos, pesquisar alguma coisa, jogar e ver filmes, entre muitas outras coisas. Em suma, é um meio tecnológico bastante útil para os nossos interesses pessoais.

Retomando de novo a questão da *Internet* e utilizando as palavras de Gustavo Cardoso, há que entender por que razão se considera esta rede como um novo media.

Assim, tal como designámos a rádio, o telefone e a televisão por *media*, porque eles asseguram de diferentes formas – através do som, texto e imagem – a transmissão codificada de símbolos dentro de um quadro predefinido de estrutura de signos entre emissor e receptor, também a Internet é um *media*. Trata-se de um *media* multimédia porque utiliza de uma forma combinada e interligada – em hipertexto ou não – som, imagem e texto (Cardoso, 2003: 36).

A *Internet* assume-se como média exatamente por permitir a transmissão da informação que, ainda codificada entre símbolos, num quadro predefinido de estruturas de signos, estabelece a relação entre emissor e recetor. Tal como acontece com a rádio e a televisão, também designadas por *media*, ainda que com diferentes formas na sua matriz. A *Internet*, por seu lado, assume um canal multimédia já que combina hipertexto, som e imagem.

Mas então? O que faz este novo meio? Rémy Rieffel indicava que: “segundo a expressão de Peter Dahlgren, a Internet surge actualmente como um «média multimodal», oferecendo a possibilidade de comunicar de um para muitos (*one to many*) ou ainda de um grupo de utilizadores para outro grupo (*many to many*)” (Rieffel, 2004: 49).

A respeito disto, é de destacar que, claramente, um dos maiores privilégios que esta rede pode oferecer é a oportunidade de comunicar com o ‘outro’, em poucos segundos, independentemente do lugar em que cada pessoa se encontra. Nesta linha de ideias, Gustavo Cardoso interroga-se sobre a comunicação na *Internet*:

O que é, então, comunicar na Internet? É fazer aquilo que aprendemos em sociedade, integrar diversas redes de relações pessoais, profissionais, de amizade. É realizá-lo a maior parte das vezes através da escrita mas por vezes numa língua diferente da nossa língua materna, transformando também, desta forma, a comunicação. É utilizar por vezes abreviaturas e símbolos gráficos que interagem com as palavras para lhes dar um significado mais completo. É criar novos limites que têm menos a ver com a distância física e mais com a partilha de interesses comuns. É, acima, de tudo comunicar, isto é, trocar ideias, num espaço mais vasto do que aquele a que tínhamos acesso antes do aparecimento da Internet (Cardoso, 2003: 95).

A comunicação pela *Internet* é cada vez mais comum na sociedade, através do *e-mail*, de *blogs*, fóruns, *chats*, ou mais recentemente pelas redes sociais, nomeadamente: *Facebook*; *Whatsapp*; *Instagram*; *Skype*; *Twitter*; *Youtube* ou *Linkedin*. O ser humano é atraído para uma comunicação rápida e eficaz, independente da distância a que se estabelece. Comunica-se por motivos profissionais, por motivos pessoais, ou quando se pesquisa sobre alguma coisa. A *Internet* envolve-nos num mundo de conhecimento e informação a todo o minuto, atualizando-nos em relação ao que se passa ao nosso redor, ainda que isso seja do outro lado do planeta.

Porém, apesar de este novo meio de comunicação se apresentar de uma forma diferente das outras que conhecíamos, a intenção continua a ser a mesma: transmitir uma mensagem até outra pessoa. Deste modo, ainda tendo em conta as palavras do autor Gustavo Cardoso que referencia Manuel Castells:

Segundo Manuel Castells, estas tecnologias não permitem, na sua essência, fazer coisas novas. O que elas permitem é novas formas de organização da produção, do acesso ao conhecimento, novas formas de funcionamento da economia e, conseqüentemente, novas formas de cultura (Cardoso, 2003: 42).

As novas tecnologias não permitem fazer coisas novas, isto é, não criam novas formas de comunicação, apenas mudam os meios de se estabelecer essa comunicação. Refira-se o exemplo dos jornais, que continuam a apurar informações, fazer entrevistas, escrever textos como antes. No entanto, agora veiculam-se de uma maneira mais rápida, que consegue chegar a mais pessoas e assim possuir uma relação mais próxima com o leitor. Graças à *Internet*, os jornais disponibilizam muitas vezes as notícias antes de as mesmas saírem em papel, por exemplo. Todavia, continua-se a fazer jornalismo como antes, apenas é diferente porque os meios agora são outros. Tudo vai evoluindo e o ser humano tem de estar em constante sintonia com essa evolução.

Até agora referimos o lado bom da *Internet*, isto é, o lado que permite um acesso facilitado à comunicação, ao conhecimento e à informação. Porém, creio que a *Internet* também se reveste de aspetos negativos. Começo por destacar as palavras de Dominique Walton:

A globalização da informação torna o mundo muito mais pequeno, mas também muito perigoso. Vemos tudo, sabemos tudo, mas também temos consciência daquilo que nos separa dos outros, sem termos obrigatoriamente vontade de nos aproximarmos deles. Dantes, o Outro era diferente, mas estava afastado. Hoje, continua a ser diferente, mas está omnipresente, tanto no televisor da sala de jantar como no acesso às redes informáticas (Walton, 2004: 9).

Em síntese, pode-se comentar o ponto de vista do autor referindo que a globalização da informação se instaurou de tal forma nas nossas vidas que já não podemos voltar atrás. De facto, todos estamos em contacto com o resto do mundo e é muito difícil manter um afastamento relativamente ao outro, que se encontra sempre presente, ainda que não fisicamente, mas virtualmente. É como se a exterioridade tivesse o seu fim, somos afetados pelos acontecimentos que ocorrem à nossa volta, sejam eles relativos à política, à economia ou à religião, mesmo sem estarmos presentes nos mesmos. Vivenciamos os ataques terroristas pelos ecrãs, sofremos ao ver catástrofes naturais, emocionamo-nos ao ver o nosso clube de futebol, choramos, rimos, interessamo-nos por programas educativos. Em síntese, envolvemo-nos num jogo de sentimentos. É impossível um corte com aquilo que se foi criando, neste caso as novas tecnologias, que direta ou indiretamente fazem parte da nossa vida. Por isso, há que aprender a viver com as mudanças e tentar tirar o maior proveito delas, de um modo consciente e civilizado.

Estamos perante um mundo novo, que comporta muitos benefícios, de facto, mas também muitos riscos, pelo que há ainda outras consequências a ter em conta. Começamos pelas práticas terroristas, já mencionadas atrás como consequência da globalização. A *Internet* é um elemento fundamental para auxiliar o terrorismo, porque a troca de informação é bastante facilitada, pelo que é fácil chegar a qualquer pessoa e encorajá-la para essas atividades.

Pode existir, ainda, uma dependência total do ser humano por este meio, o que pode conduzir à perda do contacto físico com outras pessoas, quebrando o funcionamento normal das relações humanas. Rémy Rieffel observa que “o homem passa a comunicar cada vez mais com outros que estão distantes e cada vez menos com os que lhe estão próximos” (Rieffel, 2004: 221). Esta é uma das grandes questões da *Internet*: parece haver uma certa

tendência para os indivíduos se afastarem dos outros e criarem apenas uma relação digital, seja ela de que ordem for.

Há, ainda outros problemas, tais como o facto de muitas informações não serem verídicas e de ocorrerem crimes como o furto de informações pessoais e a reprodução de vídeos *on-line* em *downloads* ilegais.

Depois de uma breve análise sobre *Internet*, retomemos a globalização das tecnologias da comunicação. Na visão do autor Dominique Walton:

A globalização das tecnologias de comunicação começou por ser um factor de abertura ao mundo. Nunca será de mais referir a importância da rádio e da televisão como janelas abertas sobre o mundo. Mais de 4500 milhões de rádios e 3500 milhões de televisores, sem contar com mil milhões de telemóveis e quase outros tanto internautas: tudo isto se traduz necessariamente por uma maior abertura (Walton, 2004: 27-28).

Realmente a rádio e a televisão foram dois meios fundamentais para a comunicação. São vistas como um fator de abertura para o mundo, no sentido em que abrem uma janela sobre a qual nos podemos debruçar e espreitar qualquer acontecimento remoto. Com o aparecimento destes meios de comunicação, o fluxo de notícias é incrivelmente maior. Sabemos tudo o que está a acontecer em tempo real. Além do papel que ocupam enquanto informadoras, também se destacam como uma companhia para os que estão mais sozinhos. Todo o exterior está agora na nossa casa. Temos como exemplo eventos como jogos de futebol, teatros, circos, entre outros, a que outrora só podíamos assistir se estivéssemos no local onde os mesmos se realizavam. Agora graças às imagens transmitidas pela televisão podemos vê-los em qualquer lugar, seguindo de perto os nossos ídolos, por exemplo.

A rádio e a televisão trazem as notícias de todo o mundo, já o telefone e as redes de computadores permitem que possamos ir a qualquer ponto e interagir (Kerckhove, 1997: 192). O telefone é certamente um elemento prestigioso nesta análise. Desde o seu surgimento até agora, houve uma evolução formidável neste meio de comunicação. Devido às inovações que foram sendo estabelecidas na indústria das telecomunicações o custo das chamadas desceu brutalmente:

Não só pode telefonar mais barato *para* qualquer lado, como pode telefonar barato *de* qualquer lado, incluindo do seu computador portátil, da rua, do seu assento num avião ou do cume do Everest. Isto é possível porque as inovações em matéria de miniaturização têm reduzido regularmente o tamanho e o peso dos computadores, dos telefones e dos *paggers*. Hoje podem ser levados para um número cada vez maior de lugares e estão a alcance de pessoas com rendimentos cada vez mais baixos (Friedman, 2000: 77).

Na minha opinião, nos dias de hoje, o telefone pode ser visto como uma peça de vestuário, como um acessório de moda. Acompanha-nos para todo o lado e é hoje, muito mais do que a função que tinha outrora: realizar chamadas. Talvez se possa dizer que seja o nosso bloco de notas: é lá que temos as reuniões agendadas, as nossas fotografias, contactos, aplicações e outras coisas do nosso interesse. É no telemóvel que hoje temos acesso à *Internet* em todo o lado: nos transportes públicos, na rua, nos restaurantes. É um ótimo meio para lermos as notícias, para nos mantermos atualizados com o mundo. O ser humano passou a ser totalmente dependente do telefone e a sentir-se na obrigação de estar a par das últimas modas, para que assim possa ‘competir’ com o colega de trabalho ou o vizinho. Depois de referenciar as novas tecnologias que foram surgindo nas últimas décadas e as suas funções, verifica-se então que as mesmas se instalam muito rapidamente no nosso quotidiano.

Assim, vê-se que as TIC (Tecnologias de Informação e de Comunicação) alteraram a nossa relação com o espaço e com o tempo, segundo nos diz Rémy Rieffel (Rieffel, 2004: 225). Nas palavras do autor, as TIC alteraram a relação com o espaço no sentido em que:

Agora podemos aceder a partir de qualquer local (casa, escritório, locais públicos) a todo o tipo de informações e temos a sensação de possuir o dom da ubiquidade. O quadro da empresa pode continuar a consulta dos seus dossiês em casa, graças ao seu computador portátil, e, em caso de urgência, ser contactado no comboio, no carro ou em casa. O jovem pode ouvir música no seu quarto, passeando na rua ou a caminho da escola. Esta comunicação itinerante é o sinal de um espaço alargado, de uma «deslocalização» das actividades: o homem liberta-se pouco a pouco da sua dependência relativamente a um determinado lugar, para manter apenas ligações com as redes de comunicação (Rieffel, 2004: 225).

As novas tecnologias tornaram o espaço móvel. Já não existe um local fixo de trabalho, por exemplo, e isso deve-se, em grande parte, ao computador e à *Internet*, que permitem trabalhar através de casa. Se há algumas décadas atrás, quando viajávamos, enviávamos cartas ou postais, para contar onde e como estávamos, hoje já não é necessário. Basta tirar uma *selfie* quando chegamos a um local e partilhá-la nas redes sociais que, em poucos segundos, os nossos amigos saberão tudo. Estes são os efeitos dos novos meios de comunicação. O lugar onde nos encontramos já não é relevante mas sim o conhecimento de que dispomos para podermos realizar, através destes meios de comunicação, o que outrora fazíamos num local destinado para tal.

Relativamente à alteração temporal, o autor esclarece:

Graças ao Minitel e, sobretudo, à Internet, o utilizador acede a qualquer hora aos serviços que pretende consultar; graças ao videogravador, liberta-se da rigidez da programação televisiva; graças ao atendedor de chamadas, guarda as mensagens recebidas na sua ausência. De certa forma, a comunicação torna-se contínua e ocupa todas as sequências da nossa vida quotidiana (Rieffel, 2004: 225).

Com as novas tecnologias instaurou-se de facto uma alteração temporal. Nos dias de hoje, já não existe uma preocupação em ter de estar em casa na hora exata em que um programa dá na televisão, por exemplo, uma vez que é possível ver esse programa mais tarde. Se o telefone toca e não atendemos, temos acesso a ver quem fez a chamada, o que outrora não era possível.

Em suma, verificamos como a entrada das novas tecnologias alterou o mundo e como estão bem presentes nas nossas vidas. Os nossos objetivos e as nossas preocupações passaram a ser outras. Thomas L. Friedman estabelece uma comparação extraordinária entre a guerra fria e a globalização, referindo que “o símbolo do sistema da Guerra Fria era um muro, que dividia toda a gente. O símbolo do sistema de globalização é uma World Wide Web, que une toda a gente” (Friedman, 2000: 34). Além disso, “durante a Guerra Fria, a pergunta que mais frequentemente se fazia era: «De que tamanho é o teu míssil?» Na globalização, a pergunta mais frequente é: «A que velocidade trabalha o teu *modem*?»” (Friedman, 2000: 35). De facto, o mundo mudou!

1.2. Desafios da Imprensa Escrita após a Globalização

O aparecimento das Novas Tecnologias modificou, sem dúvida alguma, a nossa sociedade, levando-nos para um mundo que se intitula digital. Surgiram novas formas de comunicação, nomeadamente devido aos computadores e à *Internet*, que alteraram as formas de funcionamento dos jornais. Assim, encontramos-nos perante um cenário no qual os leitores e os profissionais da informação recebem as notícias pelos novos meios de comunicação. Será portanto necessário mudar as funcionalidades da imprensa escrita? É isso que vamos tentar perceber nesta análise, pois bem sabemos que os jornalistas tiveram de enfrentar momentos de novos desafios, para que estivessem à altura desta nova sociedade que se estava a formar. Deste modo, antes de prosseguir já para uma análise relativa à imprensa escrita, considero importante contextualizar esta sociedade, de modo a haver um maior entendimento do porquê das mudanças precisas nos jornais. Manuel Castells afirma que:

A sociedade em rede é a sociedade em que nós vivemos. Não é uma sociedade composta por cibernautas solitários e robôs em telecomunicação. Nem sequer é a terra prometida das novas tecnologias que resolvem os problemas do mundo com a sua magia. É, simplesmente, a sociedade em que estamos a entrar, desde há algum tempo, depois de termos transitado na sociedade industrial durante mais de um século (Castells, 2005:19).

Quando falamos em sociedade em rede, falamos num mundo onde vigora o digital, pois cada vez mais estamos todos conectados uns com os outros, não fisicamente mas através de meios eletrónicos, como os computadores, os *tablets* ou *smartphone*. Deste modo, esta sociedade tem como base as novas tecnologias, tema explorado no capítulo anterior. Na verdade, vivemos numa sociedade em que se formam relações cada vez mais virtuais, em grande parte devido à comunicação nas redes sociais e onde partilhamos as nossas ideias e histórias na *Internet*.

Nesta sociedade em rede, criou-se um novo espaço - o ciberespaço – um vocábulo cada vez mais usual no nosso dia-dia. De acordo com Turkle:

O uso do termo «ciberespaço» para descrever os mundos virtuais teve origem na ficção científica, mas, para muito de nós, o ciberespaço faz agora parte das rotinas da vida quotidiana. Quando lemos o nosso correio electrónico, enviamos mensagens para um painel de notícias electrónico ou reservamos bilhetes de avião através duma rede de computadores, estamos no ciberespaço. No ciberespaço, podemos conversar, trocar ideias e adoptar identidades fictícias que nós próprios criamos. Temos oportunidade de construir novos tipos de comunidades, comunidades virtuais nas quais participamos juntamente com pessoas de todos os cantos do mundo, pessoas com quem dialogamos diariamente, com quem podemos estabelecer relações bastante íntimas, mas que talvez nunca venhamos a encontrar fisicamente (Turkle, 1995: 12).

Perante as muitas mudanças que se estabeleceram na nossa sociedade, veja-se particularmente o caso do papel da imprensa escrita, o qual teve de enfrentar desafios face à introdução destes novos meios de informação e comunicação. O exemplo mais prático para confirmar esta mudança na imprensa escrita é o facto de outrora se ter de esperar pela saída dos jornais para se saber aquilo que estava a acontecer no mundo. Hoje já conseguimos fazer uma previsão do que vai sair nos jornais impressos graças à *Internet*, pois tem o poder de nos atualizar vinte e quatro horas por dia. Efetivamente a imprensa escrita debateu-se com uma nova forma de circulação e divulgação da informação nunca antes vista, pois já não olhamos tanto para o papel mas mais para o ecrã. Nesta linha de ideias, é importante fazer uma breve análise em relação ao que se alterou. Rémy Rieffel, por exemplo, observa que:

Bem dominada, pelo contrário, a tecnologia moderna pode ser uma formidável ferramenta de trabalho que facilita a actividade profissional dos jornalistas.

O desenvolvimento da informática, a criação de bancos de dados, a utilização da *Internet* representam um outro aspecto do desafio tecnológico. Aqui também, estas inovações têm uma dupla faceta: por um lado, permitem aos jornalistas ter acesso a uma grande quantidade de informação em tempo real, multiplicar as fontes de informação disponíveis; por outro, arriscam-se a conduzir os jornalistas para uma policompetência técnica e redactorial (cada vez mais lhes é exigido que efectuem o processamento da informação), a reduzir as possibilidades de distanciamento (o fluxo de informação nem deixa tempo para a reflexão)

e obriga-os a avaliar de forma rigorosa a informação que circula na Web (Rieffel, 2004: 149).

Neste sentido, verificamos que, de facto, existe vasta informação na *Internet*, de que não apenas as pessoas em geral mas também os jornalistas podem dispor, permitindo-lhes uma maior atualização relativamente ao que ocorre a sua volta e ajudando-os bastante nas suas pesquisas, favorecendo em muito a notícia ou o artigo a realizar. Esta opinião também é partilhada por Gustavo Cardoso:

a introdução da Internet nas redacções (...) foi, também, dominada pelo acesso dos jornalistas a arquivos pesquisáveis, a base de dados e a fontes. Essa utilização trouxe benefícios à actividade jornalística pelo acesso a mais informações e fontes – na maioria dos casos de forma gratuita (Cardoso, 2005: 273).

Certamente, o acesso a mais informação contribui bastante para um bom e rápido conhecimento dos jornalistas, favorecendo o seu trabalho. As informações podem ser obtidas por diversas vias, como por exemplo, através do correio eletrónico, do *chat*, do *Skype* ou de outros meios de comunicação. De facto, atualmente os jornalistas trocam e debatem ideias com outros profissionais, de uma maneira muito mais fácil e prática, enriquecendo dessa forma o seu conhecimento.

No entanto, o problema da *Internet* é também o excesso de informação, que se traduz numa necessidade de avaliação da mesma, dado que qualquer cidadão pode colocar informação na rede sem que seja realizada qualquer avaliação antes. Muitas vezes, retiramos informação da *Internet* sem consultar as fontes e assim caímos em erros. Na verdade, observamos que nem sempre a quantidade gera qualidade e é exatamente esse problema que a informação proveniente de *sites*, *blogs*, entre outros, gera. Assim, é imprescindível que exista uma avaliação da informação por parte de todos. Neste contexto, Gustavo Cardoso refere que:

Outro aspecto relacionado com os desafios introduzidos pela Internet foi que os jornalistas – a par dos utilizadores – tiveram de aprender a lidar com a comunicação mediada por

computador num ambiente onde a verificação da informação é extremamente difícil (Cardoso, 2005: 273).

Perante uma rede pública qualquer um pode publicar informação, o que torna as pesquisas dos jornalistas mais complicadas porque têm de analisar essa informação para perceber qual é a mais completa e a mais próxima da verdade. Ou seja, o jornalista tem como dever dar aos seus leitores a informação mais correta possível e ao usar uma informação tão vasta, torna-se complicado perceber qual é a certa. Tudo isto se deve à situação de que muita da informação a que o jornalista tem acesso vem da *Internet* e não só por testemunhos presenciais.

Sendo assim, se por um lado o grande acesso à informação é bastante útil para o jornalista, por outro lado também lhe pode dificultar muito a sua vida, pois a forma como se veicula a informação é tão rápida, que ele tem de saber gerir essa nova forma de dar notícias. Assim, essa rapidez com que os acontecimentos têm de ser dados não deixa um grande espaço para que haja uma reflexão apropriada sobre os assuntos, o que se pode traduzir em inúmeros erros. Soma-se ainda o facto de, como verificamos acima, as fontes de informação serem tantas que obrigam a uma avaliação para se entender se realmente são verídicas ou não.

Retomando os desafios da imprensa escrita, Gustavo Cardoso também refere algumas mudanças, evocando o seguinte:

Outra das mudanças com a qual os *mass media* tradicionais se deparam, na sua migração para o digital, é a erosão do tempo e espaço. Estão tradicionalmente ligados a lugares – reflectindo-se essa mesma lógica muitas vezes nos próprios nomes Rádio Televisão Portuguesa; Washington Post; etc; os jornais, através da rede de distribuição disponível e os emissores de rádio e televisão, pela configuração da sua rede. Pelo contrário, os *mass media* operando na Internet fazem-no a uma escala global não determinada nem pela distância nem pela geopolítica (Cardoso, 2005: 276).

Em verdade, o tempo e o espaço adquirem um outro significado no mundo digital. Como explica Gustavo Cardoso, anteriormente o local poderia ser imediatamente identificado, como o caso dos jornais regionais ou mesmo nomes sonantes que fazem

imediatamente uma associação com o espaço: The Washington Post, é o exemplo dado pelo autor. Agora que o espaço é sobretudo digital, o local parece importar menos, tendo em conta que os sites de notícias abrangem notícias de todo o mundo e os que agora surgem parecem não estar imediatamente associados a um espaço. Relativamente ao tempo, há o caso de que “os *media online* estão acessíveis 24 sobre 24 horas e o seu material – ao contrário de jornais e televisão – pode ser actualizado regularmente” (Cardoso, 2005: 276). Hoje, temos acesso às notícias de uma maneira muito mais rápida, pois estamos constantemente a ser informados com as últimas ocorrências. Quanto à atualização constante referida pelo autor, na realidade podemos observá-la como um aspeto bastante positivo do mundo digital porque atualizar uma notícia é melhorá-la e complementá-la da melhor forma, permitindo que o leitor tenha informação sempre recente e sem erros, dado que facilmente são corrigidos.

Diante dos muitos desafios, alguns já aqui colocados, que os jornais tradicionais têm pela frente, uma das questões que mais se tem debatido, em virtude do aparecimento dos novos meios de comunicação e informação, é sobre a sobrevivência da imprensa escrita. Depois de tantas mudanças nos nossos hábitos, o jornal em papel deixaria de fazer sentido numa sociedade onde cada vez mais o ser humano é acompanhado por meios tecnológicos, razão pela qual a sua durabilidade tem sido posta em causa. Porém, a verdade é que os jornais continuam a subsistir. Segundo Gustavo Cardoso:

A pergunta “será que a Internet vai levar ao desaparecimento dos jornais, rádios e televisão?” esteve presente nas confabulações de muitos profissionais do jornalismo no início da segunda metade dos anos noventa. Por muito estranho que nos possa parecer esta foi uma interrogação partilhada por muitos quando, em 1988-1999, a generalização da Internet a vastas parcelas da população começou a ocorrer.

Quando se caracteriza essa interrogação de “estranha” é porque a evolução da Internet veio a demonstrar quanto essa perspectiva do futuro estava errada (Cardoso, 2005: 260).

Os jornais tradicionais continuam a existir graças aos seus leitores que continuam a comprá-los, apesar de ainda assim haver uma grande queda no volume de vendas. Agora, importa verificar como é que numa sociedade que reside na era digital o papel continua a manter-se vivo. Assim sendo, é importante analisar os aspetos mais marcantes não só do

jornalismo tradicional, mas também do jornalismo *on-line*, porque tendo em conta que qualquer cidadão pode criar uma notícia na *Internet*, os jornais *on-line* passam também a estar mais sujeitos a uma extinção.

De facto, diz-nos Manuel Castells o seguinte:

O facto de ser uma comunicação horizontal, de cidadão para cidadão, permite-me criar o meu próprio sistema de comunicação na *Internet*, fazer as minhas escolhas e comunicá-las. Pela primeira vez há uma capacidade de comunicação de massa não mediatizada pelos meios de comunicação de massa (Castells, 2004: 243).

Como referido atrás, hoje em vez de serem só os meios de comunicação de massa na *Internet*, também os cidadãos estão nesta rede e são participantes ativos, produzindo conteúdos e informação. Qualquer leitor tem acesso a qualquer jornal ou qualquer outra fonte de informação (*blog*, *Facebook*, *sites* de televisão, agências noticiosas, etc.) em qualquer ponto do mundo. Isto resulta numa concorrência muito maior e a possibilidade de cotejamento entre várias versões da notícia é também muito maior.

Por isso, na linha do que ficou dito acima:

Coloca-se então o problema da credibilidade. Como pode acreditar-se no que aparece na *Internet*? No ano passado, no congresso dos editores de jornais norte-americanos, havia um certo temor por parte de vários empresários de Silicon Valley que profetizavam o fim dos jornais: o *New York Times* desaparecerá, tudo será *on-line*. A minha posição nesse momento era: haverá jornais *on-line*, o mesmo jornal ou algo distinto *on-line*, via televisão, rádio ou em papel, em distintos formatos para momentos e contextos distintos de utilização. Mas o problema essencial, quando tudo se encontra na *Internet*, é a credibilidade, e é aí que os meios de comunicação têm um papel essencial, já que tende a dar-se mais credibilidade à *La Vanguardia*, ao *New York Times*, ao *El País* ou ao *El Periódico da Cataluña*, do que àquilo que Manuel Castells possa colocar na rede num determinado momento. Neste sentido, o rótulo de veracidade – o *brand name* – é importante, na condição de que esse rótulo seja respeitado, convertendo a credibilidade de um meio de comunicação na sua única forma de sobrevivência num mundo de interacção e de informação generalizada (Castells, 2004: 243).

Segundo o autor, uma das razões que leva a subsistência dos jornais (tradicionais e *on-line*) é a confiança que os seus leitores depositam neles. A *Internet* é um poço de informação, todavia é essa quantidade de informação em excesso que nos faz duvidar da sua confiabilidade, levando o ser humano a procurar informação mais correta nos jornais. Isto porque, como disse o autor, a palavra/mensagem dos jornais vai ser sempre mais fiável do que as inúmeras publicações encontradas na *Internet*, que muitas vezes até acabam por dizer quase todas o mesmo. No entanto, na maioria das vezes, acontece o caso de o leitor ver as notícias na *Internet*, ou por vontade própria ou porque as recebe constantemente através de notificações, *SMS*, *e-mail*, etc. Porém é nas publicações dos jornalistas que o mesmo procura mais coordenadas sobre o que leu superficialmente. Há, ainda, o facto de a maioria dos jornais não terem no *site* a notícia na íntegra, ou seja, colocam os primeiros parágrafos com a nota final de ler o resto no formato em papel ou de adquirirem a versão digital, a qual tem um custo. Dado que a nossa confiança é entregue aos jornalistas, espera-se deles um trabalho esclarecido e exigente, que não contenha erros.

Mas, retomando a questão da sobrevivência dos jornais, também Gustavo Cardoso esclarece a sua opinião, que vai muito ao encontro do que Manuel Castells referiu:

Há hoje em dia publicações em papel e *online*, televisão analógica e digital, e embora os blogues tenham multiplicado as possibilidades de ter uma coluna de opinião, o jornalismo continua a ser uma profissão presente nas nossas sociedades e a maioria da informação noticiosa que hoje fruímos continua a provir de redacções jornalísticas (Cardoso, 2005: 260)

Assim, em jeito de conclusão, podemos referir que a credibilidade existente nos jornais poderá ser uma das causas que os mantém vivos. Continuando com as palavras de Gustavo Cardoso:

Mediadores, como os jornalistas, continuam assim a ser fundamentais para assegurar um processo de credibilização das notícias e outro tipo de informação. Daí que o papel do jornalista continuasse a ser central não podendo ser assim tão facilmente substituído. Em vez de substituição, aquilo a que assistimos durante a última década foi a complementaridade do acesso, da parte das audiências, aos produtos oriundos da prática jornalística, isto é, as notícias e a sua complementaridade com informação acedida

directamente de fontes primárias, agências de informação ou simplesmente acervos, de opiniões mescladas com notícias, como é o caso dos Weblog's, ou blogues (Cardoso, 2005: 271).

O jornalista assume sobretudo o papel de mediador, particularmente explícito quando confrontado com a atualidade e a função primordial de dever, que é nada mais do que ser uma fonte credível. Daí que as questões da ameaça do jornalismo do cidadão não representem mais do que isso mesmo, um tema de debate, que causa diferentes opiniões. Na verdade, o leitor continuará a ter necessidade de uma fonte que lhe dê informação exata e não lhe suscite dúvidas. Isto nem sempre é possível com a tal mesclagem de que Gustavo Cardoso fala, como os artigos de *blogues* que misturam opinião com informação. Com isto, verificamos que o jornalismo não deixou de existir, o que aconteceu foi uma complementaridade com a *Internet*. Pois, também os jornais agora têm opinião e muitos dos *bloguers* foram contratados pelos jornais. É evidente que o jornalismo não se substitui.

Cito Anabela de Sousa Lopes, pelas suas palavras bastante interessantes sobre o papel do jornalista neste novo meio:

O argumento de que qualquer cidadão pode ser jornalista porque lhe é permitida a divulgação de informação na Internet representa uma visão redutora desta profissão. Segundo esta perspectiva, os jornalistas são mero intermediários entre fontes e público. Ora, se a sua missão é bem mais complexa, a responsabilidade que se lhes depara no espaço público é também mais marcante e, mais do que nunca, deverá estar preparado para intervir como decodificador, para interpretar a realidade, compreender o passado e perspectivar o futuro (Lopes, 2000: 325-326).

Depois de uma análise sobre alguns dos desafios que o jornalista teve e tem pela frente com a introdução das novas tecnologias de informação e comunicação, confirma-se que continua a ter o seu papel enquanto elemento fundamental para oferecer a informação mais credível ao seu leitor. Contudo, sabemos que o futuro segue pelo caminho do digital e como tal, temos de estar em conformidade com o que se avizinha. Assim, o tradicional não deve competir com o digital, pois não é de todo isso que se pretende, mas antes encontrar

formas de o acompanhar. Por isso, os desafios da imprensa escrita estão sempre num processo de continuidade, que não sabemos ainda até onde poderão ir.

Parte II

1. *Jornal de Letras, Artes e Ideias* - Uma breve apresentação

Passaram 35 anos, foram publicados mais de mil números, e o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* ou apenas *JL*, como é mais conhecido, continua a ser um elemento de prestígio para a cultura portuguesa.

O nascimento do seu primeiro número data de três de março de 1981; desde então, com o seu cariz cultural, o *JL* presenteia-nos quinzenalmente com notícias relativas à literatura, cinema, música ou teatro. Conforme refere Ernesto Rodrigues:

Dirigido por José Carlos Vasconcelos, propõe-se, desde o 1.º número (Lisboa, 3.3.1981), «bom jornalismo especializado [...] compatibilizando no grau mais elevado possível a qualidade com a acessibilidade, ou mesmo a divulgação». A literatura é o principal campo operatório, contendo noticiário, entrevistas, resenhas, notas e ensaios críticos e pré-publicações (...) (Rodrigues, 1997: 1258).

Desde que o jornal foi fundado, compromete-se a realizar um jornalismo de qualidade superior, com jornalistas altamente qualificados para desempenhar, assim, um jornalismo especializado. Para além da exigência em termos de qualidade, pretende também, desde o início da sua criação, atingir um bom nível de divulgação, de modo que seja acessível a um grande número de pessoas. De facto é-o, pois o *JL* é distribuído nos países lusófonos, para as suas comunidades. Além disso, é relevante o número de assinantes fora de Portugal.

De acordo com dados disponibilizados pelo Departamento de *Marketing* da Imprensa, referentes à distribuição geográfica em papel do *JL*, verifica-se que em fevereiro de 2016 existia um total de 4 837 assinantes; destes, 4 399 consultam o *JL* em formato papel — sobre o formato digital escreverei mais à frente. Do total de 4 399 assinantes, Portugal está, então, em primeiro lugar com 3 639 assinantes; de seguida, os E.U.A (com 140 assinantes); França (85 assinantes); Alemanha (80 assinantes) e Brasil (64 assinantes). Também em destaque, a Espanha (44 assinantes), Angola (40 assinantes) e o Canadá (38 assinantes). No entanto, ainda que com menos relevância, também se verificam assinantes na Suíça, Moçambique, Itália, Luxemburgo, Holanda, Cabo Verde, Reino Unido, Marrocos,

Venezuela, Zimbábue, entre muitos outros países. Na verdade, a lista é bastante extensa o que justifica a notoriedade do *JL* e o poder de divulgação que detém.

Para caracterizarmos o *Jornal de Letras* temos de centrar a nossa atenção na sua equipa, pois, através do seu fantástico trabalho, garante um lugar de prestígio a esta publicação na cultura portuguesa. José Carlos de Vasconcelos, Manuel Halpern, Maria Leonor Nunes e Luís Ricardo Duarte são, atualmente, os responsáveis pela redação do *JL*. Durante o período do meu estágio, fez também parte desta redação Rita Santos. Apesar de já não se encontrar lá, faço questão de a mencionar, porque, tal como os outros jornalistas, foi também um elemento fundamental para o jornal, e para mim, enquanto uma boa colega.

A redação do jornal está integrada na revista *Visão*, o que faz com que, em comum, tenham alguns profissionais ao seu serviço: Teresa Rodrigues, Fernando Negreira e Patrícia Pereira. A Teresa Rodrigues ocupa o cargo de secretária, tendo como principais funções a distribuição do correio aos jornalistas, atendimento de chamadas e outros assuntos. Na fotografia, temos o Fernando Negreira que auxilia o *JL* disponibilizando o material fotográfico. Por fim, a Patrícia é a *designer*, responsável por toda a edição gráfica do jornal.

De facto, o *JL* é constituído por uma pequena equipa. No entanto, essa particularidade resulta num nível de entreaajuda excecional entre os jornalistas. Existe um grande aconselhamento entre todos para que cada edição do jornal seja o mais criteriosa possível e continue, assim, a traduzir-se numa qualidade de excelência. Devido à situação de crise económica, o *JL* não tem um revisor, o que faz com que os jornalistas tenham de rever os textos uns dos outros. Sem dúvida, esta situação fez com que a equipa se aproximasse e unisse, originando um ambiente muito familiar em que se destaca a dedicação.

Todos os jornalistas que compõem o *JL* estão altamente preparados para escrever sobre qualquer uma das secções, porém, cada um tem, naturalmente, o seu perfil próprio, com formação mais adequada numa área específica. Esta polivalência dos jornalistas leva a que a relação com o leitor seja mais sensível e a que informação transmitida seja mais esclarecida.

Assim, os artigos de cinema e de música são, por norma, realizados pelo jornalista Manuel Halpern, ficando sob a sua alçada as críticas de cinema, as entrevistas a realizadores ou a divulgação de novos discos; é ainda responsável por “Homem do Leme”,

uma crónica do *JL* inserida no *Debate-Papo* (última secção do jornal). Quando o tema é literatura, o protagonista é o jornalista Luís Ricardo Duarte. É responsável por acompanhar os acontecimentos literários, produzindo entrevistas a grandes nomes da literatura portuguesa. As artes plásticas, e principalmente o teatro, são da autoria de Maria Leonor Nunes. A Rita Santos não tinha uma secção fixa, dava apoio em todas as áreas, tendo um papel mais ativo no *JL/Educação*, suplemento integrado no *JL*.

Por fim, José Carlos de Vasconcelos, diretor da redação, é responsável pela resolução de questões relacionadas com o pessoal e pela coordenação da equipa. Além disso, cuida do conteúdo do jornal, lê e revê tudo o que foi realizado antes de seguir para impressão, decide o que será ou não publicado e o que vai ser capa. Também o editorial é realizado por ele, aproveitando esse espaço para comentar e emitir uma opinião sobre um determinado assunto.

Depois de divulgada a equipa da redação do *JL*, importa referenciar que há, ainda, colaboradores não fixos nas diversas áreas que compõem o jornal. Mar de Fontcuberta, sobre o papel dos colaboradores, refere que são “recrutados pela organização jornalística fora do seu próprio corpo redactorial para tarefas mais ou menos regulares” (Fontcuberta, 2010: 103). É exatamente isto que acontece no *JL*. Uma vez que os colaboradores são muitos, farei referência aos que mais participaram nos sete números do jornal em que estive presente. Na secção *Letras* destaco António Carlos Cortez [Palavra de Poesia], Fernando Guimarães [Crónica de Poesia], Miguel Real [Os Dias da Prosa], Agripina Carriço Vieira [Nas Margens do Tejo] e José Ramalho Santos [Banda Desenhada]. Na secção *Artes*, costumam marcar presença Helena Simões [Teatro], Daniel Tércio e Sofia Soromenho [Dança], Rocha de Sousa [Olhares], Manuela Paraíso [Música]. Na secção *Ideias*, Viriato Soromenho Marques [Ecologia] e Guilherme d’Oliveira Martins [A Paixão das Ideias]. Por fim, no *Debate-Papo*, Hélder Macedo [Pretextos], Valter Hugo Mãe [Autobiografia Imaginária], Afonso Cruz [Paralaxe] e Tiago Patrício [Caderno de Significados].

Além dos nomes citados acima, existem ainda outros de igual prestígio que encontramos nas páginas do *JL*, são eles: Maria Augusta Gonçalves; Bruno Bènard-Guedes; Eduardo Lourenço; Mário de Carvalho; Onésimo Teotónio Pereira; Vera Borges; António Gomes Pinto, entre outros.

Depois de mencionados os jornalistas e alguns colaboradores do *JL*, vou focar-me na estrutura do jornal. O *JL* tem uma organização muito simples. Divide-se em cerca de cinco partes: *Destaque*; *Letras*; *Artes*; *Ideias* e *Debate-Papo*. Quando assim se justifica, há ainda uma outra secção intitulada *Tema*. De todas estas partes, naturalmente que as que possuem um maior relevo são as *Letras*, *Artes* e *Ideias*, nome que dá título ao jornal. No entanto, todas as outras secções fazem parte dele e, por isso, são também importantes.

Antes de prosseguir para a análise de cada secção, pretendo debruçar-me sobre a capa do *JL*. De facto, como rosto do jornal, nela estão espelhadas as informações fundamentais do que integra aquela edição. As capas do *JL* são sempre atrativas. Como é evidente, o logótipo do jornal está sempre presente, identificando assim a publicação. Também a data, o número de edição, o país, o preço (2,80 €) e o nome do diretor são presença obrigatória. De resto, sublinha os títulos de maior relevo que se encontram no interior do jornal e, quando existe, a informação referente ao anexo *JL/Educação* e do suplemento *Camões*.

Retomando de novo as secções, o *Destaque* diz respeito às primeiras páginas do *JL* e evoca acontecimentos atuais. Começamos este segmento com o “Breve-Encontro”, uma pequena conversa (entrevista) com alguém que mereça, como a própria secção indica, ‘destaque’ nesta semana, no sentido de reunir esclarecimentos, por exemplo, sobre uma exposição recente, um prémio atribuído, ou uma nova coleção de livros. Seguidamente, encontra-se o “Vai Acontecer”, que diz respeito a um acontecimento — que pode ser, por exemplo, uma nova exposição, a estreia de uma peça de teatro ou de um filme, uma conferência. Na seguinte página (número três), está presente o “Editorial”, por José Carlos de Vasconcelos, a que já tive oportunidade de me referir anteriormente. Compõem ainda desta secção várias notícias, umas de pequena dimensão e outras mais esclarecidas, e ainda as “breves”, que relatam de forma resumida um acontecimento.

Depois do *Destaque*, temos a secção *Letras*, que se divide, normalmente, em várias subsecções, a saber, “livros” e “estante”, que estão sempre presentes; porém, subsecções como “entrevista”, “crítica”, “opinião” ou “novos romances” dependem dos materiais que saem na edição do jornal. Quando há uma entrevista, ocupa as primeiras páginas desta secção.

Na subsecção “livros”, encontram-se frequentemente crónicas que são escritas por alguns colaboradores do *JL*. São textos que tendem a despertar um certo interesse, dado serem muito próprios do cronista. *Nas Margens do Tejo* de Agripina Carriço Vieira, *Palavras de Poesia* de António Carlos Cortez ou *Os Dias da Prosa* de Miguel Real são algumas das crónicas que costumam estar presentes. Também um artigo dedicado à banda desenhada, por João Ramalho Santos, ocupa regularmente esta subsecção. Para terminar, temos a “estante”. De facto, como o próprio nome indica, é uma lista de livros sugeridos pelo *JL*, que contém um breve resumo dos mesmos, bem como informações sobre o autor. São livros atuais e de vários géneros. A “estante” é uma subsecção bastante interessante e importante para o leitor, que tem a possibilidade de estar a par das últimas novidades literárias e conhecer assim, ainda que de maneira muito breve, o que caracteriza o livro. Tal como o *Destaque*, também a “estante” tem um “Breve-Encontro”. Diz respeito, mais uma vez, a uma pequena conversa, no entanto, o tema aqui é um novo livro. Tive o prazer de entrevistar três grandes escritores para a “estante”, nomeadamente: João Pedro Marques, pelo livro *Do Outro Lado do Mar*; Joana Ruas, com *Os Timorenses*; e Dimas Simas Lopes, com *Porto do Mistério do Norte*.

Artes é outra das ricas secções do *JL*. Nela, podemos encontrar algumas subsecções, tais como, “entrevista”; “exposições”; “filmes”; “música”; “espetáculos”; “discos”; “novas dramaturgias”; “reportagem”. Tal como a secção *Letras*, também se inicia com uma entrevista (quando há) que pode ser, por exemplo, a um encenador ou a um realizador. Nesta secção, o leitor pode encontrar vasta informação sobre teatro, música, cinema, dança. A crónica *Olhares*, por Rocha de Sousa; o *Teatro*, por Helena Simões; o *Cinema*, por Manuel Halpern; a *Música*, por Manuela Paraíso; a *Dança*, por Daniel Tércio ou Sofia Soromenho, são algumas das crónicas que temos oportunidade de encontrar no *JL*. Também nesta secção existe uma “estante”, não de livros, mas de discos. Há, portanto, uma seleção de discos (recentes) e uma breve explicação sobre o tema/conteúdo dos mesmos, atualizando, desta forma, o leitor relativamente às novidades na música.

A última grande secção diz respeito às *Ideias*. A sua estrutura não difere muito das anteriores, no entanto, o seu conceito é mais geral. Aqui, não há temas fixos. Abarca-se uma série de temáticas, que variam consoante os números do *JL*, acompanhando aquilo que acontece no momento, na atualidade. Tal como as outras secções, também é frequente a

presença de uma entrevista, que pode ser a um médico (temos, por exemplo, o caso do Doutor João Lobo Antunes no número 1175 do *JL*), a organizadores de uma nova obra, a um historiador, a um filósofo, enfim, a uma personalidade de interesse para o tema dominante. Este segmento inclui também diversas crónicas: *Ecologia*, de Viriato Soromenho Marques, e *A Paixão das Ideias*, por Guilherme D'Oliveira Martins, são crónicas presentes na maioria das edições do jornal.

Por fim, chegamos à parte final do *JL*, intitulada *Debate-Papo*, nada mais do que um espaço dedicado a discussões sobre determinados factos ou assuntos. A *Autobiografia Imaginária*, de Valter Hugo Mãe; *Pretextos*, de Hélder Macedo; *Paralaxe*, de Afonso Cruz; ou *Caderno de Significados*, de Tiago Patrício, são algumas crónicas que podemos aqui encontrar. Junta-se ainda *O Homem do Leme*, de Manuel Halpern.

Depois de folheadas todas as páginas, surge a contra-capá, onde está presente uma autobiografia ou um diário de uma personalidade, em que a mesma fala das suas particularidades. Assim termina a viagem pelo *JL*. No entanto, há que referir ainda dois suplementos que vêm incluídos na publicação, sem uma periodicidade fixa. Trata-se do *JL/Educação* e do *Camões*. Do primeiro, apenas me familiarizei com a “estante”, que é idêntica à da secção *Letras*, no entanto, com a diferença de ser dirigida para o público infantil e juvenil. Com o suplemento *Camões* não tive qualquer contacto, pelo que apenas o cito para sublinhar a sua existência no jornal.

Como qualquer outro jornal, o *JL* também dispõe de espaço para anúncios publicitários. Sabemos que as publicidades representam para o jornal uma receita financeira importante. No entanto, note-se que as publicidades do *JL* não são de todo deslocadas do jornal e acabam por ser informativas no que respeita à cultura. A Imprensa Nacional da Casa da Moeda (INCM) tem direito a uma página inteira do *JL* para ações publicitárias; por vezes, a Direção Geral do Património Cultural, do Governo de Portugal, também ocupa uma página inteira. Mas temos muita publicidade da Fundação Calouste Gulbenkian, por exemplo, e de outras instituições que pretendem anunciar um festival literário, uma exposição ou qualquer outro evento. Deste modo, as publicidades presentes neste jornal têm sempre conteúdo cultural.

1.1. O *JL* a acompanhar o Mundo Digital – *Internet*, *Site* e *Facebook*

Depois de um desenvolvimento sobre globalização e de uma análise sobre a introdução das novas tecnologias e, sobretudo, da *Internet* no quotidiano do ser humano, verificamos que, de facto, os hábitos da sociedade mudaram. O computador, o *tablet* e o *smartphone* passaram a fazer parte do dia-a-dia das pessoas. Nas redações, inseriram-se novas formas de comunicação e pesquisa para os jornalistas e assistiu-se, ainda, a uma ameaça aos jornais impressos e à sua possível substituição pelo jornalismo *on-line*. Perante este panorama, vamos observar qual é a relação que o *JL* tem com este novo mundo tecnológico.

Começemos pelos computadores: são essenciais na redação do *JL*. Os artigos/notícias são produzidos no computador, no *Word On-line*, e publicados no *Content Station* (programa em que se introduzem todos os conteúdos para que a *designer* gráfica proceda à sua paginação e envie, depois, para a impressão do jornal).

Tal como qualquer outro jornal, também para o *JL* a *Internet* é um elemento fundamental; durante o período do meu estágio, pude verificar que esta acaba por ser uma espécie de ligação entre os jornalistas da redação. Passo a explicar: se há um texto que tem de ser revisto, o Manuel Halpern envia, por exemplo, à Maria Leonor Nunes via correio eletrónico; aquela revê o texto, faz as alterações e volta a reencaminhar para o Manuel Halpern. Isto traduz-se numa forma bastante prática de comunicação, apesar de estarem na mesma sala. Também a informação para realizar as “breves” e outras notícias; as fotografias pedidas para acompanhar a notícia; a confirmação de presença em conferências de imprensa; visualizações de filmes ou outras iniciativas; ou a partilha dos artigos realizados pelos colaboradores do *JL* são realizadas através do correio eletrónico. Existe ainda um *chat* para o grupo Impresa, em que os jornalistas têm acesso ao contacto de todos os membros do grupo e, com apenas um clique, podem contactá-los de uma forma bastante prática e rápida, seja via SMS ou por telefone.

Além disso, todos os jornalistas utilizam a *Internet* para efetuarem as suas pesquisas em relação a eventos culturais, biografias de determinadas personalidades, entre outras informações úteis para a realização do seu trabalho. Nesta linha de ideias, é importante mencionar a utilidade da plataforma *Gesco-Bdinfo*, a que só é possível aceder com *Internet*. Trata-se de uma base de dados em que é possível consultar artigos/notícias/entrevistas, não

só das edições anteriores do *JL*, mas de todas as revistas e jornais que fazem parte do grupo Impresa. Esta plataforma é muito utilizada no *JL*, principalmente, quando temos de realizar qualquer artigo e é importante verificar o que já foi feito no jornal sobre esse assunto ou pessoa. Deste modo, verificamos que a *Internet* é essencial, nos nossos dias, para que os jornalistas consigam realizar um bom trabalho.

Porém, se a *Internet* trouxe algumas particularidades bastante positivas no trabalho dos jornalistas do *JL*, também o dificultou. O *JL* é, de facto, um jornal tradicional e, de repente, teve de se confrontar com a realidade das novas tecnologias, e com o hábito de os leitores começarem a recorrer cada vez mais aos conteúdos *on-line*. No entanto, esta publicação tem vindo a desenvolver um enorme esforço de adaptação e introdução neste novo mundo.

A primeira prova disso é a criação do *site JL*, que permite que os leitores estejam a par dos conteúdos publicados no jornal impresso. Uma vez por dia, alguém do *JL* disponibiliza no *site* um artigo, crónica ou notícia existente no jornal em formato papel desse período. Apesar de todos os jornalistas poderem colocar artigos no *site*, o Manuel Halpern e a Rita Santos estão mais responsáveis por essa função. Durante o meu período de estágio, era eu que atualizava o *site* todos os dias. Os artigos ali facultados não diferem muito dos existentes em formato papel, a única coisa que acontece, por vezes, é não serem transcritos na íntegra, com o objetivo de o leitor interessado procurar o resto da informação em formato papel.

Note-se que o *site* do *JL* está integrado na página da revista *Visão*, no entanto, são os jornalistas do *JL* que criam os artigos e os colocam na base de dados. Tive o privilégio de assistir à mudança do *site* do grupo Impresa em novembro de 2015; uma mudança complicada, porque, quando cheguei ao *JL*, aprendi a publicar artigos numa base de dados específica e, quando finalmente estava ambientada com o programa, tive de aprender a utilizar a nova plataforma. Porém, foi muito interessante e produtivo para a minha análise, porque pude assistir de perto a uma inovação, não só no grupo todo, mas especificamente no *JL*.

De facto, o novo *site* trouxe bastante inovações, nomeadamente, a colocação de vídeos nos artigos; o manuseamento das fotografias; a produção de fotogalerias; a criação de *posts*. Perante isto, apresento-vos então o *site* do *JL*. A sua estrutura é bastante simples e prática. Ao navegarmos, a primeira coisa que atrai os nossos olhos é a capa do jornal. Em

formato grande, esta preenche bastante a página. De sublinhar que as capas são atualizadas no dia em que o jornal chega às bancas ou no dia anterior, para deixar aos leitores a curiosidade em relação ao próximo número.

Existem duas formas de explorar o *site* do *JL*. A primeira é pelo “Menu”, que se encontra do lado superior esquerdo, ao lado do logótipo do jornal. Se escolhermos esta opção, vamos encontrar as secções do *JL* digital, que são exatamente as mesmas que se encontram em formato papel: *Letras*, *Artes*, *Ideias e Debate-Papo*. Deste modo, se clicarmos na secção *Letras*, vamos obter artigos relacionados com literatura, novos livros ou exposições. Se optarmos pela secção *Artes*, temos, então, artigos de teatro, música, cinema e assim sucessivamente. A segunda forma de exploração do *JL* é seguirmos com o cursor para baixo — a estrutura do *site* é vertical — e irmos abrindo os artigos que nos despertam interesse.

Ao clicarmos em qualquer um dos artigos, vamos encontrar opções de partilha do artigo em questão, para o *Facebook*, *Twitter*, correio eletrónico, *Google +*, *Linkedin* e *Pinterest*. Podemos ainda comentar o artigo que estamos a visualizar e recomendá-lo. Toda esta forma de interatividade com os leitores é bastante importante, dado que é uma forma de os mesmos partilharem com “o mundo” os artigos do *JL*.

Ao visitarmos o *site* vamos deparar também com a constante publicidade. Contrariamente à publicidade existente na versão em papel, que vimos ser cultural, aqui, existe publicidade de todo o género. Claramente, isto prende-se com o facto de a publicidade ter mais visibilidade na *Internet* e, obviamente, de o *JL* não ter um *site* particular, mas estar vinculado à revista *Visão*.

Cada vez mais, os jornais têm optado por comunicar e interagir com o leitor através das redes sociais. O *JL* não foi exceção e começou a utilizar o *Facebook* para se mostrar aos seus leitores; nesta rede social, tem, neste momento, um total de 55 631 gostos (26 de maio de 2016).

Tal como no *site*, os jornalistas do *JL* tentam, por norma, publicar um artigo por dia no *Facebook*. Esses artigos são os mesmos que são colocados no *site*, pelo que, ao clicarmos, somos rapidamente direcionados para o *site*. Note-se que a maioria dos cliques do *site* provém do *Facebook*. Com as capas do jornal também se faz exatamente o mesmo que no *site*: coloca-se a capa na foto de perfil aquando da sua saída. De facto, é uma boa

forma de divulgar o jornal. O *Facebook* do *JL* é também uma forma prática de as opiniões dos leitores chegarem mais depressa à redação e também de ser mais fácil o contacto. Diariamente, a caixa de mensagens do *Facebook* é presenteada com pedidos de divulgação de livros, novos discos, novas revelações nas artes, entre outros. Mais uma vez, deixo claro que qualquer membro do *JL* pode participar ativamente no *Facebook*, apesar de essa tarefa estar mais a cargo do Manuel Halpern e dos estagiários.

É interessante percebermos ainda quem é a maioria dos visitantes da página do *Facebook*. Para realizar esta pequena análise, obtive dados fornecidos pelo jornalista Manuel Halpern, retirados da página em fevereiro de 2016. Para começar, e segundo estes dados, as mulheres encontram-se em maioria no que toca a ser fã/gostar da página do *JL*, representando um total de 64%; já os homens representam cerca de 35% dos gostos. Quanto aos países, o maior número de visitantes da página são de Portugal (45 653), seguindo-se o Brasil (4 256), Reino Unido (750), Espanha (543), França (471), Angola (351), EUA (315), Itália (270), Suíça (223), Alemanha (216) e Moçambique (166).

Para terminarmos esta reflexão sobre o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* e a sua relação com as novas tecnologias, pretendo ainda referir que há uma edição do jornal em formato digital. Cerca de 438 pessoas assinam o *JL* neste formato, segundo dados disponibilizados pelo departamento de *Marketing* da Impresa referentes a fevereiro de 2016. Assim como em formato papel, o maior número de assinantes no digital provém de Portugal (170 assinantes); seguidamente temos a Itália (28 assinantes); a França e a Espanha (igualmente com 21 assinantes) e o Brasil (18 assinantes). O *JL* digital é ainda assinado em mais de 60 países ainda que com menor relevância.

Parte III

1. Análise SWOT do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*

Seguidamente de uma apresentação sobre o que é o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, considero importante a realização da sua análise SWOT, para refletirmos sobre as vantagens e os problemas que o jornal apresenta, no sentido de analisarmos novas estratégias para melhorar o seu potencial. Antes de realizar a análise, importa perceber o que significa a sigla “SWOT”. Deste modo, o “S” corresponde a *Strengths* (Pontos Fortes), o “W” a *Weaknesses* (Pontos Fracos), o “O” a *Opportunities* (Oportunidades), e o “T” a *Threats* (Ameaças). Partindo da minha experiência e observação durante o período de estágio no *JL*, realizo a seguinte análise SWOT:

FORÇAS	FRAQUEZAS
<ul style="list-style-type: none">- Jornal com um prestígio notório- Qualidade jornalística- Bom desenvolvimento de áreas fortes- Boa rede de contactos	<ul style="list-style-type: none">- Pouca comunicação com o público jovem- Recursos Financeiros- Equipa pequena- <i>Facebook/Site</i>
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none">- A utilização da <i>Internet</i> para chegar a novos públicos- Angariação de mais publicidade- Distribuição do <i>JL</i> aos países lusófonos	<ul style="list-style-type: none">- Crise Económica que abala o país- Concorrência de outros jornais- Novas Tecnologias

Comecemos pelas características específicas do *JL* que podem ser consideradas forças, trazendo muitas vantagens. Considero que as forças mais relevantes da organização são as seguintes: jornal com um prestígio notório; qualidade jornalística; bom desenvolvimento das suas áreas fortes e uma boa rede de contactos.

Se observamos o jornal atentamente, vamos verificar que tem de facto um grande prestígio. O *JL* sempre assumiu uma posição clara e manteve o foco em assuntos essenciais na cultura, sendo avaliado pelos seus leitores como um jornal que possui uma alta reputação. Os excelentes jornalistas que constituem a redação, os colaboradores de referência que passaram ao longo destes 35 anos pelas páginas do *JL* e os que agora colaboram constituem, de facto, a principal mais-valia do jornal. Todos contribuem para que os conteúdos apresentados sejam construídos com mérito, rigor e qualidade.

Estas características, que provam a excelência das notícias do *JL*, vão resultar numa maior confiabilidade por parte dos leitores em relação ao jornal. Mas o seu grande prestígio não fica por aí. Há que salientar que as entrevistas realizadas para o *JL* são frequentemente feitas a personalidades reconhecidas nacional e, por vezes, até internacionalmente. A título de exemplo, destaco a entrevista ao realizador de cinema João Salaviza no número 1176 do *JL* que, pelo filme *Montanha*, foi galardoado com a Antígone d'Or no Festival de Montpellier. Também frequentemente os artigos/notícias se referem a grandes nomes da literatura portuguesa, do teatro e do cinema português. Assim, podemos afirmar que estamos perante um jornal prestigioso, feito por pessoas prestigiosas. Esta característica do *JL* assume-se, assim, como uma peculiaridade que se traduz num imenso ponto forte.

A segunda força diz respeito à qualidade jornalística que, devido ao aparecimento do jornalismo *on-line* é algo que, infelizmente, tem vindo a diminuir, nomeadamente devido à grande pressão que é feita sobre os jornalistas para serem os primeiros a publicar a notícia e para o fazerem o mais rapidamente possível. Contudo, tendo também ele o seu *site* e publicando notícias *on-line*, o *JL* não descurou este aspeto. Isto é, as notícias, os artigos ou as entrevistas construídas pelo *JL* procuram manter a qualidade jornalística que o acompanha desde a sua fundação, quer em formato papel quer em formato *on-line*, já que, em larga medida, este depende daquele. Esta qualidade existe graças ao trabalho de investigação que é realizado para produzir o conteúdo da maneira mais rigorosa possível, e também devido à procura de informação em fontes fidedignas. Enquanto estive no *JL*, não

notei qualquer tendência para a manipulação de dados ou para a existência de interesses secundários na notícia publicada. O único objetivo era sempre o de informar o leitor com veracidade e, acima de tudo, com conhecimento sobre o que se está a produzir.

Aponto também como uma força do *JL* a situação de haver uma boa aposta em áreas fortes, como a literatura, o cinema, o teatro, as artes plásticas, normalmente tratadas por jornalistas que se especializaram nas mesmas, e com colunas de opinião de académicos, intelectuais e artistas/escritores, que são, em geral, especialistas reconhecidos nos vários temas. No âmbito dessas áreas, os artigos/notícias são sempre bastante desenvolvidos e atualizados. Se há um romance, por exemplo, que foi galardoado com algum prémio, há, por norma, algumas páginas dedicadas à obra em questão, em que pode ocorrer uma entrevista ao autor, críticas ao romance por colaboradores do *JL* ou, ainda, artigos que exploram a obra de outra forma. O mesmo acontece relativamente a uma nova peça de teatro, um filme ou uma exposição. Podemos afirmar que o *JL* explora ao máximo os conteúdos que possui, de modo que o artigo disponha da totalidade da informação que o público merece saber. Deste modo, o leitor interessado pelas artes vai ficar esclarecido e informado sobre determinado livro/exposição/filme, pelo facto de haver uma grande preocupação por parte do jornal em desenvolver as áreas em pleno.

As características mencionadas acima resultam numa força do jornal, porque fazem com que o leitor interessado o procure, dado que, em regra, encontrará no *JL* uma informação desenvolvida e criteriosa sobre o tema que lhe interessa. Pretendo, também, referir que no jornal estão sempre presentes notícias que vão ao encontro da atualidade. Muito raramente o *JL* menciona uma peça de teatro que tenha estreado há dois meses, a não ser que o sucesso tenha sido tal que haja uma segunda tournée da mesma. Por norma, são referenciados acontecimentos que ainda estão para vir ou que fazem parte do momento.

Por último, friso a boa rede de contactos de que o jornal dispõe como um ponto positivo. Acaba por ser uma grande vantagem do *JL*, dado que faz com que exista facilidade de comunicação com personalidades do mundo das artes. Assim, torna-se muito mais fácil conseguir uma entrevista ou receber informações sobre determinado assunto muito antes de ser anunciado na restante imprensa. É importante que se perceba que esta rede de contactos é também resultado do bom jornal que o *JL* é, de maneira que os artistas sentem algum prazer em ser mencionados ou entrevistados por este jornal, devido à

excelência que mantém e à confiança na sua organização. Saliento ainda que, por vezes, o *JL* também é procurado por novos artistas que pretendem expandir-se e, por esse motivo, procuram este jornal dada a sua grande notoriedade na cultura.

Depois de analisadas as forças do *JL*, prossigo a minha análise SWOT, refletindo acerca das suas fraquezas, ou seja, os aspetos do jornal que constituem desvantagens para a sua progressão. Assim, a pouca comunicação com o público jovem; a falta de recursos financeiros; a equipa pequena, a rede social *Facebook* e ainda o *site* são os principais pontos fracos que o *JL* apresenta neste momento.

O público desta publicação é bastante particular. Não há nenhum estudo que o prove, mas, devido ao meu contacto com a instituição durante os três meses em que lá colaborei e aos comentários e mensagens que fui verificando no *Facebook*, pude constatar que o jornal é lido maioritariamente por professores, escritores, pessoas ligadas ou com interesse pelas artes. Além disso, inserem-se na faixa etária dos adultos e idosos, sendo que muitos deles acompanham o *JL* desde a sua fundação. Entristeceu-me muito que, durante o meu período de estágio, tenha verificado que muitos dos meus amigos não conhecem o *JL* e que os poucos que conhecem são estudantes de letras ou têm interesse na área. Embora de forma um pouco apriorística, isto confirmou a pouca comunicação com o público jovem, facto que aponto como uma das principais fraquezas do *JL*.

A participação dos jovens é importante em qualquer atividade e essa importância também se deveria verificar no *JL*. De facto, os jovens já estão adaptados à sociedade global e partilham as coisas de uma forma muito mais rápida, o que seria uma mais-valia para o jornal. Porém, para que isso se verifique, o jornal tem de chegar a esse público, apostando, talvez, num segmento mais dirigido aos jovens. No entanto, em primeiro lugar, os jovens têm de conhecer o *JL*, pelo que é prioridade apostar na sua divulgação. Deste modo, pretendo destacar algumas formas de aproximação entre o *JL* e esses novos leitores que são os jovens. Seria importante a disponibilização do *JL* em várias escolas e faculdades de todas as áreas. Apesar de esta proposta não ter qualquer lucro para o *JL*, seria uma forma de divulgação do jornal, criando, assim, neste público o hábito de o ler. Outra das propostas que me parece viável seria a oferta ou descontos em livros e discos na compra do jornal. Além de se criar uma divulgação do jornal, este estaria ainda a contribuir para incutir hábitos de leitura nos jovens portugueses. A televisão e a rádio, dado serem os meios de

comunicação que têm maior visibilidade, seriam uma ótima ajuda na divulgação destas ofertas.

Retomando à pouca comunicação que existe com o público jovem, repare-se que o problema é que o *JL* ainda está muito focado numa imagem antiga no que se refere, por exemplo, ao grafismo do jornal, que é bastante simples e clássico. Sublinho que existiu uma alteração ao longo dos tempos, porém não o suficiente para cativar a atenção dos mais novos. Talvez a solução passe por utilizar cores mais fortes e fotografias que se destaquem mais. Também o facto de o *JL* não interagir muito com as redes sociais não facilita este encontro com os jovens; a solução talvez passe por esse percurso. Contudo, o importante é tentar cativar os jovens para questões mais culturais e tratar temas que os atraíam para o *JL*.

Continuando a verificar as fraquezas, refiro a falta de recursos financeiros como ponto negativo. Antes de desenvolver este tópico, quero sublinhar que o *JL* está suportado por um grupo de comunicação, Impresa, e a sua existência deve-se a esse facto. Infelizmente, a falta de recursos financeiros reflete-se no jornal de diversas formas. Por um lado, impede que a equipa se desloque, por exemplo, para ir a um festival de cinema, a uma bienal de arte, porque, simplesmente, não há verbas para isso. Por outro lado, a falta de financiamento também não permite que haja contratação de novos jornalistas para a redação. A estes dois fatores, soma-se ainda o facto de as marcas terem outras formas de se dar a conhecer e, por isso, deixaram os jornais mais pequenos, como o *JL*, de lado.

O terceiro aspeto que aponto como uma fraqueza do *JL* é a equipa pequena que o constitui. É verdade que, ao longo desta tese, já mencionei que esse fator trouxe alguns aspetos positivos como o maior nível de entreajuda dentro da redação e o ambiente mais familiar. Contudo, é muito difícil apostar em novos conteúdos, porque não há jornalistas disponíveis. O essencial seria ter um jornalista dedicado a um único ponto; uma pessoa responsável pela revisão dos textos; outro a dedicar-se exclusivamente a uma entrevista de relevo; outro apenas focado nos conteúdos *on-line*, etc. No entanto, tal não se verifica, o que acaba por resultar em imenso trabalho para cada um dos jornalistas, deixando de haver qualquer espaço para novos projetos. A título de exemplo, refiro que, muitas vezes, o *JL* recebe mensagens de correio eletrónico ou através de qualquer outro meio de comunicação, com pedidos de publicações ou entrevistas a novos artistas, mas, infelizmente, não há jornalistas suficientes para estudarem o mérito dessas propostas. Outra questão dificultada

pela pequena equipa do *JL* é não haver tempo para alguém se dedicar exclusivamente ao *site* e às redes sociais.

Sabemos a importância que as redes sociais têm hoje em dia, principalmente o *Facebook*, que é utilizado por muitas empresas. Esta rede social, no caso do *JL*, permitiria um grande processo de divulgação do jornal, porque o leitor, ao reagir às publicações, ao partilhá-las e ao interagir com as mesmas, está a tornar possível que os seus contactos visualizem as suas ações. Além da divulgação que se consegue, o *Facebook* permite que as notícias sejam atualizadas e alteradas constantemente e também que exista uma maior interatividade e contacto com o leitor. No *site*, as coisas não diferem muito: a publicação de notícias, que possibilita que o leitor fique a par do que se encontra no número em formato papel; a interatividade com os leitores e, claro, a possibilidade de estes acompanharem o jornal digitalmente, porque, nos tempos que correm, há esta viragem para o mundo digital, que tem de ser acompanhada. Sabemos que o *JL* tem a sua página de *Facebook* e o seu *site*, o problema é que há uma grande falta de atividade nestes meios. Não há publicações com regularidade, nem uma forte interatividade com o público.

Em verdade, para que o *Facebook* e o *site* dessem frutos maiores para a empresa, seria necessária uma maior frequência de utilização destas redes na redação. Mas, se a pouca interação nas redes sociais do *JL* é uma ameaça, também pode ser vista como uma oportunidade e, por isso, sublinho como primeira oportunidade desta minha análise SWOT a utilização da *Internet* para chegar ao público. Com efeito, o *JL* será capaz de vingar se optar pela utilização desta rede. Ao longo deste trabalho, fui analisando a utilização deste novo meio de comunicação, e creio ter chegado a conclusões bastante definidas, que mostram que o *JL* utiliza a *Internet* para inúmeras atividades e pesquisas relacionadas com o jornalismo. Assim, a solução e a oportunidade passam por aproveitar essa utilização desta rede ao máximo.

Relativamente ao *Facebook*, dou um exemplo bastante prático que ocorreu durante o meu período de estágio e que me parece refletir o sucesso que o *JL* pode vir a ter com a sua interação. Nessa altura, realizámos alguns exercícios de contacto nessa rede social com o público, fazendo publicações em que perguntávamos aos nossos leitores algo como: “Então, digam lá, o que andam a ler.” ou “Qual foi a última peça de teatro a que assistiram?”. Após alguns minutos, verificamos que o público foi bastante responsivo, o

que não deixa dúvidas de que o *JL* pode encontrar resultados muito positivos se optar por estes meios.

Também o *site* do *JL* é uma grande oportunidade se for explorado ao máximo, tornando-se ativo várias horas durante o dia; se todos os membros da redação trabalharem no sentido de fazer dele um instrumento de trabalho, penso que terão uma boa oportunidade para se destacarem e, por isso, apresento uma proposta de reorganização do mesmo. Esta reorganização não passa propriamente pela parte gráfica, porque foi muito recentemente alterada, mas passa por um aproveitamento das oportunidades que as inovações introduzidas permitem fazer. Tendo em conta que o *JL* apresenta artigos de qualidade, considero importante aproveitar parte deles e adaptá-los ao jornalismo *on-line*. Digo adaptá-los, uma vez que as páginas *on-line* apresentam artigos mais objetivos e resumidos. De certa maneira, o *JL* já o faz, porque, normalmente, coloca apenas parte da entrevista ou do artigo, dependendo, obviamente, do seu tamanho e da sua importância. Retomando, portanto, a reorganização do *site*, vou mencionar propostas de comunicação que, no meu entender, serão resultantes e positivas para chegar a novos públicos.

Começemos pela “estante”, já mencionada ao longo deste relatório, que está presente em formato papel do *JL*, oferecendo aos leitores uma seleção de livros e também de discos. Proponho, então, que o *site* do *JL* também tenha essa “estante”, de modo que, relativamente aos livros, fosse possível clicar na capa de cada um e ter acesso a uma pequena caracterização do mesmo, ao preço, a críticas, a alguma informação sobre o autor, se fosse relevante, ou até mesmo à sinopse da obra — algo que o *JL* já faz em formato papel. A “estante” dos discos teria o mesmo objetivo, contendo também a caracterização da obra e do artista, e ainda a hipótese de clicar e ouvir algumas partes das músicas que compõem o CD. O *JL* estaria, assim, a criar uma lista de sugestões literárias e musicais. Contudo, note-se que os resultados apenas seriam produtivos se a “estante” fosse atualizada à medida que saíssem novidades. Aqui, contrariamente ao formato em papel, a ideia não é que estas “estantes” fossem atualizadas quinzenalmente, quando sai o jornal; o objetivo seria aproveitar as potencialidades que o *on-line* permite, como a atualização constante dos artigos.

Sugiro também uma curta agenda cultural em que seriam mencionadas várias iniciativas, como lançamentos de livros, inaugurações de exposições, conferências,

colóquios, festivais, entre outros. A ideia seria informar o leitor sobre os vários acontecimentos culturais. Esta agenda existe também em formato papel, com o nome de “breves”. Novamente, a ideia é adaptar essa informação digitalmente. É possível criar *posts* no *site* do *JL*, pelo que a utilização deste meio seria uma forma criativa e atraente para quem visitasse o *site*.

Outra forma de chegar ao público será através da realização de concursos literários. De facto, é importante usar as potencialidades do *JL*. Em primeiro lugar, graças à sua boa rede de contactos, de que já falei, facilmente conseguiria um júri de excelência para proceder à avaliação dos trabalhos; em segundo lugar, seria para o leitor uma mais-valia ter o seu texto ou poema publicado num jornal de prestígio. O *site* seria, assim, também uma boa forma de ter personalidades da escrita e das artes a observar novos talentos. Estes concursos poderiam ser divulgados nas escolas.

Por último, sabemos o quão importante é o vídeo, que está a crescer cada vez mais. Deste modo, a realização de vídeos, mesmo que curtos, para o *site* seria uma mais-valia; vídeos que promovessem eventos, como festivais de arte; vídeos em que poderíamos mostrar um pouco de uma entrevista, e depois, sim, colocar-se-ia na íntegra, em texto, o resto da entrevista. Também se poderiam criar vídeos que fizessem destaque dos temas da próxima edição do jornal; os leitores visualizá-los-iam e ficariam com uma ideia do que seria a próxima edição do *JL*. Em jeito de conclusão, podemos afirmar que o *site* tem muitos pontos que poderiam ser explorados para conseguir atrair novos públicos. Por isso, todas as propostas mencionadas acima seriam, creio, oportunidades a desenvolver.

Aponto também como uma oportunidade para o *JL* a angariação de mais publicidade no jornal. Como sabemos, uma das formas de sobrevivência dos jornais deve-se à publicidade. Outrora era na imprensa escrita que as marcas encontravam as melhores formas de divulgação. Porém, nos últimos anos, tem havido uma redução dessas receitas. Esta situação deve-se à atração que o mundo digital desperta nos leitores, que optam por ler os jornais *on-line*. Assim, a publicidade tem maior impacto nessas plataformas digitais, que gozam de maior visualização por parte dos leitores, do que em pequenos jornais, que são comprados em menor número. Contudo, se folhearmos as páginas do *JL*, vamos encontrar anúncios publicitários do Instituto Calouste Gulbenkian, da Imprensa Nacional da Casa da Moeda, da Direção Geral do Património Cultural ou do Governo de Portugal. Estas são

algumas das instituições que publicitam no *JL*, anunciando inaugurações de exposições, coleções de livros, conferências, entre outras atividades maioritariamente de importância cultural. A meu ver, sendo que o *JL* é um jornal de prestígio, lido por pessoas instruídas, com certeza que não seria impossível encontrar marcas para publicitarem nas suas páginas. O resultado seria mais verba, permitindo até a entrada de novos jornalistas para a redação.

Como última oportunidade, destaco a distribuição do *JL* nos países lusófonos. Antes da era da *Internet*, o *JL* já era global em termos de comunidades, visto que chegava a vários pontos do mundo onde há portugueses (o Instituto Camões envia o *JL* aos leitorados), o que nos leva a supor que já existia uma preocupação editorial em chegar a todo o lado. Com a nova era que estamos a viver em termos de comunicação e de interação, esta ligação torna-se muito mais simples e prática. A facilidade de chegar aos países lusófonos está a um clique e acho que é uma oportunidade única para o *JL* apostar mais ainda nesta ligação, que sempre foi objetivo do jornal desde a sua fundação. Tem aqui uma oportunidade clara para se expandir ainda mais, chegando a mais leitores e mais depressa.

Depois de analisadas as forças, as fraquezas e as oportunidades do *JL*, temos de mencionar as ameaças. Estas são sempre vistas como negativas, porque são fatores que podem colocar, neste caso, o jornal em risco, porém, para que haja uma consciência dos riscos e para que os possamos contornar, temos de os ter bem presentes. Deste modo, começo por destacar como primeira ameaça a crise económica que Portugal enfrenta neste momento e cujas consequências acabaram por transformar o jornalismo num dos principais afetados. Uma das principais consequências desta crise económica foi a redução da possibilidade financeira dos indivíduos para comprar determinados produtos, um dos quais os jornais. O *JL* não foi exceção, e dado que é um jornal quinzenal que tem, neste momento, um preço de 2,80 €, viu a sua compra diminuir por parte dos cidadãos. Aliado a isto surge ainda como consequência a diminuição dos investimentos das marcas em publicidade nos jornais. Ora, com cada vez menos leitores a comprarem jornais e com menos publicidade, como é que os jornais subsistem? Esta é a interrogação de que mais se tem falado nos últimos tempos neste meio.

Mas, retomando as repercussões da crise, note-se ainda a falta de contratação de novos jornalistas para a equipa do *JL* e, principalmente, de revisores, um cargo que faz bastante falta na redação. Esta situação resulta em muito trabalho repartido por poucos

jornalistas, gerando uma grande pressão. Também a dependência que o *JL* tem dos fotógrafos da revista *Visão* e da sua secretária — situação explicada no capítulo anterior — são resultado dessa crise. Outro efeito que acelerou esta crise foram as novas tecnologias, que refiro como outra das ameaças do *JL*.

As novas tecnologias mudaram o jornalismo no sentido em que trouxeram formas inovadoras de ler notícias. Como já referi várias vezes ao longo desta tese, a *Internet* entrou na vida dos cidadãos, atraindo-nos para todas as novidades deste mundo digital. Hoje, qualquer jornal cria conteúdos *on-line* e a informação circula tão rapidamente que ficamos informados em escassos segundos. A verdade é que a *Internet* tem este poder, o de informar e de, ao mesmo tempo, não cobrar qualquer custo para se aceder a essa mesma informação, característica que os jornais tradicionais não possuem. Assim, as novas tecnologias apresentam-se como uma ameaça para o jornal tradicional, em papel, como o *JL*, que tem dificuldade em ajustar-se à contemporaneidade, dado ser um jornal histórico, tradicional, lido por pessoas que o acompanham desde sempre. No entanto, temos de ter presente que os leitores que acompanham o *JL* há 35 anos estão também a ser atraídos pelo mundo digital, adotando o hábito de ler notícias nos computadores, *tablets* ou telemóveis.

Como corresponder, então, a esta situação, que é uma ameaça, mas que pode ser revertida para uma oportunidade? Na minha opinião, a solução passa por uma maior ligação com este novo mundo, nunca descurando o jornal impresso, que ainda é da preferência de muitos. Aqui, podemos aplicar a análise realizada na primeira parte deste trabalho, em que observamos que existem publicações em papel e publicações *on-line*, e ainda que esteja invocado o medo do desaparecimento do papel, parece que a opinião prevalecente é a de que há aqui uma complementaridade. Perante a ameaça das novas tecnologias, a solução passa por, mais uma vez, apostar nas publicações *on-line*, mantendo o prestígio e rigor que caracterizam o *JL*. Deste modo, o jornal conseguirá ultrapassar esta ameaça que, sublinho, não é unicamente para esta publicação mas para a maioria dos jornais, e transformá-la numa oportunidade.

Como última ameaça, friso a concorrência de outros jornais. Estamos perante um mercado competitivo, que deriva também das novas tecnologias. Recebemos informação de muitos sítios, a toda a hora, em todo o lado e gratuita. Os *bloguers*, por exemplo, ocupam funções que, tradicionalmente, eram do jornalista. Também, qualquer cidadão pode

escrever sobre qualquer tema e publicá-lo na *Internet*. Deste modo, os jornais têm de ter a capacidade de se distinguir de alguma forma. Numa primeira observação, diríamos que o facto de o *JL* ser um jornal de cariz cultural, que apenas aborda temas ligados à literatura, ao teatro, ao cinema, às artes plásticas, já é diferenciador, pois, na verdade, não há nada assim em Portugal. No entanto, essa particularidade não está isenta da concorrência de outros jornais, porque a competição é gerada pelo facto de o público optar por jornais generalistas. Sem dúvida, é mais tentador e prático comprarmos um jornal que oferece vários temas, como política, ciência, economia, tendo, portanto, notícias variadas e abrangendo, assim, um público mais lato, ao invés de optarmos por um jornal especializado, que tem o seu público particular.

O suplemento *E* do jornal *Expresso* e o *Ípsilon* do jornal *Público* são algumas publicações concorrentes do *JL*. Segundo Cátia Moreira, numa comparação que realiza entre o *Ípsilon* e o *JL*:

O núcleo informativo do *JL* é essencialmente direccionado sobre acontecimentos ocorridos em Portugal e países Lusófonos. Por outro lado, e de forma mais evidente, o *Ípsilon* detém-se bastante sobre artistas e autores internacionais (Moreira, 2015: 104).

Esta conclusão permite verificar que o *Ípsilon* vai mais além, não se limitando apenas aos artistas portugueses, o que acaba por atrair, naturalmente, mais público. Além disso, também:

a opção na divulgação de música em ambas publicações é totalmente diferente, na medida em que o *Ípsilon* aposta num programa mais mediático e internacional, enquanto o *JL* por sua vez vai ao encontro de um público mais diferenciado e especializado (...) (Moreira, 2015: 105).

De facto, este é também um problema do *JL*, que se foca na música do público que o acompanha, e não aposta noutros géneros musicais. Estamos perante uma situação complicada, em primeiro lugar, porque é complicado para o *JL* de um dia para o outro passar a abordar outros temas, e, em segundo lugar, porque sabemos que apenas quem se interessa verdadeiramente por estas áreas é que vai comprar um jornal tão específico. No

entanto, se o *JL* continuar a apostar na qualidade e no rigor que tem vindo a oferecer há 35 anos aos seus leitores e se conseguir a divulgação pretendida certamente vai ultrapassar a concorrência.

Parte IV

1. Descrição do estágio no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*

1.1. Escolha do local e principais objetivos

Na sequência da parte curricular do meu mestrado em Cultura e Comunicação, tive a opção de realizar um estágio curricular. As minhas motivações académicas prenderam-se com o facto de, ao realizá-lo, me aproximar mais da via profissionalizante. Era a oportunidade ideal para colocar em prática todos os conhecimentos que tinha adquirido ao longo do mestrado e ainda de compreender como se processa a inserção no mundo do trabalho. Por isso, realizei uma pesquisa, reuni alguns locais de estágio, analisei todos os seus prós e contras, e acabei por escolher o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

É de facto um jornal prestigiado, composto por grandes nomes, que continua a trabalhar para levar a nossa cultura a todos os cidadãos, por isso tinha a certeza de que seria uma experiência única. Mas, na verdade, a minha preferência pelo *JL* prendeu-se com a vontade de experimentar e de aprender a ser jornalista. Há muito que tinha esta vontade, porém sabia que só iria ter a certeza se era esse o caminho a seguir no futuro se o experimentasse, pois nunca tinha tido qualquer contacto com a área. O *JL* seria, portanto, o melhor sítio para praticar. Sendo o meu mestrado composto por disciplinas que vão ao encontro da cultura e da comunicação, conseguiria, assim, encontrar uma ligação entre todos os conteúdos apreendidos no mestrado. Aliado a isto, surgiu ainda o meu desejo de regressar aos conteúdos desenvolvidos na minha licenciatura em Estudos Portugueses. A literatura sempre foi uma das minhas paixões e o *JL* permitia que esse desejo se tornasse realidade, dado que entrevista grandes escritores, escreve críticas e artigos sobre novos livros, entre outras atividades relacionadas com a área.

Deste modo, em meados de julho do ano de 2015, dirigi-me ao NOC — Núcleo de Orientação de Carreira —, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para anunciar a minha decisão relativamente ao local de estágio e também para proceder aos processos de candidatura ao mesmo. Após um longo processo, recebi uma chamada do Manuel Halpern, jornalista do *JL*, a realizar-me uma pequena entrevista pelo telefone, principalmente para perceber quais os meus principais objetivos e expectativas para estagiar no jornal. Confesso que estava nervosa com aquele telefonema, não estava à espera

daquela chamada e atrapalhei-me bastante. O facto de estar a falar com a pessoa que me iria supervisionar causou-me uma grande ansiedade. No entanto, desde logo o Manuel Halpern me colocou bastante à vontade, explicando-me o que era o *JL* e qual seria o meu trabalho. A razão desta conversa ter sido realizada por telefone foi devido a estarmos a poucos dias de começar o meu estágio e de não haver oportunidade de agendarmos um encontro até ao início da data de começo do mesmo. Porém, sublinho que em nada este fator comprometeu os procedimentos da realização do estágio.

Assim, no dia 9 de setembro de 2015 cheguei à redação do *JL*, com sede em Paço de Arcos, para iniciar o meu estágio curricular com a duração de três meses, sendo que o seu término foi no dia 8 de dezembro de 2015. Estava um dia soalheiro, entrei no edifício e desde logo fiquei impressionada com o seu tamanho. Trata-se de um edifício grandioso, com uma arquitetura moderna, que alberga vários jornais e revistas no seu espaço, como o *Expresso*, *Visão*, *Blitz*, *Activa*, entre outros. Fui encaminhada para o segundo piso, onde se situa, então, a redação do *JL*. Encontra-se no mesmo espaço que a revista *Visão*, ainda que num pequeno canto da sala. No entanto, trata-se de um espaço acolhedor, rodeado de livros e de *JL* antigos. Chega a ser espantosa a quantidade de livros que observamos naquele pequeno espaço. Na verdade, encontra-se um pouco de tudo, desde romances, livros históricos, livros infantis, enciclopédias, dicionários. A redação do *JL* quase que acaba por ser uma pequena livraria. Ao lado da redação, fica um pequeno gabinete, o do diretor, José Carlos de Vasconcelos, onde se avista uma pequena secretária no canto ao lado da janela. De resto, todo o espaço é coberto de livros, que se empilham quase ao teto.

Mas, continuando o relato do meu primeiro dia de estágio, fui recebida pelo Manuel Halpern, o meu supervisor. Até à data, apenas tinha falado com ele por telefone. Com o seu jeito tímido, mas com um sentido de humor fantástico, o Manuel Halpern esteve sempre disposto a ajudar-me; mostrou-se compreensivo e ajudou-me muito na minha evolução durante o estágio. Nesse primeiro dia, depois de me mostrar a redação e explicar o funcionamento do jornal, levou-me até àquela que seria a minha secretária durante os três meses seguintes. Era uma sensação curiosa aquela de estar sentada numa secretária única, com um computador pessoal numa redação de um jornal. Sentia-me ansiosa, com medo de não corresponder às expectativas que eu própria tinha criado. Tudo era novo para mim, o espaço, a redação, as funções de jornalista, os funcionários. Alguns minutos depois, chegou

à redação o Luís Ricardo Duarte, outro dos jornalistas que faz parte da redação do *JL*. Depois de se apresentar, começou logo por me dar conselhos valiosos. Não só naquele primeiro dia, mas durante todo o estágio, o Luís Ricardo Duarte, com a sua personalidade calma e paciente, foi uma presença fundamental para mim. Tinha sempre a frase essencial no momento certo. As suas conversas eram sempre reflexões, encorajava-me a enfrentar as minhas dificuldades e a ser mais confiante. Os seus conselhos diários foram-me bastante úteis, pois confesso que me senti bastante insegura em vários momentos durante o estágio.

Nesse mesmo dia, conheci ainda a Rita Santos. Mais do que uma colega de trabalho, a Rita tornou-se uma boa amiga. Foi um apoio muito grande para mim, porque, desde logo, me familiarizei com ela. Acho que o facto de sermos as duas da mesma idade fez com que todo o trabalho realizado em conjunto resultasse bastante bem, porque tínhamos ideias e objetivos muito parecidos. Nos dias seguintes, conheci a Maria Leonor Nunes, umas das jornalistas que há mais tempo está no *JL*; uma ótima jornalista que, graças à muita experiência que tem, me ensinou muita coisa, mesmo em dúvidas mais ou menos óbvias cujas respostas parecessem, também elas, evidentes, a Maria Leonor Nunes estava sempre disposta a ajudar-me. Aliás, todos os membros da redação estiveram sempre disponíveis para mim. O diretor, José Carlos de Vasconcelos, encontrava-se de férias naquele momento, pelo que só o conheci alguns dias depois. Apesar de assumir uma posição mais elevada na redação, foi igualmente compreensivo comigo e também esteve sempre disponível para qualquer dúvida que me pudesse surgir.

Estava perante o início de um estágio curricular que se apresentava muito mais do que isso. Era uma nova experiência, iria aprender a assumir uma posição como jornalista num jornal de prestígio, feito por ótimos jornalistas e críticos, por isso em nada eu queria falhar. Todavia esta experiência também me ensinaria que seria com esses erros e falhas que eu iria aprender a encarar o mundo do trabalho, assim como a relacionar-me com os colegas de trabalho — e nisso, posso garantir que fui muito privilegiada, porque tive os melhores colegas que poderia desejar. Já o referi, num capítulo anterior, mas quero voltar a sublinhar, que o ambiente que existe no *JL* é excecional; há uma entreajuda muito grande entre todos os membros da equipa e isso contribui para que as coisas corram ainda melhor.

1.2. Descrição das tarefas realizadas

O primeiro dia de estágio, 9 de setembro de 2015, serviu para apreender muita informação. Depois de conhecer as instalações do edifício, tive uma pequena conversa com o Manuel Halpern sobre algumas bases fundamentais do *JL*, como a estrutura do jornal, normas de funcionamento do mesmo, horários a cumprir; enfim, os aspetos principais que garantem que o jornal esteja finalizado no dia em que tem de ser obrigatoriamente impresso, para seguir para as bancas.

Assim, comecei por aprender a utilizar o *Content Station*, um programa que permite a construção e a publicação dos conteúdos do jornal, no qual a *designer* gráfica procede ao seu ajustamento, de modo que as páginas do *JL* estejam prontas para seguir para a impressão. A sua utilização é fundamental para a produção do jornal. Não é complicado de todo mas requer muita prática e atenção. Admito que, inicialmente, tive algumas falhas de distração, o que não pode de todo acontecer, uma vez que implicam que os conteúdos não fiquem publicados. No entanto, foi algo que ultrapassei rapidamente, pois a melhor forma de aprender a usá-lo é, sem dúvida alguma, a experiência e a sua utilização constantemente. A razão de ter aprendido a manusear este programa logo no primeiro dia prendeu-se com a primeira tarefa que o Manuel Halpern me incumbiu: a publicação de alguns artigos no *site*. Ora, antes da publicação dos artigos na página da *Internet*, é necessário recorrer ao programa para retirar os conteúdos, já que o que surge no *site* é, maioritariamente, o mesmo que sai no jornal em formato papel.

Deste modo, ainda no meu primeiro dia de estágio, aprendi também a utilizar a base de dados do *site* para publicar conteúdos. A página na *Internet* do *JL* está integrada na da revista *Visão*. Desde logo, fiquei responsável por, quase todos os dias da semana, publicar artigos no *site* e também partilhá-los no *Facebook*. O objetivo era tentar tornar ambos mais ativos, já que, tendo em conta que a equipa de jornalistas do *JL* é reduzida, é complicado serem eles a efetuar esse trabalho. Desta maneira, ficava sob a minha responsabilidade pelo menos a colocação de um artigo por dia. Iria exercer outras tarefas, por isso teria de conciliar todas as atividades. Quando possível, colocavam-se mais artigos. Existiam duas hipóteses para eu fazer esta tarefa, ou colocava um artigo por dia, ou colocava todos os artigos no mesmo dia, programando as datas e as horas, de modo que em cada dia da

semana saísse um deles. O Manuel Halpern colocou essa hipótese ao meu critério, por isso, conforme o trabalho que eu tinha a meu cargo, via qual a melhor opção.

Foi com bastante agrado que aceitei este desafio. Tenho bastante interesse pelo mundo digital e vi, desde logo, esta aproximação com os conteúdos *on-line* como uma aprendizagem essencial nos tempos que correm. Não foi uma primeira tarefa fácil. Todo o meu desconhecimento em relação à base de dados causou-me desconforto; parecia-me tudo muito difícil e confuso. Em parte, acho que se deveu também ao facto de ter de absorver toda aquela informação no mesmo dia. Assim, terminei a minha primeira tarefa com um misto de sentimentos. Por um lado, sentia receio e insegurança, mas por outro estava satisfeita por começar a aprender coisas novas e esse era um dos objetivos do meu estágio. De sublinhar que, passados alguns dias, me fui familiarizando com o *site*, passando, assim, a desenvolver os conteúdos de uma forma muito mais rápida e autónoma. As dificuldades relativas à base de dados estavam a ser ultrapassadas.

No dia 10 de setembro de 2015, cheguei ao *JL* e notei um ambiente de ansiedade. O diretor, José Carlos de Vasconcelos, ainda se encontrava de férias e a próxima edição tinha de estar terminada até ao dia 14 de setembro. Desta maneira, desde logo comecei o meu estágio a sentir os momentos de stresse vividos no *JL*. Sendo eu uma pessoa que tenta realizar tudo com a máxima antecedência, foi-me complicado entender que todas as redações funcionam assim. Este fator não tem diretamente que ver com a capacidade de organização dos jornalistas, mas quando tomamos contacto com uma redação é que passamos a ter consciência de como há uma dependência em relação ao trabalho dos outros. Passo a explicar: no caso do *JL*, há colaboradores que escrevem artigos/crónicas, que nem sempre nos chegam na data pedida, o que cria constrangimentos. Também a disponibilidade dos entrevistados interfere nesta organização de tarefas e, claro, as alterações de última hora que não se podem prever.

Continuando a narração deste meu segundo dia de estágio, perante esta ânsia para conseguirmos terminar a edição do *JL*, foi-me dada a tarefa de realizar algumas “breves” (ver anexo 1). Era a minha segunda tarefa. As “breves” são notícias curtas que anunciam inaugurações de exposições, lançamentos de livros, conferências, festivais. Foi interessante, porque, quando me entregaram esta tarefa, todos os jornalistas do *JL* se manifestaram, referindo que era “o exercício mais complicado de realizar”. Na verdade, não quis crer,

observei edições anteriores e não encontrava dificuldade. Para ser sincera, até me parecia bastante fácil. Porém, após começar o exercício, comecei a sentir as primeiras dificuldades. Recebi várias mensagens de correio eletrónico que continham bastante informação e tinha de resumi-la. O grande problema encontrado foi como conseguir escrever tão pouco sem deixar de parte informação importante. Foi uma tarefa que colocou à prova a minha capacidade de síntese. De mencionar que, graças às “breves”, estava sempre informada acerca dos eventos que iriam ocorrer nos dias seguintes. Quando não existia informação suficiente para criar as “breves”, realizava pesquisas ou procurava eventos que merecessem destaque. Acabei, assim, por também praticar formas de pesquisa; um elemento fundamental para se ser um bom jornalista é aprender a pesquisar a informação correta. Com os novos meios de informação sabemos que existe uma quantidade muito grande de informação que por vezes não é verdadeira.

Ainda para esta edição do *JL*, o número 1173, tratei da revisão de alguns dos conteúdos publicados. Como já mencionei ao longo do relatório, a revisão de textos é assegurada pelos jornalistas do *JL*. Também esta tarefa era de grande responsabilidade. Tinha de verificar se existiam erros ortográficos nas frases, palavras repetidas, em suma, tinha de estar atenta a todos os pormenores do texto, de forma que o melhorasse. Realizei esta função em todas as edições do *JL*. Cheguei à conclusão de que é um trabalho que requer muita atenção, pois o texto tem de ser lido várias vezes, principalmente, quando tem muitos caracteres. No entanto, gostei muito de realizar esta atividade, porque, ao mesmo tempo que revia o texto, tinha ali a oportunidade de o ler. Na verdade, era uma forma de eu ler o *JL* e de ter contacto com a escrita dos colaboradores e dos jornalistas da redação.

Depois de terminada a edição do *JL*, chegou o dia da minha primeira reunião com todos os jornalistas. Termina-se sempre a edição do *JL* à segunda-feira e, no dia seguinte, terça-feira, por norma, realizam-se as reuniões, salvo exceções em que, por alguma razão de força maior, não há possibilidade de o fazer. Estava nervosa, não tinha qualquer ideia de como, na prática, era uma reunião numa redação; apenas sabia que era nessa reunião que se discutiam quais os temas e artigos a produzir para a próxima edição, por isso realizei uma pesquisa para perceber quais as novidades culturais que mereciam destaque. Investiguei o que existia de livros e discos novos, se recentemente tinha sido atribuído algum prémio, por exemplo. Queria sentir que estava preparada para aquela reunião. Acabou por ser muito

mais fácil do que eu estava à espera. Apesar de ser uma reunião de trabalho e de os assuntos serem tratados com a maior seriedade, o ambiente descontraído que se vive no *JL* continua naquela pequena sala. O diretor, José Carlos de Vasconcelos, começou por perguntar a cada jornalista as suas sugestões para a próxima edição; discutem-se ideias, reúnem-se conteúdos e realiza-se, então, o esboço do próximo número. Seguidamente fica estabelecida a distribuição de tarefas a realizar. Além disso, aproveita-se ainda para discutir um pouco as notícias da atualidade. Depois, regressa-se ao trabalho, cada um com as suas responsabilidades.

Para a seguinte edição, o número 1174, realizei a minha primeira entrevista (ver anexo 2). A tarefa foi-me sugerida pelo jornalista Luís Ricardo Duarte. Não estava de todo à espera que, a poucos dias do início do meu estágio, me confiassem tamanha responsabilidade. A minha reação foi de surpresa, felicidade, porém, ao mesmo tempo, de pânico. Nunca tinha feito qualquer entrevista e, francamente, não me sentia segura. Porém, o Luís Ricardo Duarte, com um ar bastante seguro, entregou-me o livro, disse-me para o ler, para pesquisar sobre o autor e para preparar a entrevista; de resto, ele e toda a equipa do *JL* estariam lá para me ajudarem nas minhas dúvidas. Assim foi. Olhei para o livro e surpreendeu-me o título, *Do Outro Lado do Mar*. Era um romance histórico do escritor João Pedro Marques, totalmente desconhecido para mim. Rendi-me à obra e ao estágio, pois podia regressar aos meus hábitos de leitura. Desde modo, comecei por ler o livro na íntegra. Não queria correr o risco de me falhar algum pormenor importante. Depois da leitura, encetei uma intensa pesquisa, nomeadamente sobre o autor e sobre as suas obras e ensaios publicados.

Para realizar ainda um melhor trabalho, o Luís Ricardo Duarte mostrou-me a *Gesco-Bdinfo*, que é o arquivo do grupo Impresa. Nesta base de dados, basta aceder ao motor de pesquisa e podemos explorar todas as entrevistas e notícias que já foram realizados pelo *JL* ou pelas outras revistas e jornais pertencentes ao grupo. Assim, esta minha tarefa deu-me também a oportunidade de explorar o arquivo.

Regressando à entrevista, comecei, então, a prepará-la reunindo uma série de perguntas que considerava importantes terem-se em conta. Seguidamente, aconselhei-me com o Luís Ricardo Duarte sobre a qualidade das interrogações. Ele deu-me algumas sugestões e disse-me que, apesar de eu ter as perguntas feitas, tinha de me precaver para o caso de o

seguimento da conversa não ir por esse caminho; disse-me ainda que, mais importante do que a preocupação com as minhas perguntas, era eu ter a capacidade de ouvir as respostas do entrevistado e, consoante isso, direccionar a restante entrevista. De facto, o Luís Ricardo Duarte tinha razão, das vinte perguntas que eu tinha prontas para fazer, apenas utilizei três.

Estava pronta para realizar a tarefa. Telefonei ao João Pedro Marques e realizei a entrevista sobre a sua mais recente obra, *Do Outro Lado do Mar*. Foi feita via telefone, que coloquei em alta voz, e gravei com um gravador. Apesar de estar bastante nervosa, a conversa fluiu bastante bem e a tarefa estava quase terminada. Digo quase, porque o mais complicado veio a seguir. Tinha cerca de dezasseis minutos de conversa para resumir em cerca de 3 500 carateres. Primeiramente, e devido à minha falta de experiência, passei todo o conteúdo da entrevista para o programa *Microsoft Word*. Caí no primeiro erro. O Manuel Halpern aconselhou-me a fazer a edição da entrevista ao mesmo tempo que a passava. No entanto, pareceu-me muito complicado conseguir gerir esse processo. Assim, acabei por perceber que perdi muitas horas com a passagem da entrevista, o que, na verdade, não era o mais importante. Porém, serviu-me para não o voltar a fazer. Seguidamente, veio o trabalho de síntese. A meu ver, a parte mais complicada desta tarefa, pois tudo o que o entrevistado tinha referido parecia ter importância. No entanto, estas questões também foram ultrapassadas ao longo do estágio e, apesar de ter realizado mais entrevistas que refletiram a minha evolução enquanto jornalista — que mencionarei mais à frente — considero que esta foi a que mais me marcou. Talvez por ser a primeira.

A edição número 1174 do *JL* ficou, assim, marcada pelo meu contributo com a entrevista para o “Breve-Encontro” da secção *Letras*, realizada ao professor e investigador João Pedro Marques. Para este número, além das “breves” e do trabalho de revisão, que já mencionei ter realizado em todas as edições, tive a oportunidade de desempenhar uma nova tarefa. Refiro-me às pequenas notícias, um máximo de 600 carateres, que ocupam a página número dois do jornal. Realizei uma sobre o “2.º Festival Ibérico de Teatro” (ver anexo 3); desenvolvi uma outra notícia, com o máximo de 1 000 carateres sobre o “Arquiteturas Film Festival” (ver anexo 4), esta última desenvolvida em conjunto com a Rita Santos. Estas pequenas notícias foram também um desafio, uma vez que nunca tinha feito nada no género. Apesar de não ter sentido grandes dificuldades na sua execução, faltavam-me certas bases que faziam a diferença na qualidade da notícia. Todos os jornalistas do *JL* foram

incríveis nesse aspeto, corrigindo todos os meus erros e sugerindo formas de os melhorar. Mais uma vez, escrevi algumas “breves” (ver anexo 5).

Durante esta semana de preparação para a edição número 1174 do *JL*, escrevi ainda uma notícia para colocar no *site* intitulada “Lisboa Acolhe - Um Concerto Solidário” (ver anexo 6), referente a um espetáculo que tinha como objetivo a angariação de fundos para o acolhimento de refugiados. Tratava-se de uma notícia mais curta e objetiva, que seguia os parâmetros do jornalismo *on-line*. Foi uma forma de interação com o *site* e com o *Facebook*, pois também procedemos à sua partilha nesta rede social.

Dia 29 de setembro. Estava há dez dias no *JL* e já na reunião que dizia respeito ao número 1175, o terceiro de que eu fazia parte. Novamente, conversamos a respeito da próxima edição e dividimos tarefas. Desta vez, o diretor, José Carlos de Vasconcelos, propôs-me que realizasse uma pesquisa sobre o que estava no momento a decorrer a respeito da educação. Se iria haver alguma conferência, por exemplo. Esta pesquisa seria para pensar no que se poderia fazer para o *JL Educação*, um suplemento que sai de mês a mês com o *JL*. Após a pesquisa, ficou estabelecido que eu iria desenvolver um artigo sobre o exorbitante peso das mochilas que as crianças levam para a escola (ver anexo 7). Foi uma tarefa muito interessante e completa, pois, para a desenvolver, foi preciso estabelecer alguns contactos e fazer entrevistas. Primeiro, falei com o Doutor Jorge Mineiro — médico ortopedista no Hospital CUF Descobertas — de modo que percebesse quais os riscos para a saúde e para o desenvolvimento da criança. Mais tarde, realizei uma entrevista à Marta Vasco, uma criança de dez anos, para tentar perceber quais as suas dificuldades perante esta situação. Contactei ainda o Fernando Negreira, o fotógrafo que fornece as fotografias ao *JL*, para tirarmos algumas fotografias à Marta Vasco e à quantidade de livros que esta tem diariamente na sua mala. Apesar de ter concluído o artigo, este acabou por não sair no *JL Educação*, por já não haver espaço na edição. No entanto, esta é uma questão importante de se mencionar, porque, ao estagiar no jornal, tomei consciência de que, por vezes, ocorrem imprevistos e os artigos acabam por não sair na data programada. Porém, ficam guardados para uma futura edição. Foi um trabalho que me permitiu, mais uma vez, aprender e ter uma nova experiência. Com ele, também concluí que escrever um artigo implica muito mais do que eu tinha noção.

Estes dias de organização da edição 1175 foram de algum nervosismo. Além de toda a preparação para o artigo que mencionei acima, fiquei ainda responsável por realizar uma entrevista para o “Breve-Encontro” da secção *Letras*. Era a minha segunda entrevista e o modo de preparação não diferiu muito da primeira. Primeiro li o romance e realizei uma pequena pesquisa para estar em condições de seguir para a entrevista. O objetivo era entrevistar a jornalista Joana Ruas sobre o seu mais recente romance, *Os Timorenses* (ver anexo 8). Não começou da melhor maneira, porque a entrevista era para ter sido realizada via telefone, mas, devido à indisponibilidade da entrevistada, tive de a realizar via correio eletrónico. Foi complicado, porque enviar-lhe cinco ou seis perguntas por essa via não seria o mesmo do que uma pequena conversa por telefone. Não havia um seguimento na conversa e isso preocupava-me. No entanto, acabou por correr tudo bem e, mais uma vez, serviu para exercitar a minha capacidade de autonomia perante estes imprevistos.

Na edição em questão, fiquei novamente responsável pelas “breves” e por uma pequena notícia de 600 carateres, “Festival Verão Azul” (ver anexo 9). Auxiliei ainda a Maria Leonor Nunes em algumas pesquisas e revisão de artigos e realizei novamente as “breves” (ver anexo 10).

A edição do *JL* que se seguiu, a número 1176, também me marcou bastante. No dia 20 de outubro de 2015, desloquei-me ao Cinema Ideal, em Lisboa, para assistir ao filme *A Montanha*, de João Salaviza. Era uma sessão apenas para a imprensa, pois o filme só iria estreiar no dia 19 de novembro. O que se pretendia era realizar uma entrevista exclusiva com o João Salaviza sobre o filme, que acabou por ser capa da edição do *JL*. Eu iria acompanhar o Manuel Halpern nessa entrevista, realizando também algumas perguntas. Voltando de novo à visualização do filme, tentei fixar-me em todos os pormenores importantes. Assim, foquei-me no enredo, no cenário, nas cores, no ambiente, nas personagens. Até à data, nunca tinha feito nada parecido, por isso não queria falhar. A entrevista ficou agendada para o dia seguinte, 21 de outubro, pelas catorze horas, na cafetaria e livraria do Cinema Ideal.

Cheguei alguns minutos antes da hora marcada. O espaço era muito acolhedor, rodeado de estantes cheias de livros e com algumas mesas. Ficamos sentados numa mesa perto da janela que dava para a Calçada do Combro, de onde se ouvia o barulho dos elétricos a passar. O fotógrafo chegou e, antes de iniciarmos a conversa, tirou algumas fotografias ao

João Salaviza. Pedimos cafés e iniciamos a conversa. Aquele ambiente não era nada do que eu tinha imaginado, pois tinha criado a imagem de um ambiente mais sério. Na verdade, até foi bastante descontraído, mas sempre com profissionalismo. Fiquei, desde logo, encarregada de gravar a entrevista para, depois, proceder à sua edição. Não me recordo ao certo da sua duração, mas não foram menos de sessenta minutos. O Manuel Halpern conduziu a entrevista, realizando todas as perguntas. Quase no final, passou-me a mim essa tarefa. Fiz cerca de quatro ou cinco perguntas e finalizamos, então, o encontro. Foi uma ótima experiência, porque observei de perto como é que se faz uma entrevista desta dimensão.

Os dias que se seguiram foram dedicados à edição da entrevista. Foi uma tarefa trabalhosa, devido à dimensão da mesma. Também tive algumas dificuldades em entender certas palavras que o entrevistado tinha referido. Contudo, foi um trabalho muito positivo e foi uma grande honra ter acompanhado de perto esta tarefa e ter tido a possibilidade de participar na entrevista (ver anexo 11).

Para o mesmo número, realizei ainda duas notícias de 600 carateres: “Ciclo de Cinema Caminhos da Infância”, “A Bíblia Medieval do Românico ao Gótico” (ver anexo 12) e “breves” (ver anexo 13). Aos poucos, a minha participação no *JL* ia-se tornando cada vez mais ativa. De facto, em cada número novo do *JL*, ia sempre evoluindo, realizando tarefas novas. Sentia-me cada vez mais integrada e familiarizada com a forma de funcionamento do *JL*.

Estava em finais do mês de outubro, a meio do meu período de estágio. Seguia-se mais uma preparação para mais um número do *JL*, o 1177. Este período foi mais calmo do que o habitual. Toda a equipa estava organizada e não surgiram complicações. Graças a esta passagem tranquila, aproveitei para refletir sobre tudo o que tinha feito até ao momento no *JL* e para dar uma vista de olhos em jornais antigos. O Luís Ricardo Duarte sempre me disse que a melhor maneira de eu conhecer o jornal era lê-lo, por isso, sempre que o tempo me permitia, folheava os jornais. Ocupei-me também a pensar em soluções para tornar o *Facebook* mais ativo e em formas de divulgar o *JL*. Tirei algum tempo para atualizar e responder às mensagens que diariamente nos vão chegando por aquela rede social, às quais nem sempre é possível responder imediatamente.

Para a edição número 1177, participei na “estante” do *JL Educação*. Trata-se de um espaço dedicado a livros infantis/juvenis onde o *JL* apresenta livros merecedores de destaque, apresentando um pouco da sua história e do seu autor. Fiquei responsável por duas obras, o *Menino da Mamã*, de Álvaro Magalhães e *A Tribo da Pontuação — A Vida Sentimental dos Sinais de Pontuação*, de Rui Carreto (ver anexo 14). O trabalho consistiu em folhear ou, até mesmo, ler o livro na íntegra se assim fosse necessário, para realizar uma pequena sinopse. Além disso, investiguei o autor e as suas obras anteriores. Também é necessário referir o preço do livro, a editora e o número de páginas, e ainda encontrar a imagem de capa do livro com boa qualidade, de modo que seja colocada no *Content Station*. Acaba por ser um trabalho de investigação e de síntese muito mais complexo do que aparenta. É preciso entender o conteúdo essencial do livro, o que ele aborda e com que objetivo. Ser jornalista implica ser capaz de criar essa objetividade, para não cair no erro de dar informação ao leitor que não é relevante de todo.

Para esta edição, a Maria Leonor Nunes estava a desenvolver um artigo sobre a exposição *O Círculo Delaunay*, que se encontrava, na altura, patente no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. Auxiliei-a nas pesquisas necessárias, na revisão de texto e na procura de dados. Tudo isto se traduziu numa forma de eu ficar também mais atualizada relativamente ao campo das artes plásticas, área que também me fascina bastante. Realizei ainda uma pequena notícia a informar sobre a “Mostra de Teatro de Almada” (ver anexo 15) e as “breves” (ver anexo 16).

Número 1178 do *JL*. A penúltima edição em que participei. Nesta tive um papel bastante ativo, tendo ficado responsável pela realização de duas entrevistas. Mais uma vez, o “Breve-Encontro” da secção *Letras* e, pela primeira vez, pelo “Breve-Encontro”, que abre o *JL*. Vou começar por este último, dado ter sido uma experiência que me marcou muito durante o estágio. O Manuel Halpern perguntou-me se eu queria ir a uma conferência de imprensa no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, sobre a nova exposição que iria receber, a Coleção Masaveu. Respondi imediatamente que sim. Era no dia seguinte e não sabia o que esperar. Fiz algumas pesquisas sobre a Coleção Masaveu, que me era totalmente desconhecida. Senti uma grande ansiedade, novamente, por ter de lidar com tempos tão curtos para realizar as tarefas. O trabalho não aparece quando o desejamos, nem controlamos tal coisa, por isso, temos de aprender a lidar com estas situações. Em parte,

esta ansiedade até foi boa, pois revelou-se uma maneira de me habituar ao mundo do trabalho.

As coordenadas foram-me dadas pela assessora de imprensa, Raquel Louçã, com quem falei por telefone. Informou-me que a visita à exposição seria feita pelo diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, António Filipe Pimentel, e que o encontro seria no dia seguinte, 19 de novembro, às 12 horas. Cheguei cerca de trinta minutos antes da hora prevista. Estavam presentes vários meios de comunicação, jornalistas da *Lusa*, *Diário de Notícias*, *RTP*, entre outros. Primeiramente, fomos recebidos pelos responsáveis do gabinete de comunicação, que perguntaram a cada jornalista a que jornal pertencia e nos entregaram uma pasta com alguns folhetos sobre o museu e sobre a exposição em questão, e ainda um CD que continha todos os quadros da Coleção Masaveu presentes no museu. Cerca de uma hora depois, chegou o diretor do museu, António Filipe Pimentel, acompanhado pelo Comissário da exposição. Começou pelas apresentações, por fazer uma introdução sobre o que é a Coleção Masaveu e por manifestar o seu agrado pela presença desta exposição no museu. Seguidamente, começou a visita. Todos os jornalistas o seguiram pelas várias salas, observando as obras e tirando apontamentos. No fim, houve oportunidade para algumas perguntas. Senti-me um pouco tímida no meio dos jornalistas; nunca tinha assistido a nenhuma conferência de imprensa e não estava completamente à vontade. Porém, encarava aquilo como um desafio. Finalizada a conferência, dirigi-me à responsável de comunicação para perguntar se seria possível fazer uma breve entrevista ao diretor do museu. No entanto, devido à sua indisponibilidade, a entrevista acabou por não se realizar pessoalmente, mas por telefone, no dia seguinte.

Deste modo, conforme tinha ficado agendado, conversei com António Filipe Pimentel pelo telefone sobre a exposição da Coleção Masaveu. Uma breve conversa que correu bastante bem e resultou no “Breve-Encontro” da secção *Destaque* (ver anexo 17).

O outro “Breve-Encontro” que realizei diz respeito à “estante” da secção *Letras* (ver anexo 18). Foi a última entrevista que fiz no *JL*, mas também aquela em que se revelou uma evolução no modo como foi conduzida, pois revelei muito mais confiança. Sabia que era a última, por isso dei tudo para que corresse da melhor forma. Tentei deixar os nervos de lado e mentalizar-me de que aqueles três meses já me tinham dado provas de que podia ir mais longe. Por isso, não me preocupei tanto com as minhas perguntas, mas mais com as

respostas do entrevistado, de modo que fizesse uma boa entrevista. Trata-se de uma conversa com Dimas Simas Lopes a respeito do livro *Porto do Mistério do Norte*. Foi bastante agradável, pois também o conteúdo do livro o é. Gostei muito da obra e sei que isso ajudou muito para a realização da entrevista. Depois de finalizada, procedi à sua edição, sendo que também senti uma maior facilidade; consegui organizar muito melhor a informação e retirar os aspetos mais importantes. Estava, assim, pronta para publicação no *Content Station*.

Além das entrevistas, redigi ainda duas notícias de 600 carateres, “Democracia na Era Digital” (ver anexo 19) e “Cinema Israelita volta a Lisboa” (ver anexo 20). Foram as duas últimas notícias que desenvolvi e também senti mais facilidade na sua execução. De novo, realizei algumas “breves” (ver anexo 21). Mais uma edição do *JL* finalizada para ir para as bancas.

Foi também neste período de estágio que o *backoffice* do *site* da revista *Visão* mudou. Estando o *JL* integrado nesse *site*, também acabou por sofrer uma grande mudança. Deste modo, os jornalistas do *JL* encontravam-se diante de um novo desafio: perceber o funcionamento do novo *site*, que nada tem que ver com aquele que utilizávamos até à data. Trabalhei em conjunto com o Manuel Halpern no sentido de encontrarmos a melhor solução para integrar os conteúdos do *JL* neste novo grafismo. A primeira dificuldade encontrada prendeu-se com o facto de o *site* em questão estar desenhado para uma publicação que contivesse muitos *posts*, o que não é o caso do *JL*. No entanto, o novo *backoffice* trazia tantas novidades e benefícios que poderíamos aproveitar para ter um melhor desempenho no mundo digital, pelo que tínhamos de o descobrir.

Recordo-me que não foi nada fácil estar dois meses a trabalhar com um *backoffice*, familiarizar-me com a sua utilização, para depois começar tudo novamente do zero. Mas o facto de saber que estávamos a melhorar e que as potencialidades deste novo *site* eram tantas, despertava-me um interesse enorme pelo seu funcionamento. Este era moderno e atualizado, o grafismo era mais atraente e criativo. Além disso, a facilidade de manuseamento permitia que fossem os jornalistas do *JL* a escolher, dentro das opções existentes, a ordem dos conteúdos: podíamos escolher qual a publicação que deveria aparecer em primeiro lugar ou se colocaríamos duas na mesma linha ou apenas uma, por exemplo, ou ainda se a página deveria aparecer organizada por secção ou por data. Enfim,

uma série de possibilidades que poderíamos explorar. Nos primeiros dias, andamos às voltas com essa questão, experimentando o que ficava melhor e o que fazia mais sentido, até que nos decidimos por uma determinada ordem e a tornamos fixa. Estávamos perante um desafio e isso foi fortalecedor para a equipa.

Assim, graças ao novo *backoffice*, conseguimos fazer determinadas coisas que antes não eram possíveis. Refiro-me à possibilidade de acompanhar os artigos com vídeos, por exemplo; num artigo sobre cinema, coloquei o *trailer* do filme a acompanhar a crítica (ver anexo 22). Sabemos a importância que o vídeo tem hoje em dia, por isso o *JL* estava a inovar. Outra inovação que foi possível realizar foi a construção de fotogalerias. Aquando da inauguração da exposição da Coleção Masaveu, montei uma fotogaleria com as obras que me tinham disponibilizado no CD entregue na conferência de imprensa (ver anexo 23). Publicámo-la no *site* e ainda no *Facebook*. Foi uma tarefa que me deu bastante agrado realizar, porque nunca tinha sido feito algo do género para o *JL*, de modo que tive de explorar ao máximo o *backoffice* para entender como funcionava. Depois de algumas falhas e experiências, consegui montar, então, a fotogaleria. Nesta altura, estava quase a terminar o meu período de estágio, mas ainda tive oportunidade de apoiar a construção de uma outra fotogaleria sobre a “Bienal de Jovens Artistas da Europa”, feita pela Rita Santos. Auxiliei-a nessa tarefa.

Estávamos no dia 24 de novembro e era o dia da última reunião que eu iria ter no *JL*. Foram-me distribuídas as minhas últimas tarefas enquanto estagiária. Desta vez, o meu contributo foi para o *JL Educação*. Foram-me entregues pelo diretor, José Carlos de Vasconcelos, várias caixas cheias de livros infantis e juvenis, nas quais eu faria uma seleção, agrupando as obras por temas ou géneros, desenvolvendo, seguidamente, um texto em que daria a conhecer um pouco dos livros ao leitor (ver anexo 24). Na verdade, já tinha desenvolvido este exercício no *JL*, no entanto, em vez de serem conjuntos de livros, eram obras individuais. Deste modo, o primeiro grupo chamou-se “Aprender a lidar com as emoções na infância”, em que agrupei três livros da mesma coleção, intitulados *Maria do Medo*, *Zé Zangado* e *Filipe Feliz* da psicóloga clínica Rita Castanheira Alves e a *Princesa Poppy: Uma História de Encantar*, da escritora Janey Louise Jones. Ao segundo grupo dei o nome de “Diários”, e juntei *O Diário de um Banana: dantes é que era*, de Jeff Kinney; e *Diário de Sónia & C.ª*, de Luísa Ducla Soares. *O Meu Cão Herói*, de Megan Rix; *Quando*

Hitler Roubou o Coelho Cor-de-Rosa, de Judith Kerr; e *A minha vida fora de série*, de Paula Pimenta, foram os livros escolhidos para integrar o terceiro grupo, “Mudanças inesperadas”. Por último, e porque estávamos na altura do Natal, organizei um quarto grupo, “Espírito de Natal”, em que incluí *A História do Natal* e *O meu livro de orações* de Sérgio Franclim, e o *Pato Amarelo e o Gato Riscado*, de Manuela Castro Neves.

O mais difícil desta tarefa foi selecionar os livros. Infelizmente, não os poderia mostrar todos, por isso tinha de arranjar uma maneira de o seu agrupamento fazer sentido. Além disso, foi um exercício que me tomou alguns dias, pois, primeiro, tive de ler as obras, para, seguidamente, proceder à sua seleção e tentar formar grupos. Admito que não foi fácil, mas acho que o resultado final foi bastante positivo. Depois deste exercício, ainda desenvolvi, também para a “estante”, um livro individual, *A Arca do É*, da jornalista Ana Margarida de Carvalho (ver anexo 24) e novamente as “breves” (ver anexo 25). Estavam, assim, finalizadas as minhas últimas tarefas no *JL*, e cumprida mais uma edição, a número 1179.

1.3. Reflexões finais sobre o estágio no *JL*

Os três meses de estágio no *JL* revelaram-se muito importantes para a minha formação. Os jornalistas que me acompanharam diariamente prepararam-me para ser uma boa jornalista, com rigor e qualidade; ensinaram-me a lidar com os problemas que ocorrem imprevistamente; a reagir da melhor forma e, acima de tudo, contribuíram para que a minha passagem pelo *JL* fosse uma boa experiência. De facto, tive a sorte de me cruzar com ótimas pessoas, que, mais do que meus supervisores e colegas de trabalho, se revelaram meus amigos e uns ótimos conselheiros. Se revelei uma melhoria ao longo do período de estágio, a eles o devo. Desde o primeiro dia de estágio, senti-me integrada; em nenhuma situação fui colocada de parte. O ambiente era fantástico, sabia que podia colocar todas as dúvidas que tivesse e que todos me ajudariam com a melhor das intenções. Nos dias de fecho do jornal — o horário de saída prolongava-se nestes dias — jantava com toda a equipa, sem formalidades.

Quanto às tarefas realizadas, entregaram-me, desde logo, as funções inerentes à profissão do jornalismo: realizei entrevistas, escrevi notícias, revi textos, geri o *site* e o *Facebook*, pesquisei, investiguei. Para meu grande agrado, tive a oportunidade de

experimentar um pouco de tudo no *JL*. Cada tarefa que completei foi significativa e mesmo aquelas em que, por alguma razão, não fui tão bem sucedida, também me ensinaram muita coisa. Na realidade, considero que aprendi muito com os erros e com as asneiras que fiz. Por vezes, chegava a reescrever a notícia mais duas ou três vezes, mas chegava a uma altura em que estava feita e, mais do que isso, tinha a certeza de que estava bem feita, era isso que me deixava aliviada e orgulhosa do meu trabalho.

Foram muitas as dificuldades que senti, cheguei até a colocar a possibilidade de desistir. No *JL*, faz-se bom jornalismo e eu sentia que não tinha as capacidades que são precisas para a função. O meu nível de escrita não era o melhor, era insegura a realizar entrevistas e todo aquele desconhecimento em relação àquela profissão assustava-me. Porém, com o tempo, fui ultrapassando as dificuldades e ganhando mais confiança. Também o ambiente de ansiedade que se vive na redação quando se aproxima o fecho do jornal não foi fácil de gerir, mas fui aprendendo a lidar com isso, apesar de ter sido complicado, e fui percebendo que a realidade do mundo do trabalho é esta, por isso temos de encontrar formas de lidar com esses momentos de maior inquietude.

No entanto, mais do que as dificuldades que encontrei nesta minha experiência, quero salientar as oportunidades que me foram permitidas. O contacto que tive com a redação do *JL* fez-me observar e compreender de perto todo o funcionamento de um jornal, algo que eu desconhecia por completo. Existem várias fases e tarefas que são necessárias para a finalização de um jornal. Graças ao tempo que estagiei no *JL*, tomei contacto com cada uma dessas fases, o que se tornou muito importante para a minha experiência.

Outra oportunidade que o *JL* me deu foi a minha participação em tudo o que se relacionava com o mundo digital. O facto de o Manuel Halpern me ter dado a oportunidade de ficar responsável pelos conteúdos *on-line* no *site* e pelo *Facebook* foi muito importante para mim. Na realidade, considerava que ao participar mais nesse ramo estava também a praticar e a aprender mais sobre aspetos que seriam importantes para a minha vida profissional futura. Apesar de o *JL* não apostar ainda por completo nas novas tecnologias, houve um esforço enorme durante o tempo de estágio para que isso acontecesse, e era isso que me ‘dava luta’, pois estávamos diante de um desafio. Tornei-me uma pessoa autónoma nesta área, tendo interagido com os visitantes do *Facebook*, sempre que possível e, apesar de ter de me dedicar mais a estas questões quando não tinha tantas tarefas para realizar,

pois a base do *JL* é em formato papel e não em digital, esta situação deixou-me bastante satisfeita. Foi das tarefas que mais prazer me deram.

Deste modo, foram as dificuldades, os desafios e as oportunidades encontradas no *JL* que me permitiram um grande crescimento enquanto profissional de jornalismo, mas também enquanto pessoa. Todos os momentos que passei naquela redação traduziram-se em ensinamentos. Fui preparada para realizar várias tarefas ao mesmo tempo, para lidar com os momentos de maior ansiedade, para melhorar o meu nível de escrita. Aprendi a conviver em grupo, devido ao contacto permanente com os meus colegas de trabalho; a debater opiniões e a participar em discussões; coloquei os meus hábitos de leitura em dia (para se ser um bom jornalista é fundamental a prática da leitura); tornei-me menos tímida — as entrevistas não deixam espaço para entrar a timidez — e, acima de tudo, reuni as qualidades precisas para, futuramente, exercer as funções de jornalista numa redação. Não foi fácil, mas foi muito enriquecedor!

Conclusão

A globalização diz respeito a um conjunto de processos que, apesar de serem sobretudo discutidos nos dias de hoje, não surgiram agora. O seu processo remonta pelo menos ao século XV, e foram várias as transformações para permitir que hoje possamos referir o mundo como globalizado. Os navegadores portugueses, por exemplo, com as suas viagens diminuíram distâncias entre culturas; mas também o desenvolvimento dos meios de transporte; o aparecimento do telégrafo; do fonógrafo; do telefone e mais tarde da rádio e da televisão serviram de base ao processo. Porém, o processo veio a intensificar-se ainda mais com a chegada da *Internet*, já nos finais do século XX.

Na verdade, é hoje que os resultados do processo da globalização se apresentam como mais prementes. Com a globalização, os limites de tempo e espaço foram ultrapassados, pois agora é possível contactar com alguém que está do outro lado do mundo em tempo real. Mas o seu impacto não fica apenas no domínio fundamental da comunicação, pois o processo da globalização manifesta-se a nível económico, político e também cultural, muitas vezes como resultado de facto da extraordinária transformação do mundo das comunicações. Sem dúvida, a globalização permitiu uma grande oferta de produtos a consumidores; as descobertas científicas foram bastante facilitadas; a comercialização de produtos entre países tornou-se mais simples; os costumes e tradições de outros lugares começaram a ser conhecidos.

Contudo, a globalização não traz só vantagens, também suscita múltiplos desafios. Alguns dos desafios que têm vindo a ser notados são: o grande problema das desigualdades entre ricos e pobres; o problema do desemprego; o terrorismo, que é facilitado em muito pelos novos meios tecnológicos; o aquecimento global, que surge como uma preocupação de todos; a americanização que influencia o nosso estilo do quotidiano; a transformação de comportamentos na sociedade, onde os cidadãos têm de ser adaptar às novas tecnologias, criando novos hábitos. Todos os aspetos enumerados acima surgem como consequência direta deste fenómeno.

Novamente sublinho a importância da *Internet* na progressão da globalização. Sem dúvida, esta rede surge atualmente como o principal meio a permitir que se estabeleça comunicação com o outro lado do mundo, e para que a informação e o conhecimento circulem com rapidez impressionante. Com a chegada deste meio de comunicação tudo se

alterou. Os cidadãos por exemplo são diariamente atraídos para as plataformas *on-line* e redes sociais. Assim, a *Internet* faz parte do nosso quotidiano, permitindo, entre muitas outras coisas, a compra de livros, a criação de negócios ou a comunicação rápida com o outro que se encontra na outra parte do mundo. Tudo isto é possível sem sairmos das nossas casas. Salienta-se ainda a possibilidade de lermos as notícias nos ecrãs de aparelhos tecnológicos, o que pode eventualmente colocar em causa a existência do papel.

A imprensa escrita, em termos globais, tem sofrido o impacto extraordinário da globalização. As novas tecnologias permitem a existência de novos meios de comunicação, e estes por sua vez possibilitam a leitura de notícias em formatos digitais. As plataformas *on-line* facultam notícias vinte e quatro horas por dia, e ainda a possibilidade da sua constante atualização. Além disso, os jornalistas têm um acesso bastante facilitado à enorme quantidade de informação que existe atualmente. Isto facilita-lhes de certo modo, mas também gera a necessidade constante de avaliar esta informação, dado que qualquer cidadão pode publicar quase qualquer tipo de conteúdos ou informações na *Internet*.

O estudo do presente trabalho debruçou-se sobre o papel do *Jornal de Letras* em face deste novo mundo digital. O *JL* é um jornal cultural, fundado em 1981, que apresenta um jornalismo de qualidade e excelência. Quinzenalmente informa os seus leitores sobre grandes notícias no âmbito da literatura, cinema, música ou teatro. Tem uma redação de três jornalistas, o Manuel Halpern, o Luís Ricardo Duarte e a Maria Leonor Nunes; um diretor, o José Carlos Vasconcelos e ainda, um conjunto de colaboradores de grande prestígio. Desde o seu surgimento, tem como missão chegar as comunidades dos países lusófonos.

Perante a globalização, o *JL* já adotou novas formas para a publicação dos conteúdos do jornal. Uma delas foi a adesão à rede social *Facebook*, onde o *JL* tenta colocar pelo menos um artigo por dia. Esta opção é uma forma de estar mais perto dos seus leitores, respondendo às suas necessidades e opiniões. Além disso, com o *Facebook* o *JL* vê-se mais divulgado, devido à eventual partilha das suas publicações por parte dos leitores.

A outra forma de publicação adotada refere-se ao *site* do *JL*. Contudo, verifiquei que, apesar de o mesmo ter sido alterado recentemente e de ter adotado características gráficas que se enquadram mais dentro dos parâmetros do jornalismo *on-line*, ainda não está completamente integrado nos padrões que podemos encontrar em outros *sites*

congêneres. Uma das principais razões refere-se à falta de publicações regulares. O *JL* coloca apenas um artigo por dia no seu *site*, o que dificulta a interatividade regular com os leitores. Outra das questões prende-se com o facto de raramente serem colocados artigos ou notícias que não aquelas que já se encontram no formato em papel do jornal.

Apesar disso, verificamos ao longo deste relatório que o *site* do *JL* tem grandes potencialidades, que aproveitadas ao máximo poderão resultar numa grande oportunidade de divulgação do jornal. Conforme fui referindo ao longo deste trabalho, existem elementos no formato papel que ainda não foram adaptados ao *on-line*, e que são uma boa aposta e desafio. Refiro-me ao caso da “estante” de livros e dos discos e também à criação de uma agenda com o objetivo de informar os leitores sobre os eventos culturais. Há ainda a questão do vídeo, que está a crescer cada vez mais e pode ter um papel bastante positivo no *site* do *JL*. Todos estes aspetos são fatores cruciais para que o *JL* consiga desenvolver um bom jornalismo *on-line* e atrair novos públicos. Se, por ventura, as visualizações começarem a aumentar, o *JL* pode e deve ainda apostar em publicidade, dado que será uma mais-valia para o jornal, pois aumentará assim as suas receitas.

Perante a sociedade em rede em que vivemos, proponho que o futuro do *JL* possa ser repensado. O *JL* é ainda um jornal tradicional, que se mantém fiel aos seus valores. Continua a lutar pelos seus objetivos iniciais e, naturalmente, a procurar fazer um jornalismo de excelência. No entanto, com a globalização, é preciso muito mais para que o jornal possa enfrentar os desafios da sociedade contemporânea. Assim, julgo que o *JL* se encontra perante novos desafios que vão ao encontro de uma aposta nas plataformas *on-line*. O que proponho não é de todo a extinção da versão em papel do *JL* mas que exista uma complementaridade entre os conteúdos que se encontram em formato papel e os que estão no *site* do *JL*. Além disso, é muito importante que continue a ser o jornal de excelência que é, para combater a enorme concorrência de *blogs* e de outros jornais que se verifica atualmente.

É um facto que o *JL* já apresenta alguns sinais resultantes do processo de globalização, nomeadamente a inserção das novas plataformas *on-line*. Mostra de facto aspetos que o potencializam bastante, nomeadamente a credibilidade e a confiança que é dada ao jornal. Contudo, julgo que estes não são suficientes para que possamos garantir a sobrevivência do *JL* futuramente. A *Internet* é hoje o meio mais claro, fácil e rápido no

acesso dos cidadãos a tudo o que se passa no mundo, por isso o *JL* tem como principal desafio estimular este meio de comunicação e interação e entregar-se a este novo mundo digital.

Referências Bibliográficas

“Aculturação”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/acultura%C3%A7%C3%A3o> (Consultado em 10 de março de 2016).

Cardoso, Gustavo (2003), *Internet*, Lisboa: Quimera.

Cardoso, Gustavo (2005), *Os Media na Sociedade em Rede*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, Manuel (2004), “A internet e a sociedade em rede”, em José Manuel Paquete de Oliveira *et al* (orgs.) *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*, Lisboa: Quimera Editores.

Castells, Manuel (2005), “A Sociedade em Rede”, em Gustavo Cardoso *et al*, *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto: Campo das Letras.

Fontcuberta, Mar de (2010), *A Notícia: Pistas para Compreender o Mundo*, Alfragide: Casa das Letras.

Friedman, Thomas L. (2000), *Compreender a Globalização: O Lexus e a Oliveira*, Lisboa: Livros Quetzal.

Giddens, Anthony (2002), *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa: Presença.

Giddens, Anthony (2007), *A Europa na Era Global*, Barcarena: Presença.

Kerckhove, Derrick (1997), *A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade electrónica*, Lisboa: Relógio d'Água.

Lopes, Anabela de Sousa (2000), “Notícias na Internet: Um novo Jornalismo?”, *Revista de Comunicação e Linguagens*, 27, pp.325-326.

Moreira, Cátia (2015), *O papel da cultura e a cultura no papel: um olhar sobre o jornalismo cultural português através das páginas do Jornal de Letras Artes & Ideias*, Dissertação de Mestrado em Cultura e Comunicação, Lisboa, FLUL.

Naisbitt, John (1994), *Paradoxo global*, Rio de Janeiro: Campus.

Nunes, Paulo (21 de dezembro de 2015), *Aldeia Global*, <http://knoow.net/cienceconempr/gestao/aldeia-global/> (consultado em 6 de abril de 2016).

Ortiz, Renato (2007), *Mundialização e Cultura*, São Paulo: Brasiliense.

Rieffel, Rémy (2004), *Sociologia dos Media*, Lisboa: Porto Editora.

Rodrigues, Ernesto (1997), “JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias”, *Biblos Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, II, pp.1258-1259.

Rodrigues, Jorge Nascimento e Tessaleno Devezas (2009), *Portugal, o Pioneiro da Globalização: a herança das descobertas*, Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico.

Santos, Boaventura de Sousa (2005), *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*, Porto: Afrontamento.

Schiller, Dan (2002), *A globalização e as novas tecnologias*, Lisboa: Editorial Presença.

Soros, George (2003), *Globalização*, Lisboa: Temas e Debates.

Steger, Monfred B. (2006), *A Globalização*, Vila Nova de Famalicão: Quasi.

Stiglitz, Joseph E. (2007), *Tornar eficaz a globalização*, Lisboa: Edições Asa.

Turkle, Sherry (1995), *A vida no ecrã: a identidade na era da Internet*, Lisboa: A Sociedade Digital.

Waters, Malcolm (2002), *Globalização*, Oeiras: Celta.

Wolton, Dominique (2004), *A Outra Globalização*, Miraflares: Difel.

Anexos



João Pedro Marques Amor em tempos de escravatura

■ João Pedro Marques, 66 anos, doutorado em História, foi professor do ensino secundário e da Universidade Nova de Lisboa e, ainda, investigador do Instituto de Investigação Científica Tropical. Acaba de publicar o seu quarto romance, *Do Outro Lado do Mar*, depois de ter lançado *Dias de Febre*, *Uma Fazenda em África* e o *Estranho Caso de Sebastião Moncada*. Ao fim de 30 anos de estudo sobre a escravatura, achou que era um "despêndio não escrever um romance sobre o assunto", até porque a ideia de o fazer sempre esteve lá. Assim, com rigor histórico, entra numa realidade dura, mas que nos marca pela mensagem final, um sinal de esperança mesmo nos momentos mais difíceis. Uma realidade histórica dura cruzada pela amor feliz entre Vasco Lacerda e a escrava Sara.

Depois do ensaio *Who Abolished Slavery?* retrata o tema da escravatura através da ficção. O que distinguiu cada abordagem? É sempre mais difícil abordar através da ficção. Porque a história, que é uma atividade intelectual, tem regras lógicas. Já lá está, tenho apenas que tentar perceber o que foi e encontrar uma maneira de explicar o que aconteceu. Com a ficção é diferente, tenho que dar ao leitor uma ideia de como foi a escravatura e construir uma intriga.

Os romances têm mais impacto nos leitores?

São mais cativantes, apelativos, coloridos, próximos das emoções e das pessoas. Porque num romance posso pôr emoções, num livro de história, não. É algo mais distanciado e racional.

O romance tem descrições muito fortes. Foi uma forma de transportar o leitor para essa realidade?

Sim, pretendi ser o mais realista e o mais completo do ponto de vista histórico possível. Temos a ideia de que a escravatura foi uma coisa horrível. Não o escondi, mas quis também que o leitor percebesse o que era um navio negreiro, um trabalho de um engenho de fabrico de açúcar, o que era ser chicoteado. Que ele percebesse ainda que essa prática abarcou mais gente do que geralmente se diz, e que não foi apenas a questão dos brancos que foram escravizar os pretos, os africanos tiveram envolvidos desde o início no processo de venda de escravos.

No entanto, no meio de tanto sofrimento, um amor vinga...

É uma das mensagens centrais do livro. Mesmo em contextos de grande injustiça e sofrimento, há sentimentos e emoções positivas. Elas estão presentes ou surgem até nas situações mais horríveis, como a da escravatura ou dos campos de concentração. Como mensagem final pretendo deixar essa ideia: quando parece que não há saída ou mais horizonte surge a esperança.



João Pedro Marques "Num romance posso pôr emoções, num livro de história, não"



A escravatura é um tema que toca as pessoas, até porque ainda não acabou, pois continuamos a ver outras formas a reaparecer

A escravatura tem estado afastada da investigação?

Só em Portugal. Em países como os Estados Unidos é uma questão central. É um tema que toca as pessoas, até porque ainda não acabou, pois continuamos a ver outras formas de escravatura a reaparecer.

Como por exemplo?

Todas essas formas de escravatura sexual ou de crianças que atingem números perfeitamente alucinantes. O transporte de pessoas que dão tudo o que têm para poder fugir de uma situação difícil, que atravessam o mediterrâneo e morrem em condições inacreditáveis, muito semelhante às do tráfico de escravos no século XVIII e sobretudo XIX. **JF DANIELA MARQUES**



► João Pedro Marques
DO OUTRO LADO DO MAR
Porto Editora, 368 pp, 16,60 euros

Anexo 3: Notícia “2.º Festival Ibérico de Teatro” – edição n.º 1174 do *JL*, de 30/09/2015 p.2.

2º FESTIVAL IBÉRICO DE TEATRO

O 2º Festival Ibérico de Teatro realiza-se em Setúbal e Palmela entre os dias 2 e 4 de outubro, e tem como objetivo desenvolver um "intercâmbio de espetáculos amadores entre Portugal e Espanha". A organização está a cargo da Federação Portuguesa de Teatro e da Confederación de Teatro "Escenamateur". A mostra tem como principal apoio a companhia GATEM - Grupo de Animação e Teatro Espelho Mágico, anfitriã do Festival. A programação arranca com *O Príncipezinho*, de Saint Exupéry, produzido pela companhia portuguesa. *El Burguês Gentilhombre* de Molière e *Las Troyanas - Mujeres en la batalla* de José António Raynaud, fazem parte da programação do festival.

Arquiteturas Film Festival

■ Sob a temática da Arquitetura, começa amanhã, 1, a terceira edição do Arquiteturas Film Festival, que este ano vai decorrer sobre a ideia “Welcome To The future”. Ao todo são mais de 60 filmes e algumas iniciativas, em vários locais da cidade de Lisboa, como o Fórum Lisboa, o Cinema City Alvade e a Cinemateca.

99 *Dom-ino*, um projeto do coletivo Space Caviar, é o filme de estreia desta terceira edição, que vai passar hoje, 30, às 21h30 no Fórum Lisboa. Um filme que foi desenvolvido para fazer parte da exposição *Monditalia*, na 14ª edição da Bienal de Arquitetura de Veneza.

A *Força do Atrito*, de Pedro Ruivo, assim como *Resort* de Martin Hrubý, *La Corde du Diable* de Sophie Bruneau, *Barbicania* de Ila Bêka & Louise Lemoine e *Concrete Love – The Boehm-Family* de Maurizius Staerkle-Drux são alguns dos filmes que constituem o festival.

De salientar, ainda, a Masterclass de Edgar Pêra, *O (meu) Cinema e a Arquitectura* e o lançamento do livro *Cassiano Branco (1897-1970)* de Paulo Tormento Pinto, a 3 de outubro. Também o Workshop Oficina de Crianças – Máquina do Tempo a decorrer no dia 3 de outubro e o Workshop História Projetadas no dia 4 de outubro fazem parte do programa. ■

■ **NÚCLEO DO TEATRO ROMANO**, do Museu de Lisboa, com reabertura a 30, quarta-feira, às 12h00.

■ **DETOX**, grupo criado pelo guitarrista Nuno Costa, a 9 de outubro, às 21h30, na Culturgest, em Lisboa.

■ **"ESCRITA CRIATIVA" E "LATIM E CULTURA CLÁSSICA"**, dois cursos na Buihosa books&living, em Entrecampos, Lisboa, a partir de 10 de outubro. Preço por aula de 10 euros.

■ **5º FESTIVAL JOVENS MÚSICOS**, Fundação Gulbenkian, até 2 de outubro, com debates, lançamentos de CD's e concertos. Os premiados de 2015, Orquestra Gulbenkian, Músicos do Tejo ou Stratos Quartett, são alguns dos presentes.

■ **HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**, ciclo de Conferências sobre o tema "Do Cameralismo ao Neo-Weberianismo: Itinerário da Administração pública na Europa continental", a 5, às 17 e 30, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

■ **VÍTOR ALVES – O HOMEM, O MILITAR, O POLÍTICO**, de Carlos Ademar, é lançado a 1, às 18h30, na Sociedade de Geografia de Lisboa, com apresentação do Professor António Sampaio da Nóvoa.

■ **MARIA GADÚ** apresenta o álbum "Cuelã", a 8, no Coliseu do Porto, e a 9, no Campo Pequeno de Lisboa, às 21 e 30.

■ **E NA QUEDA RAPOSAR**, de Sónia Baptista, livro da não(edições), lançado a 1, às 22h00, no espaço da Mala Voadora no Porto.

■ **OS INTELLECTUAIS PORTUGUESES E A QUESTÃO DE CASAMANSÁ (1839-1843)**, conferência de Daniel Estudante Protásio, a 7, às 17 e 30, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

Anexo 6: Notícia “Lisboa Acolhe – Um Concerto Solidário” – Site do JL, colocado no dia 24/09/2015.



Assinaturas | Newsletters | Siga-nos nas redes    Login 

'Lisboa Acolhe' - Um Concerto Solidário

MÚSICA | 24.09.2015 às 17h01     0 Comments



Camané, Carlão, Carlos Mendes, Cristina Branco, Dead Combo, Jorge Palma, Márcia, Rita Redshoes, Samuel Úria, Sara Tavares e Sérgio Godinho marcarão presença no concerto "Lisboa Acolhe", organizado pela EGEAC, que se realizará no dia 28 de setembro, segunda-feira, pelas 21h00, no Teatro São Luiz.

Este espetáculo tem como principal objetivo "sensibilizar a opinião pública e angariar fundos para apoiar o acolhimento de refugiados na cidade de Lisboa e no país". Com bilhetes entre 15 e 40 euros, as receitas, resultarão, na totalidade, para as associações que estão envolvidas nesse processo de acolhimento.

Catarina Furtado, Cláudia Semedo e Margarida Pinto Correia serão as apresentadoras do concerto, que terá transmissão em direto pela RTP. Como complemento, realizar-se-ão ainda outras iniciativas, a partir dos serviços educativos da Casa Fernando Pessoa, Castelo de São Jorge ou Museu do Fado.



PUBLICIDADE



NEWSLETTERS VISÃO
SEJA O PRIMEIRO A SABER

- A capa e os grandes temas da revista
- Lazer, cariz e lifestyle
- Histórias do dia

SUBSCREVER



Anexo 7: Artigo “O exorbitante peso das mochilas”.*

O exorbitante peso das mochilas

O regresso às aulas foi há um mês e com ele regressou também o problema que se tem mantido há vários anos, o excesso de peso das mochilas que as crianças habitualmente levam para a escola. A DGC (Direção Geral do Consumidor) antes da escola começou a lançar um alerta para o facto que “a mochila e o respetivo conteúdo não devem exceder 10% do peso corporal da criança (ex: para uma criança com 25 Kg, a mochila não deve pesar mais do que 2,5 Kg)”. O JL falou com a estudante Marta Vasco (10 anos), que pesa 30 kg e a sua mochila com o material necessário chega quase aos 6 kg. “Descontentamento, peso descomunal e falta de autonomia” é o que acontece com a Marta, que disse ao JL que não consegue ir sozinha para a escola, algo que fazia no ano anterior. Porém, agora a frequentar o 5º ano de escolaridade o número de livros subiu substancialmente, o que a condiciona bastante. Queixa-se habitualmente de dores nas costas e questionada sobre deixar a mochila na escola, diz-nos que tal não é possível, porque necessita do material para estudar em casa. As mochilas de rodinhas também não são solução para a estudante que afirma que se “estragam com muita facilidade e não dão tanto jeito”.

De facto o peso exorbitante que colocam dentro das mochilas faz com que haja um elevado risco para a saúde e desenvolvimento da criança. Jorge Droper Mineiro, ortopedista no Hospital Cuf Descobertas, disse ao JL que os riscos prendem-se com “o desenvolvimento de dor nas costas pela compressão exagerada nos discos intervertebrais e agravamento das curvaturas fisiológicas da criança que não tem uma massa muscular suficientemente forte e desenvolvida capaz de conseguir compensar esta carga num esqueleto em desenvolvimento/ crescimento”.

O Doutor Jorge Droper Mineiro fala-nos em soluções, como: “combinar com outros colegas dividirem os livros ou levarem alternadamente”; “os pais dividirem os livros em três consoante a matéria de cada período após a informação dos professores. Assim teoricamente apenas carregarão 1/3 dos livros necessários” e “usar formato eletrónico dos livros”. Sobre a divisão dos livros, alguns já se encontram divididos em vários volumes. Quanto ao formato eletrónico dos livros, é verdade que os nativos digitais são bastante apreciadores deste novo mundo, no entanto não o é acessível a todos.

Deste modo, o problema mantém-se... existem inúmeras soluções mas as crianças continuam a levar a escola às costas!

|

*Não foi publicado por motivos de espaço insuficiente na edição

Joana Ruas Olhar sobre Timor

Com *Os Timorenses* (1973-1980), terceiro volume da tetralogia *A Pedra e a Folha* – em que se inclui *Batalha das Lágrimas* e *Crónicas Timorenses* – Joana Ruas pretende dar o seu "testemunho da vivência de uma época e prestar homenagem a quantos contribuíram para a Libertação do Povo Timorense." Jornalista cultural e tradutora na Radiofusão Portuguesa e no jornal *Nô Pintcha* da República da Guiné Bissau, Joana Ruas nasceu no distrito da Guarda mas foi muito nova para Timor. *Corpo Colonial*, *O claro vento do mar* e *A pele dos séculos* são outros dos romances de que Joana Ruas é autora. Um romance que nos ensina onde, quando, porque e como se desenvolveu este momento da história de Timor-Leste.

Jornal de Letras: Timor tem sido a paisagem dos seus livros mais recentes. O que a liga tão fortemente, também ao nível literário, ao país e à sua cultura?

Joana Ruas: A paisagem dos meus livros é humana quer a ação se passe em Timor-Leste, na Guiné ou em Portugal. Fui muito nova para Timor e estive em Viqueque, uma vila do interior que em 59 havia sido palco de uma grande revolta que iria marcar a história recente do território. Contudo, a minha infância angolana tornou o meu convívio com a população, timorense, chinesa e mesmo goesa muito fácil, o que me ajudou muito naquele isolamento. A fonte da minha inspiração literária teve por motivação dar um testemunho desse convívio fraterno entre pessoas de culturas diferentes.

Na série "A Pedra e a Folha" tem abordado momentos chave da Resistência Timorense. Em "Os Timorenses" foca-se nos anos de 1973-1980... Abordo a partir de 1973 a influência a nível local dos progressos da oposição portuguesa ao regime do Estado Novo com factos significativos como O Congresso de Aveiro e a ida de muitos milicianos contestatários para as colónias. Do lado timorense dá-se igualmente um grande intercâmbio com os políticos timorenses exilados ou integrados nas Forças Armadas Portuguesas nos teatros de guerra africanos. A partir de 1974 com a Revolução dá-se o processo de descolonização que, tendo sido frustrado pelo golpe da UDT e, posteriormente, pela invasão indonésia do território, dá início à Revolução Maubere e à luta contra o invasor. Em 1980, com a derrota militar das FALINTIL e a mor-



Joana Ruas "Resistir é Vencer"

te de Nicolau Lobato e da maior parte dos membros do Comité Central da FRETILIN, a Resistência muda de estratégia, o que implicou uma nova complexidade no processo histórico timorense.

O livro tem dois pólos muito fortes: o do relato histórico e o ficcional. Como encontrou as histórias pessoais que conta neste livro?

Os Timorenses (1973-1980) é um relato histórico em que a participação heroica do povo timorense é dado através da construção de personagens ficcionais, que foram construídas a partir de testemunhos pessoais que recolhi ao longo da minha militância pela causa da libertação do povo timorense e no território.

Este é um romance que apresenta muitos sonhos desfeitos. Qual a lição a retirar da história timorense?

Resistir é Vencer. **JL DANIELA MARQUES**



Joana Ruas
OS TIMORENSES
(1973-1980)

Sextante Editora, 616 pp,
19,90 euros

FESTIVAL VERÃO AZUL

De 15 de outubro a 28 de novembro, realiza-se a sexta edição do Festival Verão Azul. De 15 a 25 de outubro em Lagos e Portimão, e de 14 a 28 de novembro em Loulé e Faro. O Festival começa no Teatro Municipal de Portimão com o espetáculo de Ana Borralho & João Galante, "Só há uma vida e nela quero ter tempo para construir-me e destruir-me". Nove curtas, pelo Fuso - anual de vídeo-arte, serão exibidas no Centro Cultural e no Laboratório de Atividades Criativas, em Lagos. Há, ainda, uma oficina para escolas do primeiro ciclo da Companhia Caótica. O festival encerra com o concerto do Benjam Clementine, no Teatro das Figuras de Faro.

❖ **NICOLAU SANTOS** celebra 35 anos de jornalismo a 1 de outubro, às 21, na Sala CGD do ISEG, também com leitura de poemas, acompanhada pelo Quarteto Manuel Lourenço e os convidados Cláudia Franco e Laura Ferreira.

❖ **NÚCLEO DO TEATRO ROMANO**, do Museu de Lisboa, com reabertura a 30, quarta-feira, às 12h00.

❖ **DETOX**, grupo criado pelo guitarrista Nuno Costa, a 9 de outubro, às 21h30, na Culturgest, em Lisboa.

❖ **"ESCRITA CRIATIVA" E "LATIM E CULTURA CLÁSSICA"**, dois cursos na Bulhosa books&living, em Entrecampos, Lisboa, a partir de 10 de outubro. Preço por aula de 10 euros.

❖ **5º FESTIVAL JOVENS MÚSICOS**, Fundação Gulbenkian, até 2 de outubro, com debates, lançamentos de CD's e concertos. Os premiados de 2015, Orquestra Gulbenkian, Músicos do Tejo ou Stratos Quartett, são alguns dos presentes.

❖ **HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**, ciclo de Conferências sobre o tema "Do Cameralismo ao Neo-Weberianismo: Itinerário da Administração pública na Europa continental", a 5, às 17 e 30, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

❖ **VÍTOR ALVES - O HOMEM, O MILITAR, O POLÍTICO**, de Carlos Ademar, é lançado a 1, às 18h30, na Sociedade de Geografia de Lisboa, com apresentação do Professor António Sampaio da Nóvoa.

❖ **MARIA GADÚ** apresenta o álbum "Guelã", a 8, no Coliseu do Porto, e a 9, no Campo Pequeno de Lisboa, às 21 e 30.

❖ **E NA QUEDA RAPOSAR**, de Sónia Baptista, livro da não(edições), lançado a 1, às 22h00, no espaço da Mala Voadora no Porto.

❖ **OS INTELLECTUAIS PORTUGUESES E A QUESTÃO DE CASAMANSA (1839-1843)**, conferência de Daniel Estudante Protásio, a 7, às 17 e 30, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

❖ **ANTÓNIO ZAMBUJO** em concerto na escadaria central do Amoreiras Shopping, Lisboa, hoje, 30, às 21.

❖ **MASSIMO SPADANO E LUCA GUGLIELMI** apresentam *Boccherini e Mozart em Paris*, concerto com sonatas dos dois compositores, sábado, 3, às 21 e 30, no Palácio Nacional de Queluz.

❖ **LUÍS RODRIGUES** inaugura *Return Home*, exposição de pintura e cerâmica, na Praça do Peixe, Torres Novas, sábado, 3, às 16.

João Salaviza

A escalada da adolescência por um realizador adulto



João Salaviza "Tento sempre que a natureza das pessoas que estou a filmar prevaleça sobre tudo o resto"

Manuel Halpern*

João Salaviza, 31 anos, estudou realização na Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa. Filho do montador e realizador Edgar Feldman, parece talhado para os prémios. A sua primeira curta-metragem, feita ainda na escola de cinema, foi distinguida na secção Take One, em Vila do Conde. Arena, de 2009, depois de ter sido premiado no IndieLisboa alcançou o feito histórico para o cinema português: uma Palma de Ouro em Cannes. Com *Rafa*, em 2012, repetiu-se o fenómeno, desta em Berlim. *Montanha*, a primeira longa, foi seleccionada para o Festival de Veneza e agora está no LEFF. O realizador que vê os prémios como um meio para continuar a fazer o que mais gosta, persegue os mesmos temas, num cinema íntimo e humano.

Uma longa-metragem não é uma curta em ponto grande. Como é que o mais bem sucedido realizador de curtas-metragens português se adaptou ao formato longo? Não acho que *Montanha* seja um filme radicalmente diferente das minhas curtas, antes pelo contrário, a minha relação com o mundo não se alterou por estar a fazer um filme mais longo. Contudo há diferenças de processo, durante a rodagem. Na curta metragem estabelece-se uma relação mais materialista, o filme é algo relativamente palpável, que consigo ver do princípio até ao fim na cabeça antes de dormir. Na longa metragem acontece o oposto, há tantas ramificações e camadas possíveis, sobre as quais o filme se vai construindo, que se transforma numa coisa muito mais escorregadia e que foge ao meu controlo. A produção

das curtas-metragens obriga a um planeamento rigoroso, não se pode perder tempo de rodagem. Na longa, o tempo adicional faz com que o filme se construa a cada dia e, muitas vezes filmo cenas que não sei se vão ser usadas, o que torna o processo ainda mais caótico. E gosto de trabalhar no meio desse caos, quando a realidade se intronete e provoca a própria forma de fazer o filme.

Então haverá um maior receio de perder o controlo? Na curta-metragem perder 20 % do tempo que se tem com a equipa e com os atores para filmar. Em *Montanha* apercebi-me de que podia fazer o filme com blocos de sequências pensadas de uma forma autónoma, que seriam quase recortes da vida deste miúdo, nos três ou quatro dias em que o filme se passa. A ligação

entre as cenas funcionava mais por questões invisíveis do que narrativas. Isso resulta num filme que se aproxima não tanto da adolescência enquanto uma experiência sociológica mas mais enquanto uma experiência sensorial. E, simultaneamente, remete para as minhas próprias memórias.

Portanto o processo dá-lhe mais margem de manobra?

Dá. Houve uma altura que nós percebemos que tínhamos de funcionar quase com uma companhia de teatro pobre, que tem uma cadeira, dois atores, e uma máscara e que com isso pode fazer Shakespeare. Nós aqui tínhamos, três miúdos, a Maria João Pinho e a casa e com estes elementos começámos a criar uma espécie de casulo. Decidíamos na véspera ou na própria manhã onde filmávamos. Muitas histórias paralelas à rodagem acabaram por ficar no filme. As coisas que acabaram por ser incorporadas, três meses na vida de um miúdo de 13 anos são sempre uma eternidade.

Sentiu uma maior responsabilidade neste filme por já ter sido premiado anteriormente?

Não. Eu tenho esta relação muito pragmática com os prémios, eles têm-me facilitado continuar a filmar e foram premiadas porque as fiz como pude e sabia.

A escolha de os atores para si é um ponto essencial, pois torna-se estruturante. Sei que foi um processo longo... Como se desenrolou o casting?

Foi semelhante ao *Rafa*, só que demorei ainda mais tempo. Precisava de um miúdo que trouxesse os últimos vestígios da infância mas que ao mesmo tempo já sentisse a responsabilidade da vida adulta. Comecei por procurar um corpo, um rosto e uma voz que não sei qual é. Tenho uma ideia meio mística que é, saber de antemão, mesmo quando escrevo o filme, que aquele miúdo existe, está em algum

lugar vivo a jogar futebol, tenho apenas de o procurar. Talvez exista, mas às vezes é difícil de encontrar... Demorou oito meses e é como alguém que se apaixona. Fica-se a saber que é ele. Nestes meses e meses de andar a procura do David tornou-se muito claro o momento que o filme não ia existir se eu não o encontrasse. Vi 400 ou 500 miúdos. O David foi logo o quarto ou quinto e, na altura, e lembro-me que quando o conhecemos ainda estávamos a seis meses da rodagem e ele já tinha todas as características da infância que me interessavam mas não sabia se ele seria suficientemente homenzinho para enfrentar alguma situação que eu lhe colocava no guião. Mas, passados quatro ou cinco meses, quando o voltei a chamar, já tinha havido a mudança desejada na adolescência é assim, em cada semana acontece qualquer coisa nova. E apercebi-me que tínhamos de filmar rapidamente, porque se esperasse muito ele mudaria novamente.

Esta experiência de participar num filme há de ter modificado o próprio David...

Sim, esteve uma série de meses com uma equipa de adultos, a ser filmado, com algumas cenas muito complicadas até para uma ator profissional... De alguma forma o filme

“
O dito cinema social parte do princípio de que a existência de alguém depende exclusivamente do contexto e por isso nega às personagens que filma a sua individualidade. Eu quis evitar isso

também lhe provocou este crescimento rápido. Isso sente-se um bocadinho nas últimas sequências do filme (últimos 20 minutos), foram filmados após uma paragem de dois meses, porque eu precisei de montar o que já tinha filmado para perceber de que é que o filme ainda precisava. Há um momento muito preciso quando ele sai da casa da Paulinha, depois de passarem a noite juntos, naquele travelling em que ele cospe antes de ir para casa, se

nós pensarmos nesse plano e retrospectivamente olharmos para o começo do filme que ele acorda e é um corpo ossudo e franzino e frágil. Se pensarmos no que lhe acontece em termos físicos, descobrimos ali uma mudança que é visível, que não é mística, vê-se no rosto, no corpo, uma fisicalidade. Eu queria muito que o filme conseguisse estar próximo destas transformações que acontecem num registo quase diário nesta idade.

O que lhe interessa nestes filmes é mostrar a adolescência e os processos transformadores de personagens numa fase da vida especialmente interessante?

Sim. Interessa-me usar o cinema como um veículo de observação e idealmente conseguir que o cinema crie um espaço para filmar intimidade. Acho que a invenção do cinema permitiu uma nova relação da arte com o mundo, que é filmar as coisas enquanto elas se transformam. Portanto o retratado ao contrário da pintura e fotografia passou a ser um corpo em movimento. Isto levanta a questão: até quanto um corpo pode ou não dar conta da sua própria história? Os meus filmes acabam por ser de um homem só, como o *Arena*, o *Rafa*, que estão sempre de alguma forma sozinhos. Provavelmente no futuro darei um passo que poucos realizadores conseguiram: filmar muita gente ao mesmo tempo, mas sem perder essa noção de individualidade.

No filme há uma certa elegância na forma como evita os lugares comuns. Seria tudo mais compreensível se o pai lhe batesse e a mãe o abandonasse. Mas o mundo do David não é assim tão miserável, a mãe não é tão ausente quanto isso, nem há violência doméstica, o que nos obriga a procurar uma justificação no interior do rapaz, o que se torna muito mais desafiante...

O dito cinema social parte do princípio de que a existência de alguém depende exclusivamente do contexto e por isso nega às personagens que filma a sua individualidade. Eu queria muito que o filme não caísse nisso. Acho que na adolescência há qualquer coisa para além do contexto socioeconómico. A adolescência é um processo violentíssimo e por isso é que em todas as culturas ancestrais existe sempre um rito de passagem no período transição da infância para a maturidade. Na adolescência

é quando percebemos pela primeira vez que todos à nossa volta que damos como imortais irão morrer um dia. E esta percepção de que os nossos pais, ou no caso do David o avô, provavelmente vão desaparecer antes de nós é de uma violência tremenda. Então esta fase do egoísmo das crianças começa a desaparecer ou transformar-se noutra coisa. Até que mais tarde percebemos que nós próprios também vamos morrer. Há dois filmes que foram fundamentais para fazer *Montanha*.

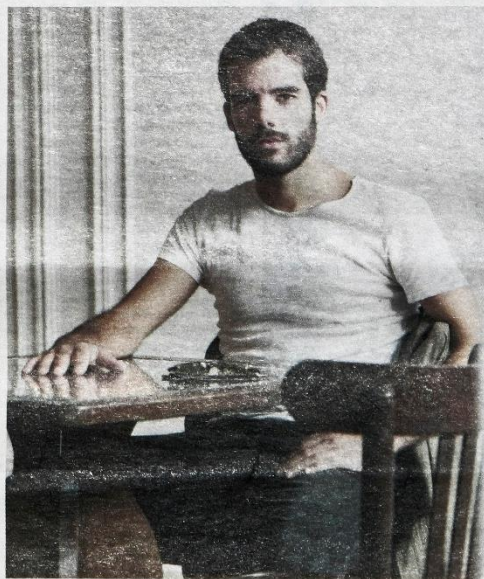
Quais?

O primeiro foi *Rebel Without a Cause*, de Nicholas Ray.

a mãe de alguma forma e um ano na escola. No entanto precisava de passar por isso para se reencontrar consigo próprio.

O que acontece no final. Ele diz: "Dorme, dorme, ainda é cedo", é um ato de proteção e maturidade para com a mãe que não se mostra ao longo do filme...

Logo desde o início do filme há uma espécie de jogo de gato e de rato entre mãe e filho que não se conseguem encontrar. Na cena final acontece o momento inverso, é o David que vai acordar a mãe, uma espécie de apaziguamento. É um ato de consciência de



João Salaviza. Tenho esta relação pragmática com os prémios: têm-me facilitado continuar a filmar

A figura do James Dean naquele filme esteve sempre presente, há uma proximidade, apesar do diferente contexto geográfico e histórico. Tanto o David como a personagem do James Dean são bonitos, embora não tenham a consciência da sua beleza, e vivem com uma angústia qualquer que os próprios não entendem.

Uma revolta interior?

Sim, sobretudo por não entenderem o seu lugar no mundo, na escola e é este o sentido do loser, do cinema clássico americano, aquele que perde tudo mas continua a lutar. O David perde o avô, a rapariga, o melhor amigo,

**“
Interessa-me usar o cinema como um veículo de observação e idealmente criar um espaço para filmar intimidade**

proteção com a mãe. Como quem diz: Dorme, vou poupar-te. Ainda é cedo, ainda temos muito pela frente, agora descansa, que daqui a bocado já vais saber o que é que aconteceu ao avô...

Não chegou a dizer qual foi o segundo filme que o influenciou?

Mouchette, do Bresson, do qual copieei a cena dos carrinhos de choque. Julgo que é a única cena de sexo que o Bresson filmou. Ele choca e choca no carro e ela sorri. É uma espécie de cena de sexo filmada com um tom pudico do Bresson.

E os irmãos Dardenne?

Há um filme que acho incrível, que é o *Roseta*, nessa relação com os corpos, mas eu cada vez me sinto mais distante do cinema dos Dardenne, embora considere que eles são os melhores a fazer esse tipo de cinema. Curiosamente sinto-me mais próximo de um filme de Ozu, que faz três grandes planos por filme, do que dos Dardenne.

Há uma certa ideia naturalista no seu cinema, que nos dá a sensação de estar a ver um documentário, que coabita com um imenso cuidado estético, o que envolve planeamento e preparação. Como se conciliam estes dois conceitos aparentemente antagónicos?

Tento sempre que a natureza da pessoas que estou a filmar prevaleça sobre tudo o resto. Por isso é que é tão importante para mim ter a certeza absoluta de quem vou filmar. Existem muitas cenas na *Montanha* que são muito marcadas e ensaiadas. A cena em que o David se declara a Paulinha foi completamente marcada mas de alguma forma dentro desta provocação que o filme lhes faz. Eu continuo a procurar como é que o David pode manifestar a sua intimidade. Ele é muito físico, tem muita esta coisa de se encostar aos sítios... Eu tento, mesmo quando há limitações impostas pela luz, pela câmara ou pelos próprios diálogos, que não se dilua a natureza do que estou a filmar... Também há cenas de improviso, como a conversa que eles têm sobre o suicídio junto ao viaduto...

A escolha do bairro dos Olivais, em Lisboa, teve alguma coisa a ver com as cores quentes, os tijolos laranja e vermelhos, a ideia de calor?

Há uma razão geográfica em primeiro lugar. Eu cresci num prédio do mesmo período, perto da Avenida dos Estados Unidos (zona onde nasceu o cinema novo). Era um prédio de militares. Eu era o único miúdo naqueles 11 andares. Quis filmar ali mas não foi possível. O mais próximo que arranámos foi este outro prédio nos Olivais, para onde moram militares reformados.

Os Olivais foram tal como Alvalade partiram de uma ideia bonita de juntar pessoas de diferentes classes sociais, mas tornou-se um bairro envelhecido e sem miúdos na rua.

É curioso que o David aparece a olhar para o horizonte, a olhar a cidade ao longe...

Sente a cidade como uma floresta. Um mundo misterioso, que lhe faz um apelo, para que, aos poucos, ele vá conquistando terreno.

A sua primeira longa acaba por se tornar uma celebração do seu próprio cinema, com os mesmos atores... No fundo, esta é a história do amigo do Rafa...

Por um lado há uma família de pessoas com quem trabalho – desde a escola de cinema, muitas dela – e de repente continuam a fazer as minhas curtas e longas. A minha mulher foi assistente de realização, o meu pai ajudou-me na montagem. Ele diz que ao ver o meu filme e reconhece algumas coisas minhas, mas outros lhe passam ao lado. A adolescência passa por esta vida secreta que queremos esconder dos pais. O Carloto e o Rafa eu queria muito que estivessem presentes. Os grandes atores da história do cinema foram os que conseguiram ser eles próprios e fazerem com que as suas personagens fossem manifestações camufladas da sua história de vida... O Nicholas Ray dizia "não lixes a naturalidade de alguém que tem este talento nato" e eu acho que os grandes atores tem esta característica. O Carloto no *Tabu* e no *Arena* é sempre o Carloto... Por isso eu tinha muita vontade de filmá-los novamente, porque a *Montanha* é o fim de um percurso que começou com as curtas. Agora vou filmar no Brasil, num projeto meu e da minha mulher, a Renée (Nader).

No Brasil? Será novamente voltado para a adolescência?

Neste momento a pessoa que queremos filmar é um adolescente do povo indígena brasileiro. Já passei no ano passado duas temporadas de três meses e fiquei com vontade de filmar porque de alguma forma há um contexto completamente diferente de tudo o que nos conhecemos e há características universais... Não é a floresta húmida da Amazônia, mas sim o cerrado. A ideia é viver algum tempo com eles e fazer um filme sem equipa e com muito menos dinheiro. **JL** * DANIELA MARQUES

CICLO DE CINEMA "CAMINHOS DA INFÂNCIA"

"Caminhos da Infância" é o nome do ciclo de cinema programado pela associação "Os Filhos de Lumière", que tem como principal objetivo pensar a educação através de uma seleção de filmes e que decorre nos dias 30 e 31 de outubro, às 21 horas, no CAM da Fundação Calouste Gulbenkian. Infância e Imaginário são os temas que emergem dos filmes e não necessariamente a escola. *Trabalhos de Casa*, de Abbas Kiarostami, e *Zero em Comportamento*, de Jean Vigo, serão exibidos a 30 de outubro. Já no dia seguinte, 31, passam *My Childhood*, *My Ain Folk* e *My Way Home*, de Bill Douglas, e *Tarrafal*, de Pedro Costa.

A BÍBLIA MEDIEVAL - DO ROMÂNICO AO GÓTICO

"A bíblia medieval" estará em foco no Colóquio Internacional de Estudos Medievais que se realiza nos dias 3 e 4 de novembro. Reunindo diferentes especialistas relacionados com o tema, o encontro debruça-se sobre a importância da produção de Bíblias portáteis no século XIII. Paralelamente será apresentando o catálogo dos 35 manuscritos da Bíblia Medievais. Além disso, na Biblioteca Nacional de Portugal será lançado o Catálogo das Bíblias portáteis, "Sacra Pagina", que reúne textos e imagens das Bíblias portáteis do século XIII, que pertence a Luís Correia de Sousa.

■ **DAVID FONSECA** apresenta novo álbum '*Futuro Eu*', todo em português, no CCB, a 30, às 21, e no Teatro de Vila Real, a 7, às 21 e 30.

■ **RUI VELOSO** comemora 35 anos de carreira, no Meo Arena, a 6, às 21 e 30.

■ **LÍDIA**, coreografia de Paulo Ribeiro para a Companhia Nacional de Bailado, a 30 e 31, às 21 e 30, no Teatro Viriato, em Viseu.

■ **TOTAL ECLIPSE OF THE HEART**, peça de Kassys, em cena na Culturgest, Lisboa, de 5 a 7 de novembro, às 21 e 30.

■ **TRIBUTA A AMÁLIA RODRIGUES**, com fados tradicionais, música popular portuguesa e êxitos da fadista, por Maria Mendes e Jorge Baptista da Silva, no Cineteatro D. João V, Amadora, a 31, às 21 e 30.

■ **CAPICUA** em Torres Novas, no 59.º aniversário do Teatro Virgínia, a 31, às 21 e 30.

■ **BONECOS DE SANTO ALEIXO** em digressão, com "Auto da Criação do Mundo": a 27, às 20, na sede da Peripécia Teatro na Aldeia de Coêdo, Adoufe, Vila Real; a 5, às 21 e 30, no Palácio D. Manuel, em Évora, às 21h30; e a 6, às 21 e 30, Teatro das Beiras, no âmbito do Festival de Teatro da Covilhã.

■ **EMÍDIO GUERREIRO** (1899-2005) homenageado nas Conversas com café, a 31, às 11, na Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães.

■ **GUIMARÃES JAZZ**, na 24.ª edição, no Centro Cultural Vila Flor, entre os dias 5 e 14 de novembro, com Oregon, Brian Blade and The Fellowship Band, Cholet Känzig Papaux Trio, Jason Moran, The Taylor Ho Bynum Quinteto e Joshua Redman, entre outros.

■ **LER NO CHIADO NO PORTO**, na Bertrand do Shopping Cidade, a 29, às 18 e 30, com o escritor Mário Cláudio à conversa com Anabela Mota Ribeiro sobre o seu romance *Astronomia*.

■ **DÁ VOZ À LETRA**, concurso da Fundação Gulbenkian, da Porto Editora e da Câmara Municipal do Porto, com inscrições até dia 30.

■ **ADRIANA QUEIROZ** apresenta o novo álbum '*Tempo*' no CCB, em Lisboa, dias 30 e 31, às 21, com acompanhamento ao piano de Filipe Raposo.

■ **CLAÚDIA FISCHER E MANUEL COSTA CABRAL** em conversa sobre as exposições do projecto Aulosten, na Galeria Belo-Calsterer, em Lisboa, a 31, às 17 e 30.

■ **BOCA ABERTA**, projeto de leituras dedicado a famílias com crianças dos 3 aos 6 anos, todos os sábados do mês de novembro, no Salão Nobre do Teatro Nacional D. Maria II, às 16.

■ **NUNO LORENA** com pinturas recentes na Galeria Diferença, em Lisboa, a partir de dia 7 de novembro, às 16.

❏ **MARIA JOÃO E MÁRIO LAGINHA**, na Culturgest, para um concerto integrado nas comemorações dos 40 anos do Provedor de Justiça, a 6, às 21 e 30.

❏ **MOVIMENTO OPERÁRIO PORTUENSE**, de Vítor Ranita, apresentado na Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, a 5, às 18 e 30.

❏ **O ÚLTIMO ROSTO DE CARAVAGGIO**, de Rui Vieira, lançado amanhã, 29, às 19, no Bar a Barraca, em Lisboa, com apresentação de Miguel Real.

❏ **JOÃO PAULO CUENCA** em diálogo com Pedro Vieira, a propósito do seu novo romance, *Descobri que estava morto*, hoje, quarta-feira, 28, na Lx Factory, em Lisboa, às 19.

❏ **O QUE É O HOMEM?**, colóquio na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a 31, a partir das 9 e 30.

❏ **QUATRO FOTÓGRAFOS DE MOÇAMBIQUE**, exposição de Moira Forjaz, José Cabral, Luís Basto e Filipe Branquinho, na Galeria Municipal de Arte, Almada, a partir de amanhã, 29, às 18 e 30.

❏ **ARQUIPÉLAGO**, com imagens das ilhas de São Vicente e Santo Antão de João Ferreira, na Galeria Arquivo, Bens Culturais, em Leiria, a partir de dia 31, às 16.

❏ **CABUL**, criação de Rui Horta em conjunto com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, no Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães, a 30 e 31, às 22.

❏ **AS CRIADAS**, de Jean Genet, com encenação de Paula Pedregal, em cena até dia 8, na Casa de Teatro de Sintra.

❏ **MOSTRA ESPANHA** com duas iniciativas na Bienal AnoZero de Coimbra: "Energia Psíquica", exposição no Círculo de Artes Plásticas (com inauguração a 31) e "Encontro sobre Coleccionismo", na Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, a 1 de novembro.

❏ **A CANTORA CARECA**, de Eugène Ionesco, em cena até 1, no Teatro da Trindade, em Lisboa

❏ **BE WITH ME NOW**, percurso amoroso através da ópera europeia, estreia-se a 10, às 21, na Fundação Calouste Gulbenkian.

❏ **HAMLET**, com encenação de Luís Miguel Cintra para o Teatro da Cornucópia e a Companhia de Teatro de Almada, no Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada, até dia 15.



do mundo", Cristiano Ronaldo. Inventivo e divertido, além dele também aparecem os outros jogadores de futebol mais famosos (e José Mourinho, Jorge Mendes, etc) e... as suas mães. Assim, com ilustrações de Carlos J. Campos, entramos num imaginário mundo secreto, desde criancinhas, do CR7 e de outros craques. "Meninos das mães", "Os três mandamentos", "Ser ou não ser (português): eis a questão" e "Aprendendo a ser rico" são alguns dos capítulos do livro

› **Álvaro Magalhães**

MENINO DA MAMÃ

Verso da História, 144 pp, 14,95 euros

Pontuação



❖ **A Tribo da Pontuação**
– *A vida sentimental dos sinais de pontuação*, de Rui Carreto, é um romance inspirado na obra de Joseph Campbell, que nos leva para o interior de um

livro que "nunca fora aberto para ser lido". Neste mundo mágico vivem personagens como pontos finais, vírgulas, ponto e vírgula, pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências, dois pontos, ou travessões. Também as ilustrações dos sinais de pontuação, feitas por Tânia Bailão Lopes, são um complemento bastante interessante. O livro está dividido em duas partes: as personagens pontuais e a floresta, e um romance pontual.

› **Rui Carreto**

A TRIBO DA PONTUAÇÃO – A VIDA SENTIMENTAL DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Coisas de ler, 164 pp, 16,00 euros

Mostra de Teatro de Almada

■ A partir de amanhã ~~12~~, e até 29, realiza-se a 19ª edição da Mostra de Teatro de Almada, organizada pela Câmara Municipal de Almada e pelos grupos de teatro da cidade, todos eles seus (únicos) participantes. Vão estar em cena 19 espetáculos de outras tantas companhias; e haverá mais de seis iniciativas: exposições, debates, *workshops*, no Teatro-Estúdio António Assunção, no Cineteatro da Academia Almadense, no Auditório Fernando Lopes-Graça e no Teatro Municipal Joaquim Benite. **JL**

❖ **A ARCA DO É**, ou a versão vegetariana da *Arca de Noé*, de Ana Margarida de Carvalho e Sérgio Marques, lançado amanhã, 12, às 18 e 30, na Fnac do Chiado, Lisboa.

❖ **MIRADAS... DE MULHERES**, exposição de pintura de Renata Carneiro, até 5 de dezembro, na Galeria DaVinci, Porto.

❖ **ORATÓRIA DO VENTO**, *Lenda de Santa Maria Egípcíaca*, peça de Vergílio Alberto Vieira, amanhã, 12, às 21 e 30, no Theatro Circo, em Braga.

❖ **PINTURA HABITADA**, filme de Joana Ascensão, exibido a 14, às 18, no Auditório de Serralves.

❖ **LUX FILM DAYS**, mostra de filmes finalistas do prémio Lux de Cinema Europeu, entre os dias 12 e 14, no Cento Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo.

❖ **O LIVRO DE COZINHA DE APÍCIO**, com introdução, tradução e comentários de Inês de Ornellas e Castro, apresentado amanhã, 12, às 18 e 30, no Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

❖ **ANGOLA - DA CERTEZA DA MADRUGADA À CLAREZA DO AMANHECER**, exposição coletiva, inaugura-se hoje, 11, às 21, no Espaço Mira, Porto.

❖ **A TECEDURA DO CAOS**, espetáculo de dança, com coreografia de Tânia Carvalho, a 14, às 21 e 30, no Teatro Virgínia, Torres Novas.

❖ **PRECE GERAL**, exposição de fotografia de Daniel Blaufuks, até 10 de janeiro, no Fórum Eugénio de Almeida, em Évora.

❖ **PARA UMA ENCENAÇÃO DE HAMLET**, de Carlos J. Pessoa, estreia-se a 19, às 21 e 30, no Teatro da Garagem, em Lisboa.

❖ **ACTA ES FABULA**, *Memórias V - Regresso a Portugal (1995-2015)*, de Eugénio Lisboa, apresentado a 19, às 18 e 30, no Centro Nacional de Cultura, em Lisboa.

❖ **TERRAMOTO DOUTRINAL**, livro de Carlos A. Moreira Azevedo, apresentado a 13, às 18, na Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

❖ **FESTIVAL VERÃO AZUL**, em Loulé, com a peça "Os Sete Pecados - Ensaio para uma Cartografia", e em Faro, com "Atlas Faro" e com o concerto de Benjamim Clementine, entre os dias 14 e 28, às 21 e 30.

❖ **ETERNA BIBLIOTECA**, encontro de professores e educadores do Concelho de Sintra, entre os dias 20 e 21, no Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra.

❖ **PÁGINA SAGRADA, DESENHOS** de Siza Vieira, estreia-se amanhã, 12, às 19, na Galeria João Esteves de Oliveira.

> BREVE ENCONTRO <



António Filipe Pimentel
Coleção Masaveu no MNAA

Coleção Masaveu: Grandes Mestres da Pintura Espanhola. El Greco, Zurbarán, Goya, Sorolla é a exposição que está patente no Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), em Lisboa, até 3 de abril, numa parceria com a Rítmica. "A coleção é notável, tem grandes obras incontornáveis, dignas de qualquer museu do mundo" diz ao JL António Filipe Pimentel, diretor do MNAA. A mostra apresenta obras que pela primeira vez saem de Espanha, numa iniciativa preparada especialmente para o museu português.

Esta é a primeira vez que a coleção Masaveu sai de Espanha. Como a conseguiu trazer para Lisboa?
O convite foi feito por nós e os responsáveis pela coleção consideraram-no de importância estratégica. Terão achado que a revelação internacional da coleção no MNAA lhe dará grande prestígio. Empenhámo-nos muito em trazer a exposição para o museu.

Porquê?
Pareceu-nos interessante receber uma coleção de pintura espanhola, tendo em conta o grande contributo de Espanha para a História da Pintura Universal. Depois também pelas relações que naturalmente se estabelecem com o espólio do museu. Ribera, Zurbarán, por exemplo, são pintores que se entrecruzam com o nosso acervo, permitindo um diálogo dinâmico e uma chamada de atenção para a importância da coleção de pintura europeia do MNAA. É tudo isso que faz desta exposição um enorme privilégio para Portugal. Aliás a imprensa espanhola tem-lhe dado grande destaque.

O que se pode esperar ao visitar esta exposição?
Trata-se de uma espécie de história de pintura espanhola entre o século XV e XX, através de uma sequência de grandes obras de grandes mestres, como El Greco, o Zurbarán, o Goya e o Sorolla, entre muitos outros.

Que obras gostaria de destacar?
Há muitas, mas por exemplo, *O Cristo despedido das suas vestes*, de El Greco; a *Santa Catarina*, de Zurbarán. Sorolla tem também uma representação muito qualificada, há uma sala inteira só dedicada a ele. Também há uma virgem com um menino maravilhosa, pintada por Bartolomé Esteban Murillo, que pertenceu a um Infante meo português, neto de D. João VI... A escolha é difícil. Algumas obras são apresentadas aqui pela primeira vez, e é um projeto especialmente feito para nós, não é sequer um remake da exposição de Madrid de 2013, que foi a única apresentação da revelação da coleção após 1987, quando foi exposta uma coleção de 50 obras no Museu do Prado.

Quais são as suas expectativas em relação a exposição?
Que o público português perceba o privilégio que é receber uma grande exposição no MNAA, e não perca a oportunidade de fruir desta coleção que é a mais reservada das coleções privadas espanholas. *af*



Dimas Simas Lopes Quadros da vida do mar

■ Na sequência de *Sonata para um viajante*, de 2012, Dimas Simas Lopes, 69 anos, lança agora *Porto do Mistério do Norte*, um livro que afirma ser "conciso e sem rodeios", que assenta na fala da gente do mar, que não tem voz e que por isso o escritor decidiu oferecer-lhes uma. Médico, pintor, escultor e escritor açoriano, revela-nos que sente uma grande vontade de escrever e de dizer aquilo que tem para dizer aos outros.

Jornal de Letras: De todas as suas profissões qual lhe dá mais prazer?

Dimas Simas Lopes: De todas, porque são irmãs. Vem de uma fonte próxima, a mãe delas é a música, que é também a mãe de todas as artes, mas elas são irmãs entre si e um artista tem isso cá dentro. Um escritor não pode ser ignorante do cinema, da pintura, da escultura, tem de ter contacto com todas essas áreas, para escrever alguma coisa, senão não tem visão do mundo. E todas as artes são muito diferentes, porque não há nada igual neste mundo.

Qual a razão de escrever este livro?

Escrevi-o para contar as aventuras dos homens da pesca, a sua vida e problemas. Pretendi, ainda, falar com antigos baleeiros, pois os grandes aventureiros deste país e nomeadamente daqui dos Açores eram baleeiros. Essas pessoas vêm contar o seu modo de vida e também levantar problemas e, ainda, dizer o que não está certo e as injustiças que há no mundo e por aí fora.

Essas histórias, ouviu-as contar?

Sim. A ficção de um livro tem sempre uma base real. É claro que aquilo que eles me contaram não é exatamente o que vem no livro, eu depois é que cozinhei, elaborei e temperei com as minhas palavras.

E as personagens: são fictícias?

Grande parte das personagens sim. Mas aqueles a quem eu dedico o livro, os Mestres António Cordeiro, João Sabino e João Escunena, são pessoas reais, a quem dei outros nomes e acrescentei a minha ficção e a minha arte de escrever porque eu aprendi com eles coisas do mar.

Como por exemplo?

O que é a maré velha e a maré nova, como é que se olha para as estrelas, como é que o barco antigamente se dirigia para o porto sem GPS e por baixo de nevoeiro. Isso são saberes da meteorologia muito próprios deles, mas são saberes profundos, da geografia, de cosmogonia, de astronomia, que vão passando de geração para geração.

Qual a sua relação com o mar?

Tenho uma casa a 400 metros do mar e vou todos os dias ao mar sempre que lá estou. Sinto uma grande ternura pelos homens do mar, comovo-me quando falo na baleação e nas aventuras dessa gente, porque desde miúdo comecei a sentir as suas coragens. Trabalhar no mar não tem nada a ver com o trabalho de terra, a história é completamente outra.

Sobre a sua personagem, o Tónio... Porquê a escolha desta figura?

Porque o conheci, na realidade, é aqui da



"Cozinhei, elaborei e temperei com as minhas palavras"



Uma obra tem de lançar sempre questões. A minha interpela o que se está a acontecer no mundo, a economia, onde assenta a sustentabilidade dos povos, a distribuição da riqueza

minha terra. É um dos únicos pescadores que ainda sobrevive e vai ao mar, é um homem de sabedorias antigas sobre o mar. Ele fala nas artimanhas, nas habilidades e na arte da pesca, na profissão, mas vai até a crítica social e à crise dos dias de hoje e levanta questões. Garante que o rei vai nu e eu dou-lhe voz para dizer isso.

Que mensagem pretende deixar com esta obra?

Uma obra tem de lançar sempre questões. A minha interpela o que se está a acontecer no mundo, a economia, onde assenta a sustentabilidade dos povos, a distribuição da riqueza. Em quase todos os capítulos ele levanta problemas e diz que há tempos em que há futuros sem esperança, e é esse que a gente vive neste momento. Um futuro sem esperança.... JL DANIELA MARQUES



» Dimas Simas Lopes
PORTO DO MISTÉRIO DO NORTE

Companhia das Ilhas, 164 pp, 14,00 euros

Anexo 19: Notícia “Democracia na Era Digital” – edição n.º 1178 do *JL*, de 25/11/2015 p.2.



Anexo 20: Notícia “Cinema Israelita volta a Lisboa” – edição n.º 1178 do *JL*, de 25/11/2015 p.2.

CINEMA ISRAELITA VOLTA A LISBOA

Sabena Hijacking, My Version, do realizador Rani Saar, vai abrir a oitava edição do Ciclo de Cinema Israelita, que se realiza, entre os dias 3 e 9 de dezembro, no Cinema City de Alvalade, em Lisboa. *The Dove Flyer*, de Nissim Dayan, filme que já tinha sido exibido em 2014 volta a estar em exibição. *Rabin, The Last Day*, de Amos Gitai; *Atomic Falafel*, de Dror Shaul; *Apples from the desert*, de Matti Harari e Arik Lubetzky; *Fire Birds* de Amir I. Wolf e *The Kind Words*, de Shemi Zarhin, vão estar também em exibição nesta mostra, organiada pela Embaixada de Israel em Lisboa e a New Lineo Cinemas, que procura fazer uma seleção dos mais significativos filmes israelistas do último ano.



Anexo 22: Colocação de vídeo no *site* – *site* do *JL*, colocado no dia 17/11/2015.

Assinaturas | Newsletters | Siga-nos nas redes

homens aparecem como meros figurantes das suas histórias. Certamente há uma inquietação sobre a profundidade do universo feminino, mas talvez também haja neste caso a intenção de fazer sobressair a ideia de matéria, tão forte também no Portugal contemporâneo.

Imiscuindo-se na crise, em casos pessoais e talvez exemplares, num Portugal esquecido pelos grandes centros urbanos, Canijo e Moreira revelam que a crise chegou a este Portugal remoto décadas antes da troika, num sucessivo desinvestimento e consequente desertificação. Talvez este seja a mais importante ilação sociológica a tirar do filme.

Curioso é igualmente encontrar a linha de coerência na cinematografia de João Canijo (e de Anabela Moreira enquanto atriz de muitos dos seus filmes). Este Trás-os-Montes que agora documenta tem semelhanças com aquele que ficcionou em *Noite Escura* (2004) e *Mal Nascida* (2007). Por outro lado, há um caminho para o documentário que se inicia, pelo menos, em *Sangue do Meu Sangue* (2011). Ali havia um exigente trabalho de ator e de inserção no meio, na mais pura ficção do real. No seu filme seguinte, *É O Amor* (2013), realizado no âmbito do programa *Estaleiro*, de Vila do Conde, havia uma original fusão entre documentário e ficção, em que a atriz Anabela Moreira se imiscuiu num meio real das da comunidade piscatória de Caxinas, fabricando situações cinematográficas. E agora chega ao documentário, que não é encarado como um mero retrato da realidade, mas um meio mais direto de encontrar personagens e descobrir as suas histórias.

SAPO Portugal - Um Dia de Cada Vez

NEWSLETTERS VISÃO
SEJA O PRIMEIRO A SABER

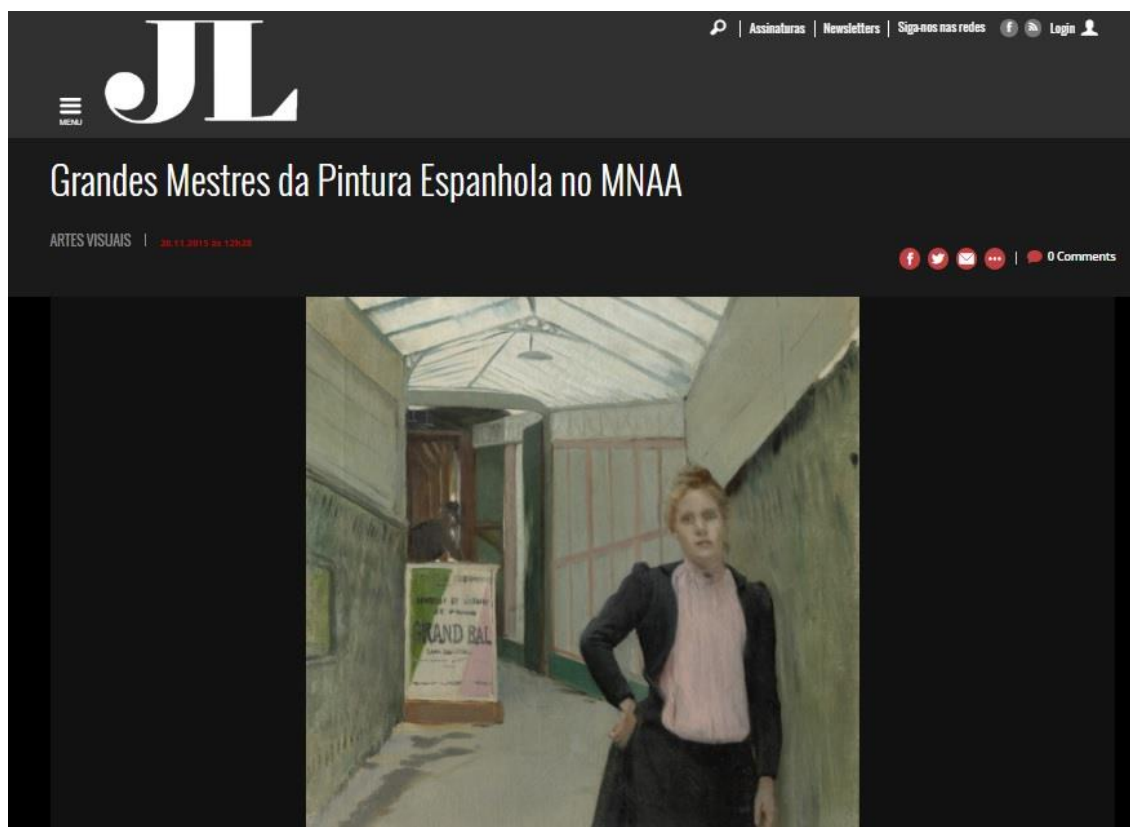
- A capa e os grandes temas da revista
- Lazer, cartaz e lifestyle
- Histórias de dia

Introduza o seu e-mail

SUBSCREVER

JL 1192 05.06.2016

Anexo 23: Fotogaleria da coleção Masaveu – *Site* do *JL*, colocado no dia 20/11/2015.





Aprender a lidar com as emoções na infância

«Filipe Feliz, Zé Zangado e Maria do Medo são os três livros que compõem a coleção Emoções da Psicóloga Clínica Rita Castanheira Alves, autora de A Psicóloga dos Múndos – Guia Prático para todos os Pais e coautora de É Tão Bom Fazer Amigos. Cada livro divide-se em duas partes: uma história para os mais pequenos e um conjunto de dicas e truques que os pais podem utilizar para ajudar os filhos a controlar as suas emoções. Filipe Feliz é um menino como todos os outros, mas que se sente irritado e triste, por isso vai para casa dos avós para se transformar no 'Filipe Feliz' e aprender aquilo que realmente o faz sentir bem e confortável. 'Afinal é tão bom estar feliz/ Até à pontinha do nariz', dizem os Filipe. Já Maria do Medo todas as noites é assombrada pelo medo, 'vai-te embora, não me chateies, não quero pensar em ti', mas vai vencê-lo com a ajuda dos amigos. Por fim Zé Zangado vai conseguir libertar-se da raiva que sente aos poucos 'Mãe, mãe, acho que já sou um Zé Zangadinho'. As ilustrações da designer Carla Nazareth são muito expressivas, o que vai ajudar as crianças a identificarem as próprias emoções. Todos os exemplares são da editora Booksmile, têm 40 páginas e um preço de 8,79 euros. Entretanto, a Coleção Princesa Poppy também se destaca por ser um livro que ensina os mais pequenos a lidar com pequenas questões e situações que se passam na infância. Em Princesa Poppy: Uma História de Encantar (Booksmile, 32 pp, 8,79 euros) da escritora Janey Louise Jones, a professora Malva-Rosa dá um livro para a Poppy ler, mas ela prefere inventar histórias de encantar. Poppy em vez de ser castigada pela professora, vai ter uma grande surpresa, pois a professora vai ensiná-la a ler uma história. Este livro trás ainda uma pequena surpresa, uma carta secreta escrita pela Poppy. Recomendando pelo Plano Nacional de Leitura, a Princesa Poppy é apadrinhada pelo psicólogo e psicanalista Doutor Eduardo Sá.



Diários

«Diário de Sofia % C.ª aos 15 anos (Jacarandá, 164 pp, 8,90 euros), recomendando pelo Plano Nacional de Leitura sétimo, oitavo e nono ano é o mais recente livro da escritora portuguesa Luisa Ducla Soares, que já foi premiada em 1986, com o Prémio Calouste Gulbenkian, pelo seu livro Seis histórias de encantar, em 1996 pelo Grande Prémio Calouste Gulbenkian, pelo conjunto da sua obra e, em 1973 pelo livro A história da popólia, com o Grande Prémio de Literatura Infantil Maria Amália, que acabou por recusar. Deram-me este diário quando fiz anos. Tive tal desilusão quando o desenbrulhei que me apeteceu atirá-lo para o caixote do lixo'. Assim começa o diário de Sofia, uma menina de quinze anos, que não gostou nada do presente que lhe ofereceram. No entanto, num dia chuva, sem vontade de estudar, decidiu começar a escrever neste caderno secreto. Através destas linhas ficamos a conhecer o mundo da Sofia, os seus amigos, aventuras e pensamentos. Entretanto em Diário de uma Banana: dantes é que era (Booksmile, 224 pp, 16,59 euros), de Jeff Kinney, Greg vai ter de enfrentar novos desafios, pois a sua cidade decidiu regressar ao antigamente, após mandar desligar todos os aparelhos eletrónicos. Será que o Greg vai conseguir adaptar-se ou dantes é que era? Jeff Kinney é um escritor e cartunista norte-americano, que foi nomeado como uma das '100 Pessoas Mais Influentes do Mundo' pela revista Time. Há muito que o seu livro é um dos mais desejados pelos jovens leitores portugueses.



Mudanças inesperadas

«O Meu Cão Herói (Booksmile, 272 pp, 13,99 euros) da autora inglesa Megan Rix, conta a história do Joe, que após a morte do pai deseja que o dia de Natal não chegue. Porém, é ao tornar-se voluntário a treinar cães para ajudarem pessoas com deficiência que conhece o Manchinhas, um cachorro que lhe vai trazer um novo sentido

Os legumes do É

«A Arca do É (ou a versão vegetariana da arca de Noé) é um livro infantil da jornalista da VISÃO Ana Margarida de Carvalho, premiada com o Grande Prémio de Romance e Novela APE, pelo livro Que Importa a Fúria do Mar (Teorema); e do ilustrador Sérgio Marques, premiado com quatro menções honrosas em 2012/13 no "Concurso Luso-Brasileiro de Cartum Universitário", e com o segundo lugar na 25.ª Edição do Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora. Um livro encantador para os meninos que não gostam de sopa que conta a história de dois irmãos gémeos, o É e o Não É (conhecido por Noé) que eram muito diferentes. O É estava sempre contente, dedicando-se aos seus legumes, enquanto o Noé era resmungão e falava muito de catástrofes. Certo dia, cai uma grande chuva, o que leva o Noé a construir uma arca para abrigar os animais, enquanto o É foi colher os seus legumes à horta. A arca do É, vai cheia de legumes contrariamente à Arca do Noé, que leva animais. Quando a água começou a



Ana Margarida de Carvalho

baixar os animais regressaram à terra, mas os legumes? O que se fez foi uma grande e agradável sopa pois é 'que alguns miúdos teimam ainda em não gostar de sopa'. As coloridas ilustrações deste livro, assim como o fantástico sentido de humor, prendem o leitor que se vai mergulhando por entre palmeiras, legumes e muita muita água. Uma versão alternativa do conhecido episódio bíblico que marca a estreia de Ana Margarida de Carvalho na literatura infantil.



Ana Margarida de Carvalho
A ARCA DO É (OU A VERSÃO VEGETARIANA DA ARCA DE NOÉ)
Teorema, 48 pp, 12,90 euros

à sua vida, mostrando-lhe que ainda é possível ser feliz. Uma história cheia de emoções, que tem como base a amizade. Megan Rix é apaixonada por cães, sendo tal como o protagonista do livro, Joe, voluntária da mesma associação. Já em Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-Rosa (Booksmile, 256 pp, 14,39 euros), Judith Kerr desvenda a história de Anna, que tem apenas nove anos quando é levada juntamente com o irmão, pela mãe para fora da Alemanha, deixando para trás tudo o que tinha. Um clássico juvenil, publicado pela primeira vez em 1971, que regressa agora às livrarias. A história leva-nos à Segunda Guerra Mundial, baseando-se na vida da própria autora alemã, Judith Kerr, que aos 9 anos teve de fugir com a família da Alemanha, pois o seu pai era um famoso crítico do regime nazi, fazendo-os temer o pior. A Minha vida fora de série, 1.ª temporada (Editorial Presença, 408 pp, 13,90 euros) da escritora brasileira Paula Pimenta, conhecida pelo seu primeiro romance Fazendo meu filme apresenta uma rapariga, Priscila, de treze anos, que após a separação dos pais é obrigada a mudar de cidade. Uma mudança complicada, principalmente na adolescência que a leva a conhecer uma



Espírito de Natal

«A História do Natal e O meu livro de orações do professor e escritor português Sérgio Francim são aconselhados para crianças com mais de quatro anos de idade. As coloridas e cativantes ilustrações pertencem à designer Diana de Oliveira. A História do Natal conta a narração do nascimento de Jesus, adaptada para os mais novos e, explica uma série de curiosidades sobre o Natal. O meu livro de orações é composto por orações para incentivar os mais novos a rezar. O livro divide-se em Orações da manhã; Ao longo do dia; Orações da noite; Rezo; Celebro; Rezo e Orações diversas. Sérgio Francim é licenciado

em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo publicado o seu primeiro livro intitulado Espírito Infinito em 1999. A partir daí publicou um pouco de tudo, desde ficção à poesia, passando pelo teatro e pelo ensaio. Gere ainda o site do Instituto Diocesano da Formação Cristã. Ambos os livros são da editora Booksmile, têm 40 páginas e custam 8,79 euros. Assim como as orações são importantes, também os valores da solidariedade e da amizade devem estar sempre presentes. É isso que serve de base à obra O Pato Amarelo e o Gato Riscado (Caminho, 37 pp, 8,00 euros). Escrito pela professora do 1.º Ciclo Manuela Castro Neves, que tem uma grande experiência de trabalho com crianças, e com ilustrações da designer Madalena Matos, conta a história de dois amigos muito diferentes, um pato amarelo e um gato riscado. Certo dia, os dois amigos perdem-se, começa a cair uma grande chuva, e o pato é levado por um mocho. O gato acaba por ficar sozinho, assustado, mas a partir daí conhece novos animais, que o tentam sempre ajudar, no entanto são sempre impedidos por alguma coisa.

❏ **BREVES NOTAS SOBRE MÚSICA**, livro de Gonçalo M. Tavares que reúne textos para assinalar os 50 anos da Orquestra Gulbenkian, apresentado na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, a 11, às 17 e 30.

❏ **PLAGIAR O FUTURO**, exposição que reúne obras de João Maria Gusmão e Pedro Paiva, Leticia Ramos, Elena Bajo, Jordi Colomer, Marlon de Azambuja, Rosa Barba, Edouard Decam e Luidgi Beltrame inaugura sábado, 12, às 19, no Hangar, em Lisboa.

❏ **LAUF**, espetáculo da coreógrafa Silke Z, do realizador Andre Zimmermann e do criador de vídeo António Cabrita, nos dias 11 e 12, às 21, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

❏ **CONCERTO DE NATAL**, V Ciclo de Concertos, recebe João Vaz (orgão) e Tiago Simas Freire (corneto), a 12, às 17, na Igreja de S.Vicente de Fora, em Lisboa, com entrada livre.

❏ **PASTÉIS DE NATA PARA BACH**, peça de Duarte Guimarães, em cena até 20, no Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada.

❏ **DHAFER YOUSSEF** apresenta o seu álbum *Birds Requiem*, sexta-feira, 11, às 21 e 30, no Centro Cultural de Belém.

❏ **SEM TÍTULO 1994-95**, instalação da artista Helena Almeida que tem como base a expressividade do corpo no espaço patente até 13, no Teatro Nacional de São João, Porto.

❏ **A MORTE E A DONZELA, DRAMAS DE PRINCESAS** da encenação de Alexandre Pieroni Calado estreia a 18, às 21 e 30, no espaço Alcantara, em Lisboa.

❏ **BÚSSOLA E LES CRAZY COCONUTS**, duas bandas que apresentam os seus recentes trabalhos amanhã, 10, às 22, no MusicBox, em Lisboa.

❏ **QUARTO ESCURO**, exposição de pintura de Adriana Molder, inaugura na Sala do Veado do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, marcando o encerramento da sala enquanto espaço de arte contemporânea, a 10, às 22.

❏ **XI CONCURSO DE FADO AMADOR** no Teatro Municipal de Portimão, sábado, 12, às 21h30.

❏ **OSSO**, livro de Rui Zink é apresentado a 9, às 18 e 30, no CineTeatro Garrett, em Póvoa de Varzim.